



**INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS ECONÓMICAS E  
EMPRESARIAIS**

**LICENCIATURA EM TURISMO**

**TURISMO COMUNITÁRIO NO BAIRRO DA RIBEIRA BOTE: PROPOSTA  
PARA O SEU DESENVOLVIMENTO**

**NÍBEL BATISTA MOREIRA**

**MINDELO,**

Fevereiro, 2014



**INSTITUTO SIERIOR DE CIÊNCIAS ECONÓMICAS E  
EMPRESASIAIS**

**LICENCIATURA EM TURISMO**

**TURRISMO COMUNITÁRIO NO BAIRRO DA RIBEIRA BOTE:  
PROPOSTA PARA O SEU DESENVOLVIMENTO**

**NIBEL BATISTA MOREIRA**

**Orientadora:** Professora Mestre Lia Medina

Mindelo,

Fevereiro, 2014

## **DEDICATÓRIA**

Aos meus pais, pelo apoio de  
sempre.

A todos os meus irmãos, minha  
força e razão da minha dedicação.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente a Deus pela força, saúde e sabedoria que me deu desde o começo desta caminhada até o seu término.

Ao Instituto Superior de Ciências Económicas e Empresarias, à coordenação do curso de turismo e a todos os meus professores.

À orientadora, professora Lia Medina, pelo apoio e conhecimento que me permitiu obter.

A todos meus irmãos em Cristo pelo apoio espiritual que me proporcionaram através da constante oração para que essa monografia se concretiza-se com êxito.

Aos líderes do projecto Ribeira Bote Turismo Comunitário, em especial, Charlene Graça e Miriam Lopes, pela sua disponibilidade em conceder-me informações que foram muito úteis para a realização deste trabalho.

Aos meus colegas, companheiros e amigos do curso, pelo incentivo e forças para prosseguir sempre em frente.

Aos técnicos de informática, pelo apoio prestado na formatação do trabalho.

Aos moradores da Ribeira Bote pela sua disponibilidade em responder aos questionários e participarem activamente, dando assim a sua colaboração para que tudo se torna-se realidade.

A todos aqueles que, directa ou indirectamente, me apoiaram na realização deste trabalho.

*Sobre tudo o que deve guardar, guarda o teu coração, porque dele  
procedem as saídas da vida.*

**Provérbios de Salomão - 4: 23**

## ÍNDICE

AGRADECIMENTOS .....	II
INTRODUÇÃO .....	1
a) Hipóteses de investigação .....	5
<b>Capítulo 1. METODOLOGIA .....</b>	<b>8</b>
1. Métodos de Investigação .....	8
2. Recolha dos dados .....	9
2.1. Inquérito por questionário .....	10
2.1.1. População ou universo da investigação .....	11
2.1.3. Análise dos dados dos questionários .....	16
2.2. Entrevistas .....	16
2.3. Técnica da Observação .....	18
2.4. Análise de Casos de Boas Práticas .....	18
<b>Capítulo 2. ENQUADRAMENTO TEÓRICO .....</b>	<b>20</b>
1. Turismo .....	20
2. Turismo Comunitário .....	21
2.1. Turismo como protagonismo comunitário – O património comunitário .....	27
2.1.1. Desenvolvimento Comunitário e importância da Participação Comunitária no seu contributo .....	30
1.1. Público do Turismo comunitário .....	35
<b>Capítulo 3. ENQUADRAMENTO HISTÓRICO DA ILHA E DA COMUNIDADE EM ESTUDO .....</b>	<b>36</b>
1. Ilha de São Vicente .....	36
2. Descoberta e História .....	37
3. Situação Turística na Ilha de São Vicente .....	37
4. Comunidade da Ribeira Bote .....	39
5. Sua História .....	40
6. Aspectos positivos de Ribeira Bote .....	43
<b>Capítulo 4. INVENTARIAÇÃO TURÍSTICA DE RIBEIRA BOTE .....</b>	<b>46</b>
1. A história da Comunidade “Ribeira Bote” .....	46
2. A História da Revolução do Capitão Ambrósio .....	47
3. Ilha de Madeira .....	49
4. Os artesãos e artistas da Ribeira Bote .....	50
5. Os Jovens da Ribeira Bote .....	51
6. Os Mandingas da Ribeira Bote .....	52

<b>Capítulo 5. BOAS PRÁTICAS NO TURISMO COMUNITÁRIO .....</b>	<b>55</b>
1. Boas práticas: Selecção e análise .....	55
2 Turismo Comunitário: Santiago de Okola – Parcerias e Promoção .....	56
3 Turismo comunitário – Micro bacia do Rio Sagrado – Fortalecimento das lideranças e empreendedorismo. ....	57
4 Projecto de turismo comunitário da Prainha de Canto Verde: a busca pelo controlo do próprio destino. ....	60
5 Turismo, Sensibilização e Cidadania na Comunidade da Praia da Penha.....	62
6 América Latina (Rede de turismo comunitário) e Brasil – Redes, formação, parcerias e infra-estruturas .....	63
7 O caso da Reserva de Desenvolvimento Sustentável do Tupé (AM).....	64
8 Turismo de Favelas x Turismo Comunitário.....	65
<b>Capítulo 6. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS .....</b>	<b>67</b>
6.1.1 Tempo de residência na comunidade Ribeira Bote .....	68
6.1.1 Idade .....	68
6.1.2 Sexo.....	69
6.1.3 Estado Civil .....	69
6.1.4 Habilitações literárias .....	69
6.1.5 Situação perante o trabalho .....	70
6.1.6 Profissões dos inquiridos empregados .....	71
6.1.7 Organizações empregadoras.....	72
6.1.8 Família no sector turístico .....	72
6.1.9 Profissão do familiar no sector turístico.....	73
6.1.10 Rendimento líquido mensal.....	73
7. Ofertas e atrativos da comunidade .....	74
7.1. Ofertas aos turistas .....	74
7.2. Turismo comunitário .....	75
7.3. Actividade (turismo comunitário) .....	76
7.4. Benefício Turismo Comunitário.....	77
7.5. Avaliação de satisfação .....	78
7.6. Existência e tipo de associação da comunidade .....	78
7.7. Avaliação do desempenho das associações existências .....	80
7.8. Meios de diversão.....	80
7.9. Festas e tipos de festas tradicionais.....	81
7.10. Organização das festas .....	82
7.11. Participação nas festas.....	82
7.12. Recepção dos visitantes/turistas .....	83

---

## TURISMO COMUNITÁRIO NO BAIRRO DA RIBEIRA BOTE: PROPOSTA PARA O SEU DESENVOLVIMENTO

---

8.1	Existência de Actividades e tipo de actividades relacionadas ao turismo.....	83
8.2	Benefícios do turismo para a comunidade .....	84
8.3	Participação em actividades ligadas ao turismo .....	85
8.4	Trabalho em equipa.....	86
8.5	Trabalho em equipa e o desenvolvimento do turismo.....	86
8.6	Opinião sobre o turismo .....	87
8.7	Recursos e produtos existentes na comunidade .....	87
<b>Capítulo 7. PROPOSTAS E LINHAS ORIENTADORAS, PARA TFC EM RIBEIRA BOTE</b>		
	91	
	CONCLUSÕES.....	99
i)	Recomendações.....	101
	APÊNDICES 1 – Dados de algumas variáveis referentes a caracterização demográfica, as ofertas e caracterização turística da amostra descrito no trabalho.....	110
	APENDÊNCES 2 – Imagens fornecidas pelos líderes do Projecto Turismo Comunitário no bairro da B.B.....	114
	ANEXO .....	117



## ÍNDICE DE TABELAS

TABELA 1: DESAGREGAÇÃO DOS GRUPOS DE INFORMAÇÕES A SEREM APLICADAS NO INQUÉRITO. ....	14
TABELA 2: ESTRUTURA DO QUESTIONÁRIO APLICADA AOS MORADORES DA RIBEIRA BOTE .....	15
TABELA 3: PRODUTOS TURÍSTICOS POTENCIAIS DE SÃO VICENTE .....	38
TABELA 4: DELIMITAÇÃO GEOGRÁFICA E ALGUNS DADOS TURÍSTICOS DA ILHA DE SÃO VICENTE NO CONTEXTO DO TERRITÓRIO DE CABO VERDE.....	39
TABELA 5: INFRA-ESTRUTURAS E SERVIÇOS SITUADOS DENTRO E NOS ARREDORES DA COMUNIDADE. ....	44
TABELA 6: LISTA DE ACTIVIDADES PRODUTIVAS DA COMUNIDADE.....	44

## ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1: TEMPO DE RESIDÊNCIA NA COMUNIDADE.....	68
GRÁFICO 2: IDADE.....	69
GRÁFICO 3: HABILITAÇÃO LITERÁRIA .....	70
GRÁFICO 4: SITUAÇÃO PERANTE O TRABALHO .....	71
GRÁFICO 5: PROFISSÃO DOS INQUIRIDOS EMPREGADOS .....	71
GRÁFICO 6: ORGANIZAÇÕES EMPREGADORAS .....	72
GRÁFICO 7: PROFISSÃO DO FAMILIAR NO SECTOR TURÍSTICO .....	73
GRÁFICO 8: RENDIMENTO LÍQUIDO MENSAL .....	74
GRÁFICO 9: OFERTAS AOS TURISTAS .....	75
GRÁFICO 10: TURISMO COMUNITÁRIO.....	76
GRÁFICO 11: ACTIVIDADES RELACIONADA COM O TURISMO COMUNITÁRIO .....	77
GRÁFICO 12: BENEFÍCIO DO TURISMO COMUNITÁRIO.....	78
GRÁFICO 13: EXISTÊNCIA DE ASSOCIAÇÃO NA COMUNIDADE.....	79
GRÁFICO 14: TIPO DE ASSOCIAÇÕES EXISTENTES .....	79
GRÁFICO 15: MEIOS DE DIVERSÃO EXISTENTE NA COMUNIDADE.....	81
GRÁFICO 17: FESTAS TRADICIONAIS EXISTENTES.....	82
GRÁFICO 18: CONHECIMENTO DE ACTIVIDADE RELACIONADA COM O TURISMO.....	84
GRÁFICO 20: BENEFÍCIOS DO TURISMO PARA A COMUNIDADE .....	85
GRÁFICO 21: PARTICIPAÇÃO EM ACTIVIDADES LIGADAS AO TURISMO .....	86
GRÁFICO 23: TRABALHO EM EQUIPA E DESENVOLVIMENTO DO TURISMO.....	87
GRÁFICO 16: FESTA TRADICIONAL EXISTENTE NA R.B.....	<b>ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.</b>

**Listas de siglas**

ADEI – Agência para o Desenvolvimento Empresarial e Inovação

TC – Turismo Comunitário

RB – Ribeira Bote

ISCEE – Instituto Superior de Ciências Económicas e Empresariais

OMT – Organização Mundial do Turismo

WWF – World Wildlife Fund

RBTS - Rede Brasileira do Turismo Solidário e Comunitário

DC – Desenvolvimento Comunitário

INE – Instituto Nacional de Estatística

PDTCV – Plano para Desenvolvimento do Turismo de Cabo Verde

COOPECANTUR – Cooperativa de Turismo e Artesanato

## **Resumo**

A presente monografia visa desenvolver e apresentar um conjunto de propostas para um novo modelo da actividade turística denominada Turismo Comunitário, visando a sua possibilidade de aplicação prática para a comunidade de Ribeira Bote – Mindelo.

O estudo foi dirigido através da revisão da literatura sobre o turismo, principalmente sobre o turismo comunitário no que concerne à definição do conceito em causa, os princípios e os pilares que sustentam essa nova tipologia de actividade turística. Procedeu-se ainda à elaboração de um estudo aprofundado sobre a comunidade em estudo (Ribeira Bote) através da análise das fontes orais e escritas para melhor conhecimento e compreensão dos aspectos marcantes dessa comunidade.

Para a avaliação da percepção da comunidade em relação a seu nível de conhecimento sobre o turismo e turismo comunitário, realizou-se um trabalho de campo que possibilitou-se a recolha desses dados através da aplicação do questionário a uma amostra de 182 moradores residentes. Realizaram-se também duas entrevistas junto de alguns intervenientes locais bem como algumas observações à comunidade.

Os resultados do questionário e entrevistas aplicados aos moradores permitiram fazer um levantamento aprofundado de todos os recursos e produtos turísticos existentes nessa comunidade e permitiu de perto observar o modo de vida desse povo.

Realizou-se também, uma análise de estudos de caso de boas práticas em diversas regiões à escala mundial, onde foi possível detectar acções e estratégias desenvolvidas e permitiu-nos a partir daí extrair algumas ideias que melhor se identifiquem com a comunidade de Ribeira Bote, imitando assim, através destas, as boas práticas.

Verificou-se contudo, que apesar das potencialidades dos recursos existentes nessa comunidade, os intervenientes locais precisam preparar e capacitar a população para melhor atender ao desenvolvimento desse tipo de turismo que tem como um dos pilares fundamentais, proporcionar um desenvolvimento sustentável com uma distribuição mais justa dos benefícios gerados por esta actividade.

**Palavras-chaves:** Ribeira Bote, Turismo Comunitário, Desenvolvimento Comunitário, Sustentabilidade.

### **Abstract**

This monograph aims to develop and present a set of proposals for a new model of tourism called community tourism, aiming at the possibility of its practical application in the community of Ribeira Bote, in Mindelo.

The study was directed by literature review about tourism, especially in community tourism, with regard to the definition of the concept in question, the principles and the pillars that sustain this new typology of tourist activity. We also undertook an in-depth examination of the community under study (Ribeira Bote) through the analysis of the oral and written sources, in order to better understand its most important aspects.

With the objective of making an evaluation of the perception of the community in relation to their level of knowledge about tourism and community tourism, we carried out a fieldwork which enabled the collection of data, through application of questionnaires to a sample of 182 residents. There were also two interviews with some local actors as well as observations of the community.

The results of the questionnaire and the interviews allowed a detailed survey of all existing tourism products and resources in this community and allowed us to closely observe the lifestyle of this population.

There was also an analysis of case studies in various regions of the world, where it was possible to detect good practices and, through the actions and strategies developed for these regions, that allowed us to acknowledge some points which were similar with this community as to imitate these best practices.

However, it was found that despite the potential existing resources in this community, local stakeholders need to prepare and empower the population to better serve the development of this type of tourism, which has as one of its fundamental pillars the provision of sustainable development and a fair distribution of the benefits generated by this activity.

**Keywords:** Ribeira Bote, Community Tourism, Community Development, Sustainability.

## INTRODUÇÃO

O Turismo, actualmente, tem-se revelado como uma forte indústria e um meio viável de desenvolvimento e uma aposta para o crescimento económico, social e cultural de muitos países e regiões à escala mundial, que vêem este sector como o motor de dinamização e expansão dos seus territórios e a sua propagação. Os seus resultados comprovam, incontestavelmente, que é uma alternativa promissora para a geração de receitas para muitos países.

Entretanto, é de salientar que, apesar da predominância que esse sector de actividade tem demonstrado actualmente, a nível mundial, como afirma Ribeiro (2008), o desenvolvimento da actividade turística em muitos destinos tem causado diversos impactos<sup>1</sup> e desenvolvido grandes diferenças socioeconómicas no local onde é praticado. Deixando assim, a maior parte da comunidade da área isolada deste desenvolvimento e sem participação dos recursos e benefícios gerados pela exploração da actividade turística, excluindo também a comunidade de participação em tomadas de decisões e planeamentos que envolvem o quotidiano e a área em que vivem.

Contudo, isto acontece muitas vezes pelo oportunismo, pelo desconhecimento e negligência de vários agentes envolvidos no processo, fazendo então com que o desenvolvimento não se repercuta da forma desejada nas comunidades, gerando problemas ambientais, sociais, culturais, etc. Neste sentido, perante este cenário urge medidas mitigadoras dessas problemáticas, de forma a possibilitar um modelo de desenvolvimento do turismo assente em princípios de sustentabilidade, isto é, da conservação e preservação do património local, tendo por base o protagonismo social, através do empoderamento da população local nas suas mais diversas vertentes, uma vez que esta constitui o agente principal de qualquer processo de mudança que se queira implementar.

Por este motivo, este tipo de exploração turística é extremamente questionado actualmente, abrindo discussões e gerando reflexões entre os estudiosos do tema, sobre outras formas de desenvolvimento desta actividade. Como consequência destas

---

<sup>1</sup> De acordo com a Rede JcNavegador, impacto em turismo, é o resultado da interacção entre os turistas, e as comunidades locais e os meios receptores.

discussões, surgiu um novo modelo de desenvolvimento que, actualmente, constitui mais um eixo do turismo, denominado turismo de base comunitária que é um tipo de turismo centrado na comunidade. Todavia, este novo eixo, como afirma Coriolano (2006), citado por Ribeiro (2008) consiste num, «[...] Jeito diferenciado de trabalhar com turismo. Trata-se de um eixo do turismo centrado no trabalho da comunidade, de grupos solidários, ao invés do individualismo predominante no estilo económico do eixo tradicional.»

Neste contexto, como afirma Moraes (2007), o:

*“Turismo Comunitário apresenta-se como um novo eixo da atividade turística, possibilitando ao homem o seu crescimento na sociedade com o exercício de seus direitos e deveres individuais e coletivos, criando oportunidades para o desenvolvimento econômico e social baseado, na utilização de seus próprios recursos”.*

Baseado nesse facto e na tentativa de encontrar uma solução que vise um desenvolvimento a longo prazo e que, ao mesmo tempo, proporcione uma gestão participativa no sector do turismo, gerando desta forma o benefício principalmente para a comunidade e os seus intervenientes, surgiu o tema: Turismo Comunitário no Bairro da Ribeira Bote: Proposta para o seu desenvolvimento. O intuito é o de apresentar uma proposta e definir linhas estratégicas que visem a implementação deste novo eixo de turismo na comunidade de Ribeira Bote.

Assim, este trabalho tem como objecto do estudo, pensar o turismo comunitário para a comunidade da Ribeira Bote.

Dado o nível de concorrência existente, actualmente, entre países no sector do turismo e da competição existente entre os turistas quanto à escolha de destinos pelo qual optam por visitar, isso tem exigido um maior investimento no que diz respeito aos produtos oferecidos, isto porque, os turistas actuais buscam conhecer os aspectos relacionados com a realidade da localidade, ou seja, procuram experiências novas e genuínas.

Entretanto, é de salientar que cada localidade deve criar estratégias, meios e mecanismos que motivem os turistas a visitá-la e deve trabalhar a oferta turística que por estes são valorizados. Nesse âmbito, este estudo visa conhecer as principais características e os

principais recursos existentes em Ribeira Bote e que podem ser transformados em produtos, para assim servirem como oferta aos (futuros) turistas.

A escolha do tema e desta comunidade, deveu-se ao facto de haver necessidades que carecem de uma resolução imediata e por ser uma comunidade onde actualmente verifica-se uma crescente onda de problemas que são encarados como oportunidades a serem reaproveitadas (desemprego, integração dos jovens que estão envolvidos na delinquência e vandalismo, minimizar os efeitos da desestruturação local, visto que é um bairro problemático e que carece de uma intervenção urgente).

Com isso pretende-se lançar um novo desafio e uma nova dinâmica na execução de uma actividade, que realmente promove o bem-estar local e social neste pequeno bairro localizado na cidade do Mindelo-São Vicente.

Um outro motivo que esteve na origem da escolha do tema, é o facto de este bairro ter uma diversidade de recursos, como por exemplo, os artistas e artesãos locais, costureiras, e ainda outras ofertas como: grogue, ervas para se fazerem chás, argila, pimenta, entre outros produtos. Existem também os grupos de jovens conhecidos por “gang” que também podem servir de atracção após o seu processo de transformação em atractivos turísticos isto, porque o estilo de vida que outrora levavam (violência e vandalismo) que para eles era um meio subsistência, agora é substituído e dedicado ao serviço da comunidade através da boa conduta social. O grupo de Mandinga de Ribeira Bote, que é também um dos maiores grupos que participam nas representações carnavalescas na ilha de São Vicente, constitui uma grande atracção que poderá dinamizar o turismo comunitário neste Bairro. Em suma, a história do povo da Ribeira Bote e o seu quotidiano realmente, constituirão uma verdadeira atracção para os visitantes.

Por conseguinte, estes recursos devem ser tratados, cuidados e reaproveitados a fim de servirem como atracção para os turistas/visitantes que aí se dirigirem e assim contribuir para o desenvolvimento deste sector de actividade, transformando, desta forma, esta comunidade num pólo de atracção turística na Ilha de São Vicente - Cabo Verde.

É de primordial importância fazer alusão aos jovens desta comunidade que também são considerados como instrumentos, uma vez que estes serão o alicerce na promoção e



execução de todas as tarefas relacionadas às actividades e animações que ali se poderão vir a desenvolver.

Um outro motivo que esteve na origem da escolha deste tema, é o facto do tipo de turismo praticado actualmente em Cabo Verde, de certa forma não beneficiar as comunidades, principalmente aquelas que ficam um pouco dispersas do centro urbano. Por este motivo, o Turismo Comunitário, como o próprio nome indica, possibilitará aos residentes do Bairro de Ribeira Bote desenvolverem eles mesmos esta actividade e serem os actores em todo o processo, desde as mais simples actividades recreativas até à liderança máxima de todos os projectos.

Posto isto, o turismo comunitário para esta comunidade, tem como foco a integração social nos processos do planeamento turístico, proporcionando aos residentes uma maior participação nos processos referentes ao desenvolvimento do turismo e, acima de tudo, abrir-lhes as portas para que estes desenvolvam os seus potenciais como anfitriões e actores na criação de opções estratégicas para o desempenho das actividades, bem como contribuir para geração da renda para a comunidade.

Entretanto, o turismo comunitário, para além dos benefícios que poderá gerar para a Ribeira Bote, também poderá minimizar os efeitos provocados pelo turismo de massa e incentivar as outras comunidades a imitar essa iniciativa profícua e sustentável.

Por esta via, pretende-se com este trabalho, que este realmente sirva de modelo para corrigir os efeitos da propagação do turismo de massa em Cabo Verde e contribuir para que haja uma repartição justa dos benefícios gerados por este sector de actividades.

Com esta pesquisa, pretende-se relançar novos desafios para o Governo e a autarquia no direccionamento de uma nova visão sobre o turismo, a fim de que este não seja apenas uma indústria centralizada com o foco para os centros urbanos e as empresas mas também repensar sobre seu contributo para as comunidades. Sendo assim, pretende-se também proporcionar o encontro de experiências entre o visitante/turista com essa comunidade, fazendo com que esta se sinta melhor e tire o máximo proveito desta indústria e, acima de tudo, garantindo a sustentabilidade deste sector de actividade neste bairro.

Por conseguinte, este trabalho académico, pelo facto de fazer alusão a um tema pouco conhecido e estudado em Cabo Verde e por pretender trazer contribuições e

informações úteis para a comunidade (Ribeira Bote), que estará sendo envolvida na actividade turística, surge como necessário e susceptível de aplicação prática.

Este trabalho tem como objectivo global desenvolver e apresentar uma proposta para um novo modelo da actividade turística denominado Turismo Comunitário, visando a sua possibilidade de aplicação prática para a comunidade de Ribeira Bote – Mindelo.

Tem como objectivos específicos:

- ✓ Apresentar um conjunto de conceitos e ferramentas sobre a temática do estudo em questão;
- ✓ Proceder ao levantamento de todos os recursos materiais e imateriais existentes na comunidade da Ribeira Bote através do inquérito por questionário e realização de entrevistas a alguns representantes locais;
- ✓ Analisar os documentos que relatam a história do povo da Ribeira Bote, tirando assim os subsídios que podem servir de atracção para os turistas e visitantes;
- ✓ Melhorar o conhecimento que se tem do Bairro da Ribeira Bote, como destino turístico;
- ✓ Identificar a percepção dos residentes da comunidade de RB sobre o turismo e o turismo comunitário;
- ✓ Definir uma proposta orientadora para futuros estudos.

Para a concretização dos objectivos acima referidos, este trabalho pretendeu responder à seguinte pergunta: *Como fortalecer a comunidade de Ribeira Bote, de forma a que seja capaz de exercer o desenvolvimento comunitário?*

### **a) Hipóteses de investigação**

As hipóteses de investigação têm um papel muito importante em qualquer tipo de investigação que se realiza, isto porque elas resultam essencialmente do facto, de serem um instrumento orientador do processo de investigação, pois, facilitam a selecção dos dados e a organização da sua análise. As hipóteses permitem pôr em confronto a teoria e realidade prática (Medina, M. 2012).

Foram formuladas, a partir dos problemas atrás referidos, as seguintes hipóteses para este trabalho:

H1: Os intervenientes locais precisam preparar e capacitar a população local para melhor receberem os visitantes/turistas e para ter uma melhor prática desse tipo de turismo garantindo assim a sua sustentabilidade.

H2: Reaproveitar os recursos materiais e imateriais existentes na comunidade e transformá-los em produtos prontos a oferecer aos turistas.

H3: Incentivar os intervenientes locais sobre a importância de criar parcerias estratégicas com outros sectores, seja público ou privado para o avanço do turismo na comunidade.

Para a validação dessas hipóteses, tornou-se necessário efectuar uma pesquisa de terreno recorrendo à aplicação de questionários, à realização de entrevistas e análise de casos de sucesso.

Estruturalmente, a presente Monografia está dividida nos seguintes capítulos. A introdução onde se definiram os objectivos e a temática desta monografia, a sua relevância em termos de investigação em turismo e a sua estrutura.

O capítulo 1 diz respeito à metodologia, que é o caminho percorrido para o concretizar de todos os objectivos pretendidos com o trabalho. Aqui serão identificadas e justificadas todas as escolhas metodológicas feitas ao longo da investigação desenvolvida.

O capítulo 2 tem como enfoque a contextualização e discussão teórica referente à temática do turismo e do turismo comunitário.

No capítulo 3 procedeu-se a um enquadramento histórico da ilha e da comunidade objecto da presente investigação para melhor conhecimento e compreensão da mesma.

No capítulo 4 apresenta-se uma inventariação turística da comunidade, que resultou da recolha exaustiva de recursos e produtos ali existentes.

No capítulo 5 fez-se a análise de estudos de boas práticas dentro do tema do turismo comunitário com o objectivo de recolher ideias que resultaram noutras paragens e que portanto poderão ser replicadas na Ribeira Bote como forma de desenvolver e promover o turismo comunitário.

No capítulo 6 elaborou-se a análise e discussão dos dados recolhidos na pesquisa do campo.

E por último, produziram-se algumas considerações finais sobre a temática abordada ao longo de todo o processo do trabalho e as recomendações e limitações decorrentes do estudo.

## **Capítulo 1. METODOLOGIA**

Com o presente capítulo pretendeu-se identificar, descrever e justificar todas as opções metodológicas que foram utilizadas desde a criação do projecto até ao seu desfecho. A finalidade é demonstrar os meios e mecanismos utilizados para a concretização dos objectivos do presente estudo.

De acordo com Dencker (1998, p.85) *apud* Araújo (2010), a metodologia está inteiramente relacionada com os objectivos e a finalidade do projecto, devendo descrever todos os passos que serão dados para atingir os objectivos propostos.

Nesse sentido, apresentam-se assim, os procedimentos metodológicos utilizados para a colecta e interpretação dos resultados, que permitirão confirmar ou não a(s) hipótese(s) e os objectivos da investigação.

Para uma melhor compreensão deste capítulo, segue-se mais detalhadamente a apresentação de cada ferramenta utilizada, bem como das etapas que foram empreendidas em todos os processos.

### **1. Métodos de Investigação**

Como referido acima, para a realização desse trabalho, foi necessário, numa primeira fase, proceder à familiarização com o tema através da segunda etapa da investigação, segundo Quivy e Campnhoudt, a exploração. Na decorrência desta primeira fase, elaborou-se o enquadramento teórico através da revisão da literatura relacionada com o turismo, fundamentalmente sobre o turismo comunitário, a fim de se identificar as suas principais características e princípios, sua importância para o desenvolvimento da comunidade e a importância da participação da população em todos os processos de desenvolvimento.

Procedeu-se também a uma recolha de informações sobre a ilha de São Vicente e da comunidade de Ribeira Bote através da observação directa<sup>2</sup> e da análise documental<sup>3</sup>. O

---

<sup>2</sup> Segundo Cunha (1982, p.13) *apud* Henn (2007), Observação Direta refere-se à técnica que, a partir de uma observação espontânea, são extraídas conclusões utilizando o mínimo de controlo na obtenção dos dados observados. Significa o contacto estreito entre os pesquisadores e o campo onde ocorrem os trabalhos, sem a presença de intermediários.

objectivo da utilização destas técnicas foi no sentido de acompanhar de perto a comunidade em estudo, a sua história, e extrair a partir dos documentos que fazem menção a comunidade subsídios necessários para a concretização da parte prática deste trabalho.

E com a recolha de informações sobre a comunidade em estudo, foi possível apresentar uma visão actualizada e abrangente da mesma, com suas características, relações com o mercado, análise dos programas e políticas atuais e avaliação dos recursos, atractivos e produtos do desenvolvimento turístico aí existentes.

E para isso, foram feitas pesquisas em livros, sites (como por exemplo, do Ministério do Turismo e Economia de Cabo Verde), publicações do INE e através de todos os documentos que relatam a história da comunidade de Ribeira Bote e de todos os componentes que constituíram subsídios para a obtenção de um conjunto de informações precisas e necessárias que serviram de alavanca no contributo para a proposta apresentada neste projecto para esta comunidade.

Pode-se considerar que, os procedimentos acima descritos permitem-nos afirmar que, foram realizadas pesquisas do tipo exploratória e descritiva. Que, segundo Gil (2008) *apud* Santos (s/d), a pesquisa exploratória diz respeito ao tipo de pesquisa que tem como objectivo a familiarização com um assunto ainda pouco conhecido e pouco explorado.

No final de uma pesquisa exploratória, o investigador poderá conhecer um pouco mais sobre o assunto, e estará apto a construir hipóteses. E quanto à pesquisa descritiva, este diz que, tem como objectivo a descrição das características de uma população, fenómeno ou de uma experiência. Por exemplo, quais as características de um determinado grupo em relação ao sexo, faixa etária, renda familiar, nível de escolaridade etc. No final de uma pesquisa descritiva, pode-se ter reunido e analisado muitas informações sobre o assunto já conhecido.

## **2. Recolha dos dados**

Os dados para a pesquisa foram colectados directamente dentro da comunidade junto dos moradores e, por isso, são considerados dados primários. Entretanto, estes dados

---

<sup>3</sup> Segundo Godoy (1995) *apud* Ramos e Barbosa (s/d) Análise Documental, é uma das técnicas de maior confiabilidade. Os dados coletados na análise documental possibilitam a validação das informações obtidas durante a entrevista com informantes-chave. A Análise Documental: busca identificar informações factuais nos documentos a partir de questões de interesse.

foram recolhidos através da aplicação de questionários durante um período de dois meses, sensivelmente de Julho a Setembro de 2013. Também foram realizadas observações e entrevistas de Agosto a Setembro do mesmo ano, junto dos moradores da Ribeira Bote.

O objectivo da realização das observações e entrevistas acima referidos, teve como foco, fazer uma recolha de informações consistente junto dos moradores de Ribeira Bote e conhecer de perto a comunidade, bem como o seu estilo de vida, visto que são objecto do estudo em questão e como tal a sua participação é indispensável.

## **2.1. Inquérito por questionário**

Tendo como base as características dos diferentes instrumentos que podem ser utilizados numa pesquisa de terreno a fim poder fazer uma recolha de dados mais concisa e directa, concluiu-se que o questionário era, de todos, o mais adequado porque permite para além de atingir um grande número de inquiridos, proporciona também um contacto directo com estes.

O inquérito por questionário é uma técnica de investigação em que os inquiridos manifestam as suas opiniões e outras informações através da resposta a uma série de perguntas por escrito. Trata-se portanto, de uma ferramenta essencial para desenvolver trabalhos do tipo, porque propicia conhecimentos relevantes para determinada investigação. Pois, de acordo com Labes, 1998 *apud* Medina, (2012, p.8), o questionário é ideal para pesquisas que abordam diversas variáveis permitindo o relacionamento dessas variáveis através do cruzamento dos dados.

Outro motivo que levou à escolha desta técnica foi o facto de, num curto espaço de tempo, permitir recolher a opinião de uma grande quantidade de pessoas, aumentando assim as possibilidades de uma maior aproximação à verdadeira opinião dos moradores do bairro em questão.

Segundo Vicente, Reis e Ferrão (2001), o questionário constitui o instrumento por excelência de recolha de informação numa sondagem. Assim, a sua concepção merece atenção, nomeadamente, definição do conteúdo e da forma do questionário, que é assegurado através de perguntas que nele constam a fim de obter informações necessárias para dar resposta aos objectivos do estudo.

Para Ghiglione e Matalon (1995), o inquérito pode ser definido como uma interrogação particular acerca de uma situação englobando indivíduos, com o objectivo de se generalizar.

O questionário elaborado para esta pesquisa foi dividido em duas partes. Com a primeira, pretendia-se analisar e conhecer de perto o grau de envolvimento da comunidade no processo de desenvolvimento turístico e tentar perceber o nível de conhecimento que os seus membros têm sobre o turismo comunitário. E a segunda buscava conhecer o perfil dos moradores (caracterização sócio-demográfica).

### **2.1.1. População ou universo da investigação**

Este inquérito por questionário foi aplicado junto da população local, com o objectivo de conhecer de perto a realidade local e também permitir aos moradores expor livremente as suas ideias e darem assim o seu contributo para a proposta de turismo comunitário para a comunidade, contida neste trabalho.

A inclusão dos moradores na pesquisa, deveu-se ao facto de o trabalho em causa ser sobre a comunidade em estudo e posto isto, possibilitaria uma recolha de informação mais abrangente e consistente. Dada a dimensão do universo em estudo e aos objectivos que se pretendia atingir com o estudo, somente foram inquiridos moradores com idade igual ou superior aos 18 anos. A escolha por este limite mínimo de idade justifica-se por, a partir desta, serem considerados indivíduos legalmente adultos com direito a expressarem as suas opiniões, sem nenhum requerimento escrito (Nachmias e Nachmias, 2007, p. 164 *apud* Medina, 2012, p.8). A concordância em participar ou não da pesquisa, foi um dos critérios também utilizados para a inclusão no estudo.

Para Malhotra (2004, p. 261), *apud* Medina (2012, p.9) população é uma colecção de elementos ou objectos que possuem informação que o pesquisador procura. O autor considera ainda que população é o total de elementos que compartilham um conjunto comum de características.

A população deste estudo foram os moradores da Ribeira Bote que actualmente possui um universo total de 3.956 indivíduos, de acordo com o INE.

E por resultar numa população finita, isto é, menor de 100.000 unidades foi usada a seguinte fórmula para calcular o tamanho da amostra:



$$n = \frac{Z^2 \times P \times Q \times N}{E^2 \times (N - 1)Z^2 + P \times Q}$$

Onde p e q são a proporção que corresponde a 50% da amostra, associadas às características em estudo – turismo comunitário no bairro da Ribeira Bote – Mindelo, N é o tamanho da população, Z é o valor crítico associado ao nível de confiança estabelecido e E é a margem de erro pretendido.

O tamanho da população foi de 3952, número correspondente ao total dos moradores da Ribeira Bote e estipulou-se um nível de confiança de 95,5%, e uma margem de erro de 7%. Quando aplicada a fórmula acima descrita, encontrou-se uma dimensão da amostra de n=182 e foi essa a amostra usada para a aplicação do correspondente inquérito por questionário.

Por se tratar de um questionário que foi aplicado aleatoriamente, como referido acima, o mesmo seguirá o método de amostragem *Random Route*, que segundo Vicente, Reis e Ferrão (2001, p. 79) este é um método de amostragem não probabilística, que também é designado de método dos itinerários aleatórios. É um método muito utilizado quando o estudo é feito dentro de cidades ou localidades, e serve essencialmente para orientar o entrevistador na selecção dos respondentes, quando as entrevistas decorrem porta a porta.

Neste método descreve-se sumariamente nos seguintes passos: primeiro, selecção aleatória de um ponto de partida através de uma listagem, mapa ou outro registo de endereço ou ponto de referência da zona onde irá decorrer o estudo; em seguida, a definição de regras de orientação para o entrevistador – o entrevistador é instruído para realizar o seu trabalho circunscrevendo-se a determinada área ou seguindo um itinerário aleatório na escolha das unidades a inquirir, por forma a cobrir o melhor possível dos quarteirão e ruas da zona onde está (Antoine, 1990 *apud* Vicente, Reis e Ferão, 2001).

Optou-se por aplicar o questionário seguindo o mapa da comunidade onde as regras usadas foram basicamente seguidas de acordo com a divisão do bairro, sendo que este encontra-se dividido em ruas, e por isso procedeu-se a aplicação rua por rua, começando a partir da rua um em diante até o término do questionário.

O trabalho de campo foi realizado de Julho a Setembro de 2013, de acordo com o calendário estabelecido no projecto dessa Monografia no plano curricular do curso de turismo no ISCEE.

A nível da elaboração do questionário tiveram-se presentes as considerações apresentadas por Aakar e Day, 1990; Weiseberg *et al.*, 1996 *apud* Celeste e Eusébio, 2006, p.237, nomeadamente: (i) o tipo de informação a recolher; (ii) o tamanho do questionário; (iii) o formato das questões; (iv) a forma como as questões são dirigidas; e (v) a sequência com que as questões são apresentadas no questionário.

Com base nos objectivos e nas hipóteses apresentadas na parte introdutória, concluiu-se que, o questionário a aplicar aos moradores da Ribeira Bote, deveria contemplar questões que permitissem responder a cada objectivo e hipóteses previstas.

Posteriormente, foi realizada uma desagregação dos grupos de informação mencionados, de forma a poder dar resposta aos objectivos da investigação.

Tipo de informação	Informação detalhada
Caracterização sócio demográfica da amostra	<ul style="list-style-type: none"><li>-Idade</li><li>-Sexo</li><li>-Local de residência</li><li>-Tempo de permanência</li><li>-Estado civil</li><li>-Habilitação literária</li><li>-Situação perante o trabalho</li><li>-Profissão</li><li>-Rendimento líquido mensal</li></ul>
Informações sobre Turismo	<ul style="list-style-type: none"><li>-Sobre a existência de algum tipo de turismo na comunidade</li><li>-Benefício desse tipo de turismo para a comunidade</li><li>-Participação em alguma actividade voltada para o turismo</li><li>-Sobre Ofertas aos turistas</li></ul>

---

## TURISMO COMUNITÁRIO NO BAIRRO DA RIBEIRA BOTE: PROPOSTA PARA O SEU DESENVOLVIMENTO

---

---

### Turismo Comunitário

- Se já ouviu falar do termo (turismo comunitário)
- Actividades relacionadas a esse tipo de turismo
- Benefício gerado para cada morador
- Avaliação da satisfação em relação ao mesmo
- Sobre o trabalho em equipa
- Trabalho em equipa e o desenvolvimento do turismo na comunidade
- Associação na comunidade
- Avaliação do desempenho da associação
- Meios de diversão
- Festa tradicional
- Preferência quanto a recepção dos visitantes
- Recursos existentes e o seu contributo para o turismo
- Opinião sobre as actividades a serem desenvolvidas para o turismo.

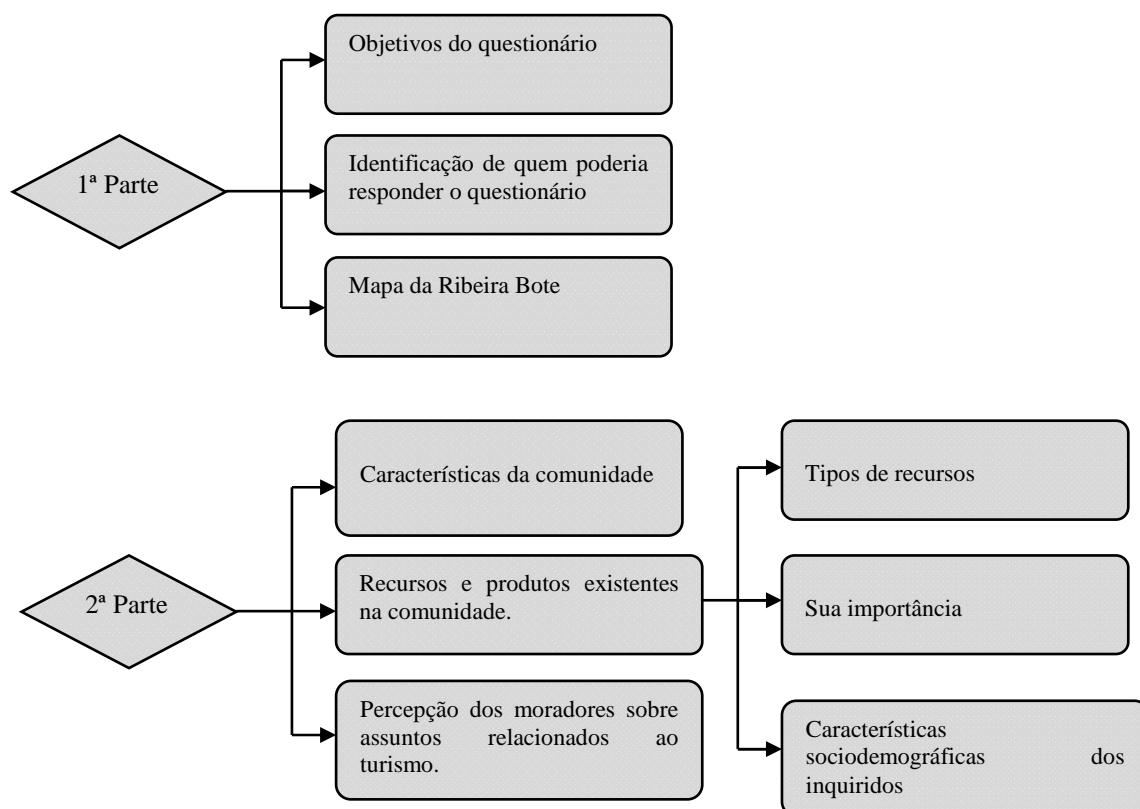
---

**Tabela 1:**Desagregação dos grupos de informações a serem aplicadas no inquérito.

Na construção do questionário foram identificadas as questões que permitiam obter a informação identificada no quadro anterior e a ordem mais adequada para essas questões. O questionário foi construído com base na revisão da literatura apresentada nesta Monografia.

Para uma melhor explicação da forma como o questionário foi construído, apresenta-se em seguida uma análise detalhada deste instrumento.

Em termos da estrutura, considerou-se relevante organizar as questões de acordo com o tipo de informação que fornecem, facilitando, desta forma, o seu preenchimento por parte do inquirido. Na tabela 2, encontra-se representada a estrutura do questionário aplicado aos moradores.



**Figura 2:** Estrutura do questionário aplicado aos moradores de Ribeira Bote

Na primeira parte do questionário pretendeu-se:

- Elucidar o inquirido sobre os objectivos da investigação em curso e a relevância da sua contribuição para a concretização desses objectivos;
- Identificar quem poderia preencher este questionário, tendo como base os critérios apresentados na parte introdutória e no enquadramento teórico;
- Familiarizar o potencial inquirido com a delimitação geográfica da região que estava a ser o objecto da investigação.

Por sua vez, a segunda parte do questionário foi constituída por um conjunto de questões estruturadas em 5 grande grupos, a designar:

- Questões sobre as características da comunidade e o perfil dos moradores;
- Questões sobre o levantamento dos recursos ali existentes e os produtos associados;
- Questões sobre a percepção dos moradores face aos assuntos relacionados ao turismo e a sua compreensão sobre esta indústria;

- Questões sobre os tipos de recursos e como reaproveitá-los para serem os produtos turísticos bem como a sua importância;
- Questões quanto às características sócio-demográficas, culturais e económicas dos inquiridos.

A ordenação das questões foi efectuada com base nos seguintes critérios:

- (i) Ordenar as questões por áreas temáticas de acordo com o tipo de informação fornecido;
- (ii) Incluir as questões que pudessem apresentar um maior grau de dificuldade e/ou consideradas pessoais no final do questionário.

Entretanto, este inquérito por questionário compreendia quer perguntas abertas e fechadas.

### **2.1.3. Análise dos dados dos questionários**

Após o trabalho do campo, passou-se à fase de tratamento das informações recolhidas. Nesta fase, o que se pretende é a codificação das respostas e análise estatística dos dados recolhidos, pelo que foi utilizado o software *SPSS (Statistical Package for Social Sciences)*, na versão 17.0 e *Microsoft Excel* para a formação dos gráficos.

Esses instrumentos foram usados para fazer o tratamento dos dados recolhidos, com o intuito de codificar e analisar os dados a fim de extrair e interpretar os resultados.

## **2.2. Entrevistas**

De acordo com Chrisnall, (1986) *apud* Vicente, Reis e Ferrão (2001, p.130), uma entrevista é definida como “uma conversa com propósito”. Conforme a especificidade de cada estudo, a informação pode ser obtida por: entrevista estruturada ou não estruturada; entrevista de grupo ou individual, entrevista pessoal ou telefónica (Drakeford e Farbridge, 1986 *apud* Vicente, Reis e Ferrão, 2001). Nesta investigação utilizou-se a entrevista do tipo individual, estruturada e pessoal, tendo em conta que era necessário abordar os entrevistados pessoalmente.

Segundo Mayer, 1974 *apud* Vicente, Reis e Ferrão (2001), a entrevista pessoal é definida como uma conversação face a face entre duas pessoas, iniciada e dirigida pelo entrevistador com o propósito particular de obter informação relevante, no sentido de concretizar os objectivos do estudo.

Para a realização das entrevistas, foi necessário realizar deslocações para dentro da comunidade, com o objectivo de se ter um contacto directo com os intervenientes locais, principalmente com os actores de um projecto que está sendo implementado na comunidade, sobre o Turismo Comunitário. Estas deslocações também permitiram proceder com mais facilidade, ao levantamento dos atractivos e recursos turísticos existentes na Ribeira Bote.

A realização da entrevista com os intervenientes locais, permitiu-nos ter um conhecimento mais aprofundado dessa comunidade o que de certa forma contribuiu para o enriquecimento das informações que se pretendeu recolher para este trabalho. Um outro aspecto importante a salientar, é que por serem moradores e representantes desta comunidade, ninguém melhor que eles para relatar da melhor forma algo a respeito desta comunidade.

Para completar esta etapa do trabalho, foram realizadas duas entrevistas junto das líderes do Projecto Turismo Comunitário da Ribeira Bote (Miriam Lopes e Charlene da Graça). É de salientar que, a aplicação de apenas duas entrevista, deveu-se ao facto das informações recolhidas serem pertinentes e suficientes para o alcance dos objectivos pretendidos e também porque os dados recolhidos através dos questionários, em grande parte permitiram um levantamento de informações importantes sobre a comunidade, visto que os moradores inquiridos participaram activamente e responderam de forma positiva às questões expostas.

Para o tratamento das informações recolhidas através da entrevista utilizou-se a análise de conteúdo e para a extracção dos resultados alcançados com a sua aplicação, fez-se a análise SWOT<sup>4</sup>, que nos permitiu identificar os pontos fortes e fracos encontrados na comunidade, no que diz respeito às condições de vida dos moradores bem como dos recursos e atractivos aí existentes.

---

<sup>4</sup> SWOT – é a sigla de termos ingleses Strengths (Forças), Weaknesses (Fraquezas), Opportunities (Oportunidades) e Threats (Ameaças). A Análise de SWOT é uma ferramenta utilizada para fazer análise ambiental, sendo a base da gestão e do planeamento estratégico numa empresa ou instituição. Entretanto a técnica de Análise de SWOT foi elaborada pelo norte-americano Albert Humphrey na década de 1960 e 1970 na Universidade de Stanford.

Porém, os pontos fortes estão relacionados com as respostas positivas relativamente a recursos e atractivos que vão desde a história da comunidade até aos artistas e artesãos que, segundo os dados, Ribeira Bote é a comunidade de São Vicente que oferece maior número de artistas. Quanto aos pontos fracos, estes estão ligados às condições de vida precárias (pobreza), às infra-estruturas degradadas, ao vandalismo, embora agora com menos intensidade e ao desemprego que, de certa forma, constitui um constrangimento principalmente na camada jovem, a mais afectada na ilha e também na comunidade. Contudo, comparando os pontos fortes e fracos identificados pelos entrevistados, observou-se, ao longo das análises, que os resultados são satisfatórios.

### **2.3.Técnica da Observação**

Nesta etapa, utilizou-se a máquina fotográfica, porque para Santos, (2010, p.103), na observação sistémica tem que ser feito um preestabelecimento dos instrumentos de trabalho como lunetas, telescópio, balanças, fotografia e outros. O uso desse instrumento permitiu-nos ter um contacto mais directo com a comunidade, que segundo Cunha (1982, p.13) *apud* Henn (2007), pode ser também chamado de Observação Direta. Técnica que, a partir de uma observação espontânea, são extraídas conclusões utilizando o mínimo de controlo na obtenção dos dados observados. Significa o contacto estreito entre os pesquisadores e o campo onde ocorrem os trabalhos, sem a presença de intermediários.

Com este instrumento foi possível, uma recolha mais próxima dentro da comunidade através das fotografias tiradas aos recursos e produtos materiais ali existentes.

### **2.4.Análise de Casos de Boas Práticas**

Posteriormente, foram analisados casos de boas práticas em turismo comunitário em diferentes países e regiões com características semelhantes aos da Ribeira Bote, com o intuito de identificar as técnicas, os caminhos seguidos para o alcance do sucesso desse turismo nessas regiões, e a partir daí identificar as boas práticas que serão potencialmente aplicáveis ao destino Ribeira Bote. Com base nestas análises, foram

definidas algumas linhas orientadoras para o desenvolvimento turístico da comunidade de Ribeira Bote, através da prática do Turismo Comunitário.



## **Capítulo 2. ENQUADRAMENTO TEÓRICO**

Pretende-se com o presente capítulo, apresentar um conjunto de conceitos e ferramentas sobre o turismo e turismo comunitário, bem como das directrizes que norteiam esta nova tipologia de actividade turística que tem vindo a crescer a passos largos em diversas regiões a escala. Através das directrizes e princípios defendidos por turismo comunitário como se verifica mais abaixo, poder-se-á traçar o modelo desta nova tipologia para a comunidade de Ribeira Bote.

### **1. Turismo**

O conceito de turismo sofreu modificações constantes e expressivas ao longo do tempo, com o seu surgimento pela primeira vez, em 1910 com o austríaco Herman Von Schullen Scharattenhoffen. Mas, foram contudo os autores Walter Hunziker e Kurt Krapf que deram a primeira definição do turismo em 1942. Segundo aqueles autores, o turismo é «o conjunto de relações e fenómenos originados pela deslocação e permanência de pessoas fora do seu local habitual de residência, desde que tais deslocações e permanência não sejam utilizadas para o exercício de uma actividade lucrativa principal» (*Cit in*: Cunha, 2009, p.29).

Já em 1982 outros autores, como Mathienson e Wall, definiam o turismo como «o movimento temporário de pessoas para destino fora dos seus locais normais de trabalho e de residência, as actividades desenvolvidas durante a sua permanência nesses destinos e as facilidades criadas para satisfazer as suas necessidades» (*Cit in*: Cunha 2009, p.30). Esta definição inclui as infra-estruturas com facilidades criadas para satisfazer as necessidades dos turistas.

Por sua vez em 1996, a Organização Mundial do Turismo definiu o turismo como «conjunto das actividades desenvolvidas por pessoas durante as viagens ou estadias em locais situados fora do seu ambiente habitual, por um período consecutivo que não ultrapasse um ano, por motivo de lazer, negócios ou outros» (Cunha, 2009, p.30).

O turismo, desde o seu surgimento até aos dias actuais, tem mostrado a sua marcante presença, como uma forte indústria representando dessa forma o motor de desenvolvimento económico de vários países.

## **2. Turismo Comunitário**

O Turismo Comunitário é o novo conceito no ramo do turismo, que constitui assim mais um eixo do turismo que tem-se tornado prática em toda a América Latina, em países como Argentina, Paraguai, Colômbia, Venezuela, Costa Rica mas também na Europa e agora em muitos outros países da África e Ásia nos últimos 10 anos. Este novo eixo de actividade turística surge em consequência às críticas e denúncias feitas pelas próprias comunidades, Organizações Não-Governamentais, cientistas e movimentos sociais acerca dos impactos do turismo de massa que está a transformar tudo em mercado, colocando de lado as comunidades que pouco ou quase nada usufruem dos benefícios gerados por este sector de actividade, visto que as grandes empresas que actuam neste sector pouco se importam com os residentes, deixando-os fora deste processo de desenvolvimento.

No entanto, para combater essa prática (turismo de massa) ou minimizar os seus efeitos, têm sido realizados fóruns e seminários, como por exemplo, o Seminário Internacional de Turismo Sustentável em Fortaleza 2003 e 2008, o Fórum Social Mundial de Mumbai – Índia (2004) e o Fórum Social Mundial de Porto Alegre – Brasil (2005) (Rede Cearense de Turismo Comunitário, s/d).

Por esta via, é necessário enfatizar que o desenvolvimento do turismo comunitário assenta essencialmente na capacidade do homem, em desempenhar o seu papel como actor social, buscando o seu desenvolvimento socioeconómico e cultural, ávido para sustentar o seu próprio bem-estar e o da sua comunidade. Neste sentido, Carvalho (2007) *apud* Ribeiro (2008) defende que o turismo comunitário é o tipo de turismo que é desenvolvido pela própria comunidade, onde os seus membros passam a ser ao mesmo tempo articuladores e construtores da cadeia produtiva, onde a renda e o lucro permanecem na comunidade contribuindo para a melhoria de qualidade de vida, levando todos a se sentirem capazes de cooperar e organizar as estratégias do desenvolvimento do turismo.

Nesta perspectiva, este tipo de turismo apresenta-se como um novo pilar de actuação sustentado pela preservação do meio ambiente, pela valorização da cultura local, criando bases para a exploração da actividade turística de forma sustentável, gerando o desenvolvimento económico sustentável, que satisfaça as necessidades humanas.

Assim sendo, de acordo com Orpheo & Cambell (2007):

*“Turismo Comunitário é a actividade turística desenvolvida com base nos princípios de transparência, conservação e participação, onde a principal atração é o estilo de vida da população local, cujo objectivo é beneficiar prioritariamente os moradores, que são gestores e proprietários dos empreendimentos turísticos, valorização da cultura e contribuição para a preservação do meio ambiente. Para estes autores, trata-se de uma alternativa de renda que complementa actividades tradicionais já praticadas e o seu processo de planeamento e implementação deve acontecer com a liderança e intensa participação da população fortalecendo as associações e cooperativas locais e viabilizando projetos comunitários.”*

Defendendo a mesma opinião, Cardoso, F., *et al.* (2010), definem o Turismo Comunitário ou Turismo de Base Comunitária, como aquele onde a comunidade participa activamente de todo o processo, desde o planeamento à execução de forma que a própria comunidade tenha o controlo das terras e das actividades económicas.

Também a Rede Cearense do Turismo comunitário (2010) corrobora da mesma opinião defendendo que este tipo de turismo nasce da percepção das comunidades de que não é suficiente apenas fazer a crítica ao modelo de turismo convencional ou turismo de massa, mas, sim da necessidade de vivenciar uma outra lógica de construção da actividade turística.

Já, para Ribeiro (s/d), *apud* Panosso e Gaeta (2010), o Turismo Comunitário é entendido, como uma forma de organização empresarial sustentada na propriedade e na autogestão dos recursos patrimoniais comunitários, como o arranjo das práticas democráticas e solidárias no trabalho e na distribuição dos benefícios gerados pela prestação de serviços turísticos, com vista a fomentar encontros interculturais de qualidade com os visitantes.

Participando desta defesa, de que o turismo comunitário constitui-se como uma organização, Maldonado (s/d, p. 31) diz que, por turismo comunitário, entende-se toda forma de organização empresarial sustentada na propriedade e na autogestão sustentável dos recursos patrimoniais comunitários, de acordo com as práticas de cooperação e

equidade no trabalho e na distribuição dos benefícios gerados pela prestação de serviços turísticos.

Tendo por base esses pressupostos, pode-se constatar que, o Turismo Comunitário pretende ser um modelo mais justo e equilibrado, assente em princípios da sustentabilidade ambiental, na identidade de uma comunidade, estando a comunidade no centro do processo de planeamento, implementação e monitorização da actividade turística, fomentando a geração de emprego e renda para a mesma. Este tipo de turismo também pretende ser o meio de desenvolvimento económico de uma determinada área, como meio de interacção e desenvolvimento social, concretização da consciência de preservação ambiental, cultural e ainda como ferramenta para a sustentabilidade.

Porém, Bartholo, Sansolo e Bursztyn. (2009, p., 21), defendem uma visão mais actualizada do turismo comunitário, dizendo que:

*“(...) o turismo de base comunitária é antes de tudo, uma expressão do mundo contemporâneo, onde as pessoas não se contentam mais em comprar e em vender. Vive-se um período em que produzir simulacros de relações, da espetacularização da natureza e da cultura com o intuito de mercantilização começa a ser questionado. Entretanto, eles dizem que o que o ser humano tem de mais rico é a sua possibilidade de relação directa com o outro e com o diverso”.*

Apoiando a ideia da visão actualizada do turismo comunitário, Grimm e Sampaio (2011), defendem que o turismo comunitário não é apenas uma actividade produtiva, esta procura também ressaltar o papel fundamental da ética e cooperação nas relações sociais. Entretanto, valoriza os recursos específicos de um território e procura estabelecer relações de comunicação/ informação com agentes externos, entre eles os visitantes e considera portanto, a existência de uma relação dialética entre os turistas e a comunidade receptora. Além de requerer a participação de toda a comunidade, considera os direitos e deveres individuais e colectivos elaborando um processo de planeamento participativo.

Já Silva, Ramiro e Teixeira (s/d), dizem que este tipo de organização e oferta do produto turístico possui elementos comuns como a busca da construção de um modelo alternativo de desenvolvimento turístico baseado na autogestão, no associativismo/

cooperativismo, na valorização da cultura local e, principalmente, no protagonismo das comunidades locais, visando à apropriação, por parte destas, dos benefícios advindos do desenvolvimento do sector.

Segundo a publicação da EcoViagem (2009), o turismo de base comunitária são iniciativas e actividades protagonizadas pelas comunidades locais que, se ordenadas e bem estruturadas, representam importantes experiências turísticas, agregando valor aos roteiros e gerando emprego e renda.

Nesta mesma linha de pensamento, a *World Wildlife Fund* (WWF, 2001) *apud* Moraes, Ribeiro e Emmendoerfer (2013), defende que o turismo comunitário é aquele onde as sociedades possuem controlo efectivo sobre o seu desenvolvimento e gestão. E por meio do desenvolvimento participativo desde o início, projectos de turismo com base comunitária devem proporcionar a maior parte de seus benefícios para as comunidades locais.

Segundo o Ministério do Turismo do Brasil (2008), o Turismo de Base Comunitária pode ser definido como sendo um modelo de desenvolvimento turístico, orientado pelos princípios da economia solidária, associativismo, valorização da cultura, e, principalmente, protagonizado pelas comunidades locais, visando à apropriação, por parte dessas, dos benefícios advindos da actividade turística.

Por sua vez, Coriolano (2007) define-o como sendo uma estratégia para que a comunidade local possa participar activamente no desenvolvimento da actividade, a partir de um processo participativo em todas as suas etapas, sendo assim, um factor de atracção de benefícios.

Com base nestas definições pode-se identificar um conjunto de aspectos ou princípios que norteiam este tipo de turismo, que vão ao encontro do conjunto de princípios apresentados pela (RBTSC) Rede Brasileira de Turismo Solidário e Comunitário (2008), tais como:

- ✓ *Princípio das necessidades sentidas*: significa dizer que as iniciativas de trabalho nas comunidades têm que partir das necessidades sentidas pela população, e não apenas da consciência e orientações técnicas, de pessoas externas à comunidade;
- ✓ *Princípio da participação*: requer envolvimento profundo da população residente na construção de um processo de desenvolvimento de um projecto;

- ✓ *Princípio da cooperação:* a acção comunitária não dispensa a iniciativa privada ou a participação pública, formando parcerias com sectores públicos e privados na realização de projectos de desenvolvimento comunitário;
- ✓ *Princípio da auto-sustentação:* os processos de transformações económicas e sócio-espaciais podem ser interrompidos, mas, precisam ser susceptíveis de gestão, manutenção e controlo comunitário, mediante mecanismos que previnam os efeitos perversos de possíveis alterações provocadas por interesses externos;
- ✓ *Princípio da universalidade:* o êxito esperado é para a população na sua globalidade (e não apenas subgrupos), alterando o desenvolvimento da comunidade.

Num outro ponto de vista referente aos princípios que norteiam o Turismo Comunitário, faz-se alusão ao defendido por Chicanel e Marise (s/d), que aborda o tema, mas ressaltando as características e benefícios que este tipo de turismo proporciona para a comunidade, destacando-o como:

- 1- *“Turismo da comunidade* – em que a comunidade deve ser proprietária dos empreendimentos e gerenciar colectivamente a actividade;
- 2- *Turismo para a comunidade* – a comunidade deve ser a principal beneficiária da actividade turística, que existe para o desenvolvimento e fortalecimento da associação Comunitária;
- 3- *Atracção principal = Modo de vida* - a principal atracção turística é o modo de vida da comunidade, ou seja, sua forma de organização, os projectos sociais de que faz parte, formas de mobilização comunitária, tradição cultural e actividades económicas;
- 4- *Partilha cultural* – as actividades são criadas para proporcionar intercâmbio cultural e aprendizagem aos visitantes. Não se trata de apresentações folclóricas da cultura popular e sim de actividades que fazem parte do quotidiano da comunidade que o turista vai experimentar.

Aqui fala-se do reconhecimento do valor dos mestres da cultura oral no turismo e proporcionar uma reflexão sobre a própria identidade no visitante.

- 5- *Conservação ambiental* – os roteiros respeitam as normas de conservação da região e procuram gerar o menor impacto possível no meio ambiente, contribuindo para o fortalecimento de projectos e acções de conservação ambiental na comunidade;
- 6- *Transparência no uso dos recursos* – comunidades e visitantes participam da distribuição justa de recursos financeiros. Nesse sentido, deve haver integridade e respeito de ambas as partes. A comunidade deve oferecer aos visitantes aquilo que estão a procura e os visitantes devem pagar pelo consumo realizado na comunidade.
- 7- *Parceria social com agentes de Turismo* - busca envolver todos os elos da cadeia do turismo no benefício às comunidades.”

Semelhante aos princípios acima referidos, para Carvalho (2007), *apud* Ribeiro (2008), as principais características ou princípios do desenvolvimento do turismo com base comunitária também podem ser descritos como sendo:

*“Um meio eficaz de destaque pela mobilização da comunidade na luta pelos seus direitos contra grandes empreendedores da indústria do turismo de massa que pretendem ocupar seu território ameaçando a qualidade de vida e as tradições da população local. Este modelo de turismo através do desenvolvimento comunitário é capaz de melhorar a renda e o bem-estar dos moradores, preservando os valores culturais e as belezas naturais de uma região”.*

Por sua vez, Silva, Ramiro e Teixeira (pp.363-364) ao considerar a organização da produção turística com base territorial e protagonizada pelas comunidades locais defendem que o turismo comunitário tem como princípios:

- ✓ “Contribuir para a geração de emprego e renda locais;
- ✓ Fortalecer a governança local, em articulação com os demais actores envolvidos na actividade turística;
- ✓ Diminuir os vazamentos de renda e fomentar o adensamento do mercado local;
- ✓ Estruturar o segmento turístico, face a crescente demanda turística a nível nacional e internacional;

- ✓ Agregar valor a destinos turísticos, por meio da diversificação dos segmentos a serem ofertados;
- ✓ Promover padrões de qualidade e de segurança da experiência turística, tanto para a comunidade anfitriã como para os visitantes.”

Deste modo, o turismo comunitário tem como princípio básico a preservação da vida humana, ou seja, o processo de manutenção de recursos naturais e o desenvolvimento sustentável das comunidades locais.

Com base nesses princípios, objectiva-se gerar uma dinâmica produtiva no local, sem substituir ou alterar as actividades económicas tradicionais; desenvolver actividades em grupo e projectos colectivos de base familiar, promover a geração e distribuição justa da renda na comunidade, construir uma relação entre a sociedade, a cultura e a natureza, buscando a sustentabilidade sócio ambiental.

## **2.1 Turismo como protagonismo comunitário – O património comunitário**

Ao falar do turismo comunitário é necessário fazer alusão à própria natureza da comunidade e dos seus patrimónios. Como o próprio nome indica, o turismo comunitário está intimamente ligado à comunidade, isto porque é a comunidade que constitui a atracção máxima para os turistas, tendo em conta que é o seu estilo de vida, a sua cultura e sua vivência quotidiana que os turistas procuram. Por esta via, Geertz, 1989; Barreto, 2004 *apud* Moraes, Ribeiro e Emmendoerfer (2013), defendem que comunidades são definidas por critérios: i) geográficos como um território isolado; ii) culturais compartilhando costumes, usos e tradições; ou por iii) funções socioeconómicas, variando por modos de produção e distribuição.

Nesse sentido, é necessário estabelecer a natureza da comunidade, cujo objectivo final é a de assegurar o bem-estar comum e garantir a sobrevivência dos seus membros, preservando a sua própria identidade cultural, identidade essa que a torna numa comunidade indígena. Nesse caso, a “*comunidade indígena*” designa um sujeito histórico, cuja coesão interna sustenta-se na identidade étnico-cultural, na posse de um património comum e na aceitação de um conjunto de normas e valores. A base da



identidade comunitária também pode ser enraizada na consciência de pertencer a um determinado grupo étnico.

Maldonado, C. (s/d, p.. 28), afirma que, para estabelecer a natureza da “*comunidade*”, implica definir os princípios, valores, normas e instituições que regem a forma de uma organização e convivência de um determinado grupo humano, que por sua vez os diferencia de outros actores da sociedade. É importante salientar que na esfera institucional, a comunidade rege-se por normas sociais, económicas e políticas que regulam os processos de tomada de decisão, alocação de recursos, aplicação de justiça e repressão de delitos.

Em conformidade com os atributos referidos nos conceitos anteriores sobre o turismo comunitário e da definição da natureza da comunidade, pode-se realçar o preponderante papel que a comunidade desempenha na actividade turística. Entretanto, esta pode dar o seu contributo quanto ao seu papel no fortalecimento e na defesa dos direitos, do seu património e tomar a posição como anfitriã e actores de todos os processos que visam a salvaguarda de todos os recursos humanos, recursos materiais e imateriais<sup>5</sup> que sustentam o desenvolvimento sustentável da comunidade.

Com base neste facto, o turismo comunitário que é desenvolvido dentro da comunidade pelos próprios moradores, permite a valorização da identidade cultural no que diz respeito aos hábitos, costumes, tradições e todas as formas de manifestações que transformam a comunidade numa cultura única e singular, e também proporcionam aos turistas uma experiência genuína, capaz de satisfazer todas ou quase todas as suas expectativas através dos atractivos oferecidos pela comunidade.

De entre os variados números de recursos e patrimónios que são transformados em produtos, e oferecidos aos turistas dentro do turismo comunitário, faz-se alusão à **cultura**<sup>6</sup> que é um dos mais importantes recursos existentes na comunidade e por esta via constitui realmente uma das maiores atracções para os turistas/visitantes, isto porque a cultura é o cerne que movimenta todo o processo para o alcance do sucesso esperado, tendo em conta que a cultura é a expressão máxima da identificação de um povo, ou seja, o seu maior património.

---

<sup>5</sup> Segundo o guia virtual de Pernambuco (s/d), Recursos ou bens materiais - são bens da natureza concreta, ou seja, monumentos, sítios arqueológicos, núcleos urbanos, acervos museológicos, documentos e bibliografias.

Recursos ou bens imateriais- são as práticas, as representações, expressões, os conhecimentos e as técnicas junto com os instrumentos, objectos, artefactos e lugares culturais a eles associados.

<sup>6</sup> De acordo com Fani (1999) citado por Ferreira (2010), cultura é um universo historicamente criado decorrente da acção social.

Segundo Costa e Melo. A (s/d), cultura é a maneira coletiva de pensar e de sentir; conjunto de costumes, de instituições e de obras que constituem a herança social de uma comunidade ou grupo de comunidades; desenvolvimento do conhecimento e das capacidades intelectuais, quer em geral, quer num domínio particular; conjunto das acções do meio que asseguram a integração dos indivíduos numa coletividade.

Como referido acima, para se falar do turismo comunitário, torna-se necessário falar do património que o compõe, isto é, um conjunto de atractivos que torna assim o turismo mais dinâmico. Por essa via, Maldonado, C. (2009), faz menção ao ***Património comunitário*** dizendo que o mesmo é formado por um conjunto de valores e crenças, conhecimentos e práticas, técnicas e habilidades, instrumentos e artefactos, lugares e representações, terras e territórios, assim como todos os tipos de manifestações tangíveis e intangíveis existentes num povo. Através dessas manifestações e práticas, expressam o seu modo de vida e organização social, sua identidade cultural e sua relação com a natureza. Com o apoio nessas premissas, o turismo abre vastas perspectivas para a valorização do acervo do património comunitário.

Por este motivo, o principal atractivo do turismo comunitário, são os modos de vida da população como os agricultores familiares, os artesãos, os pescadores, os caçadores, os artistas plásticos, ou seja, o interesse pelo diferente e pelo autêntico, a forma de falar, de comer, cantar, dançar, entre outros, respeitando assim a simplicidade existente nessa comunidade.

Todos esses atractivos constituem e formam os meios e mecanismos para o desenvolvimento do turismo comunitário, tratando-se da experiência de conhecer modos distintos e aprender com as diferenças entre visitantes e anfitriões, tal como afirma Barreto (2004) citado por Moraes, Ribeiro, Emmendoerfer (2013):

*“Comunidade e seus modos de vida se confundem, entre elas, extractivistas, pesqueiras artesanais, agricultores familiares, indígenas, quilombolas, caiçaras e tantas outras. O que possibilita encontrar no seu âmbito o principal atractivo do turismo comunitário, o compartilhamento solidariedade”.*

Nessa perspectiva, o turismo comunitário é uma estratégia para as populações tradicionais, independentemente do grau de descaracterização, frente à hegemonia das

sociedades urbanas industriais, serem protagonistas dos seus modos de vida próprios, tornando-se uma alternativa possível (Sampaio, 2005).

Estes factos demonstram claramente o preponderante papel que o património comunitário desempenha quanto ao seu contributo no fortalecimento da ligação entre os visitantes com o local visitado. Por ser o elo dessa ligação, mais do nunca deve ser preservado e utilizado da melhor forma para que haja assim um uso sustentável deste por parte da comunidade e dos visitantes, a fim de que possa haver um desenvolvimento turístico baseado na sustentabilidade e responsabilidade social.

### **2.1.1 Desenvolvimento Comunitário e importância da Participação Comunitária no seu contributo**

De acordo com Amaro (1991) *apud* Marques (2009), os novos conceitos de desenvolvimento culminam com a descoberta e assunção dos valores próprios e das comunidades endógenas das comunidades locais e regionais, num momento em que se valoriza a diferença. De entre os vários consensos em torno de desenvolvimento, encontra-se a valorização da base local ou comunitária, considerando-se as populações locais como protagonistas do seu processo de desenvolvimento, o que passa pelo seu “*empowerment*” (Friedmamnn,1992) e valorização dos seus recursos endógenos.

Porém, o conceito de desenvolvimento comunitário (DC), foi usado pela primeira vez em Inglaterra pelo governo britânico “*Community Development*” fazendo referência a uma técnica de progressão social, baseada na promoção da dinâmica social e económica ascendente, cujo objectivo é de auxiliar os países a se prepararem para a independência, embora com a preocupação de manter as relações existentes, como afirma Moreno (1997) *apud* Marques (2009).

Além disso, o DC tende a assumir de forma mais vinculada a sua dimensão económica, incluindo na sua abordagem a implantação de actividades económicas desenvolvidas pelas comunidades.

Deste modo, como afirma Amaro (2001, 2009) *apud* Marques (2009, p. 13.), o DC, entendido de forma ampla, pode ser definido a partir dos seguintes elementos sintetizados:

1. *“Promoção da participação da população* – as pessoas como actores do seu próprio desenvolvimento, envolvidas na resolução dos seus próprios problemas;
2. *Trabalho em rede e relações de parceria* – articulação com outros actores e sua co-responsabilização (Estado, autoridades locais, empresas, organizações diversas);
3. *Mobilização das capacidades do local* – potencialidades e recursos endógenos, individuais e colectivos (*empowerment*);
4. *Utilização fertilizadora de recursos exógenos* – capacidade de atracção de recursos exógenos capazes de mobilizar os recursos endógenos, sem substituir, numa perspectiva de sustentabilidade;
5. *Agregação num território* – referência a uma comunidade, definida não em termos estritamente geográficos ou administrativos, mas associada a um conjunto de características – identidade (sentimento de pertença e partilha valores); solidariedade (entre os seus membros); e autonomia (face ao exterior) – contribuindo para o reforço dessas características;
6. *Satisfação de necessidades da comunidade* – realização de um diagnóstico de necessidades e contribuindo para a satisfação de necessidades não satisfeitas, ausências de bem-estar na comunidade;
7. *Visão integrada* – articulação de interesse, actores, sectores, actividades, domínios de intervenção, dimensões (económica, social, cultural), critérios de avaliação, etc., numa abordagem interdisciplinar;
8. *Contributo para o processo de mudança da comunidade* – processo de transformações sociais ocorrido numa determinada sociedade, levando à melhoria de bem-estar e condições de vida e à revitalização do território (emprego, habitação, formação, saúde, etc.);
9. *Impacto tendencial em toda a comunidade* – efeitos directos ou indirectos em toda a comunidade, gerando a replicação de boas práticas (e não um enclave);
10. *Diversidades de caminhos, processos e resultados* – adaptação da intervenção e suas dinâmicas e cada situação específica”.

Entretanto, é de se salientar que, ao falar do Desenvolvimento Comunitário, é o mesmo que falar de um modelo de desenvolvimento que tem como princípio a sustentabilidade,

tendo em conta que desenvolver uma comunidade com base no turismo, implica uma repartição justa dos benefícios gerados pelo sector, bem como da protecção de todos os seus patrimónios. Por este motivo, é importante falar do turismo mas no âmbito comunitário, associando-o ao desenvolvimento sustentável, responsável e com compromisso social.

Nesse sentido, como defende a OMT (2003) *apud* Macedo, Medeiros, Azevedo e Alves (2011),

*“O desenvolvimento do turismo sustentável atende as necessidades dos turistas de hoje e das regiões receptoras, ao mesmo tempo em que protege e amplia as oportunidades para o futuro. Nesse prisma, é visto como um condutor que permite fazer a gerência de todos os recursos, de tal forma que as necessidades económicas, sociais e estéticas possam ser satisfeitas sem desprezar a manutenção da integridade cultural, dos processos ecológicos essenciais, da diversidade biológica e dos sistemas que garantem a vida”.*

Para que haja um desenvolvimento comunitário sustentável do turismo, é necessário obedecer aos princípios da sustentabilidade no que se refere aos aspectos ambientais, económicos e socioculturais do desenvolvimento turístico, devendo estabelecer-se o equilíbrio adequado entre essas três dimensões para garantir uma sustentabilidade a longo prazo.

Sendo assim, o desenvolvimento turístico assente nos princípios da sustentabilidade, deverá:

- ✓ Dar um bom uso aos recursos ambientais,
- ✓ Respeitar a autenticidade sociocultural das comunidades anfitriãs,
- ✓ Assegurar uma actividade económica viável a longo prazo, oferecendo benefícios socioeconómicos a todos os agentes (Informação Turística, 2008).

Dentro desses princípios, exige ainda a participação informada de todos os agentes relevantes, sendo um processo contínuo que requer a constante monitorização dos impactos, devendo igualmente manter um elevado nível de satisfação dos turistas.

Por ter como base a sustentabilidade, económica, social, cultural e ambiental, o turismo comunitário tem-se revelado como um forte meio de desenvolvimento capaz de satisfazer o que já há muito se esperava (os benefícios e satisfação de todos os intervenientes no processo de planeamento turístico).

Mas, como afirma Carvalho (2007) *apud* Ribeiro (2008), para que ocorra o desenvolvimento, é necessário priorizar a satisfação de algumas necessidades humanas no que diz respeito à saúde, educação, moradia, lazer, emprego e renda. Entretanto, esses factores implicam directamente no processo de desenvolvimento do indivíduo, uma vez que o mesmo necessita de auto-independência de habilidades para actuar em grupo, tornando-se protagonista de sua evolução e consequentemente de sua comunidade, já que a participação é considerada pelos estudiosos um processo de mobilização social e espaço de construção de cidadania.

A promoção do turismo comunitário abre espaços para as comunidades, que são levadas à transformação das mesmas em núcleos receptores do turismo, buscando no mesmo, ferramentas para o desenvolvimento local, além de se auto-beneficiarem com a produção de produtos e prestação de serviços. Aderem ao associativismo através de cooperativas e organizações comunitárias.

Como acontece com todos os outros tipos de desenvolvimento, no turismo comunitário não é diferente, isto porque, existe a necessidade de entrelaçamento entre os actores, pois o modelo comunitário não exclui a importância de apoio e recursos para os fins, ou seja, para que o modelo de desenvolvimento não seja mais uma utopia deparada à globalização de economia capitalista. Faz-se necessário que a comunidade consciente busque sua organização e apoio para exploração do turismo já que este modelo diferentemente possibilita a participação activa da comunidade, tornando possível que esta usufrua das oportunidades geradas pela actividade e não sejam excluídos e servindo de mão-de-obra para grande empreendedores oportunistas do consumismo.

Dessa forma, como afirma Coriolano (2006) *apud* Ribeiro (2008), o turismo comunitário surge como uma possibilidade de preservação das culturas e oportunidades em busca de uma fatia de mercado, em que:

*“Seus organizadores elaboram críticas ao modelo excludente e tentam produzir serviços turísticos de forma associativa, comunitária, juntando esforços, ideias e*

*as poucas condições financeiras de pessoas que se agrupam para desenvolverem serviços, assim, é realizado de forma compartilhada".*

Todavia, Machado e Vilela (2006, p.3) *apud* Ribeiro (2008), afirmam que é importante a interacção entre os sectores para a efectuação do turismo comunitário, deixando claro que, mesmo neste modelo de desenvolvimento, não é possível praticá-lo de forma isolada somente pela comunidade, revelando também outros consequentes benefícios trazidos por este novo modelo de desenvolvimento para a actividade turística, como o caso da inclusão social.

Por meio da interacção dessas políticas com as exercidas por cada sector da sociedade-público, privado e terceiro sector – tornar-se-á possível vislumbrar a inclusão social associada à possibilidade de se trabalhar o turismo com base local. Assim, haverá a possibilidade de trabalhar o turismo não como um produto acabado, fruto do capitalismo, mas como um fenómeno em contínua mudança e que permite à sociedade se organizar de forma a assegurar àqueles, até então excluídos da dinâmica capitalista, uma real possibilidade de inclusão social.

A presença da população neste novo sector de actividade é de extrema importância, tendo em conta que são os principais actores e como tal, o seu papel é de destaque e sua participação é inevitável. Sendo assim, o cooperativismo e o associativismo devem estar sempre presentes para que haja um desenvolvimento assente na sustentabilidade e contribuam de forma eficiente para o benefício de todos os intervenientes. O turismo comunitário destina-se essencialmente à população local visto que esta é a sua protagonista.

Por esta via, os membros da comunidade podem contribuir de diversas formas para garantir o seu desenvolvimento através da sua participação activa em todos os projectos que visam o alcance do bem comum, ou seja, a satisfação de todos. É no entanto, a comunidade local que administra e dita as regras de como se devem processar todas as actividades que aí se desenvolverão. Nesta modalidade de turismo, a comunidade participa activamente no processo de gestão, planeia, decide e divide de forma justa e transparente os recursos gerados pelas acções realizadas para a recepção dos visitantes nas comunidades. Segundo Santana (2005), os agentes comunitários fundamentam papéis comunitários de transformações globais, por isso, é necessário trabalhar a

questão das habilidades (competência, saber fazer), de motivação (querer fazer) e de criatividade (fazer mais com menos), desde que sejam claras, desafiadoras, mas exequíveis.

*“O papel do agente comunitário é o de empreendedor social, que parte do conhecimento de si próprio, como alguém que define por si mesmo o que vai fazer e em que contexto será feito. Para isso, leva em considerações seus sonhos, desejos, preferências, necessidades, atitudes, aprendizado e estilo de vida tendo conectividade com a comunidade e garantindo assim o plano de Desenvolvimento social para o fortalecimento colectivo integrado da comunidade”.*

## **1.1 Público do Turismo comunitário**

O turismo comunitário tem como público, pessoas de todas as idades e de todas as partes do mundo interessadas em compartilhar o modo simples de vida das populações visitadas e contribuir com os recursos que destinam ao turismo e ao lazer, para o desenvolvimento dessas comunidades e manutenção de suas tradições e das formas culturais mais antigas, bem como para geração de renda para jovens e adultos dessas localidades (Turismo Comunitário – Roteiros no Maranhão (s/d)).

Como qualquer outra actividade, o turismo comunitário possui assim um público, que junto com a comunidade contribuem para o benefício o seu desenvolvimento. Por ser de extrema importância a presença deste público, uma vez que é o seu encontro com a comunidade que gera a troca de experiência e relação, torna-se assim indispensável a sua participação.

Contudo, pode-se dizer que o turismo comunitário apresenta-se como sendo uma alternativa, um meio, uma indústria capaz de promover o bem-estar económico, social e cultural de uma região/país com benefícios satisfatório, tendo em conta que tem como pilar fundamental a sustentabilidade visando proporcionar uma distribuição justa dos rendimentos gerados para a comunidade, que são os maiores beneficiários autores pelo qual se destina esta actividade.



### **Capítulo 3. ENQUADRAMENTO HISTÓRICO DA ILHA E DA COMUNIDADE EM ESTUDO**

Para o enquadramento e compreensão da comunidade da Ribeira Bote como “destino turístico”, baseada na tipologia do turismo comunitário, fez-se primeiramente uma breve caracterização da ilha de São Vicente, onde foram abordadas questões como seu surgimento, história, localização, densidade populacional, situação turística, entre outros e o estilo de vida do seu povo. Depois, localizou-se a comunidade da Ribeira Bote na ilha, falando da sua história e fazendo o levantamento de todos os seus recursos e atractivos, recursos esses que serão transformados em produtos a serem colocados à disposição dos turistas como oferta turística.

#### **1. Ilha de São Vicente**

São Vicente é a segunda ilha mais populosa de Cabo Verde, localizada no grupo do Barlavento, a noroeste do arquipélago.

É conhecida como a “Ilha do Porto Grande” por albergar o maior porto do país, construído na Baía do mesmo nome<sup>7</sup>. Inegavelmente, como se poderá verificar mais à frente, o povoamento e desenvolvimento da ilha tiveram e continuam a ter uma forte dependência do porto e da baía.

De acordo com os dados do INE, Censo 2010, São Vicente alberga actualmente uma população de cerca de 76.107 mil habitantes e, de entre este número, a grande maioria reside na cidade do Mindelo, capital da ilha com cerca de 62.970, e que também actualmente é consagrada como Capital cultural de Cabo Verde. A sua taxa de urbanização é de 97%, sendo considerada a ilha mais urbana de Cabo Verde.

No que concerne ao seu desenvolvimento económico, São Vicente desenvolveu-se sobretudo pela actividade comercial e portuária da cidade do Mindelo, e também pela pesca e pelas indústrias derivadas como conservas, seca e salga de peixe e a construção naval.

---

<sup>7</sup> Plano Estratégico de Desenvolvimento de Turismo em Cano Verde 2010/2013.

## **2. Descoberta e História**

São Vicente foi descoberta a 22 de Janeiro de 1462, esteve à mercê da falta de água permanecendo durante muitos séculos como local de pastagem de gado. Foi das últimas ilhas a ser povoada.

A ilha de São Vicente esteve praticamente desabitada até 1838, altura em que foi estabelecido na ilha um depósito de carvão para reabastecimento dos barcos que navegavam nas rotas atlânticas, transformando-se num dos mais importantes entrepostos mundiais de reabastecimento de carvão. Este surto de desenvolvimento atraiu muitas pessoas à procura de melhores condições de vida. O tipo de vida cosmopolita que a partir daí se instalou foi decisivo para a fixação na cidade da elite cultural e intelectual cabo-verdiana, onde a música, a literatura e o desporto eram muito cultivados.

Nela conservou-se um centro histórico relativamente bem preservado, onde predominou a arquitectura de estilo colonial. O concelho é constituído por uma única freguesia - Nossa Senhora da Luz que é dividida em zonas. Outras localidades assinaláveis do concelho, são a Baía das Gatas, Calhau, Salamansa e São Pedro.

## **3. Situação Turística na Ilha de São Vicente**

Faz-se ainda alusão ao turismo que apresenta óptimas perspectivas de crescimento na ilha de São Vicente pois ela possui uma grande tradição ao nível do desporto, tal como o ciclismo, golfe, desportos náuticos, pesca desportiva; da cultura (teatro, música, dança, artes plásticas e muitos outros), da história e da gastronomia.

Segundo os dados do Plano estratégico de Desenvolvimento Turístico de Cabo Verde (2010/2013 p.32), a ilha apresenta uma oferta turística bastante diversificada, onde se destacam o turismo de praia (nas belas praias da Laginha, logo no centro da Cidade, e nas de Baía das Gatas, Calhau e São Pedro); o turismo cultural, com realce para o famoso Carnaval, o Festival de Música de Baía da Gatas, o festival de Teatro Mindelact e Setembro Mês de Teatro, e o tradicional *Reveillon*; o turismo de mergulho/aquático e

---

## TURISMO COMUNITÁRIO NO BAIRRO DA RIBEIRA BOTE: PROPOSTA PARA O SEU DESENVOLVIMENTO

---

desportos náuticos e o turismo de natureza. Para além das atracções acima referidas, São Vicente possui um variado número de recursos e produtos turísticos, como a seguir se indica neste mesmo plano (p. 71).

**Tabela 3:** Produtos Turísticos Potenciais de São Vicente

Principais recursos turísticos	Produtos turísticos potenciais
Música, dança e teatro, manifestações culturais (Festival Baía das Gatas, Carnaval, festas de romaria, festas de Fim de Ano), história de tradições, mar & praias, artes e artesanatos (incluindo a fabricação de instrumentos musicais), marina, vistas panorâmicas, culinária, vida nocturna	Sol & praia; Ecoturismo (caminhadas, observação de fauna, ornitologia, turismo no espaço rural, etc.); turismo cultural (arqueologia, turismo étnico, festas populares, património construído, intercâmbio); turismo desportivo (desportos náuticos, aventura, vôo livre, mergulho, cavalgadas, pesca desportiva, golfe); turismo de negócios e eventos (feiras, congressos, incentivos, visitas técnicas)

Porém, é de salientar que, dada a complementaridade, em termos de oferta turística, com a vizinha ilha de Santo Antão (que dista apenas uma hora de barco), nos últimos tempos vem-se desenhando uma tendência de oferta de pacotes integrados englobando essas duas ilhas, tendência esta que poderá ser potencializada, por exemplo, através da melhoria das ligações entre elas, principalmente a nível de acessibilidade e disponibilidade nos transportes que fazem ligação entre elas.

Todavia, recentemente, este potencial turístico tem atraído a atenção de vários investidores, prevendo-se a implementação de grandes projectos na ilha, principalmente nas localidades de Baía das Gatas, Salamansa, São Pedro, Calhau e Saragaça, além do centro da Cidade, estimulados pela já abertura do aeroporto internacional e pelos investimentos recentes na rede viária e na construção de um terminal de passageiros para cruzeiros.

Apesar de alguns esmorecimentos derivados da crise económica mundial, acredita-se que, a implementação desses projectos irá trazer uma nova dinâmica à região norte do País, beneficiando não apenas a ilha de São Vicente mas, por arrastamento, as ilhas de Santo Antão e São Nicolau (Plano Estratégico para o desenvolvimento Turístico de Cabo Verde).

---

## TURISMO COMUNITÁRIO NO BAIRRO DA RIBEIRA BOTE: PROPOSTA PARA O SEU DESENVOLVIMENTO

---

Entretanto, alguns pontos de estrangulamentos precisam ser resolvidos ou minimizados. Nomeadamente a nível da ligação com o exterior e com as restantes ilhas (melhoria das ligações aéreas e marítimas em termos de horários e frequência com outras ilhas, sobretudo com São Nicolau), melhor planeamento e promoção integrada da oferta turística de São Vicente, qualificação da mão-de-obra, etc.

**Tabela 4:** Delimitação Geográfica e alguns dados turísticos da Ilha de São Vicente no contexto do território de Cabo Verde

<b>Área</b>	<b>227 Km2</b>
<b>População (2010)</b>	76.107
<b>Nº de estabelecimentos disponíveis (2013) por %</b>	33 (5 hotéis 10 %, 10 pensões 14%, 1 pousada 14 %, 2 hotel-apartamento 14 %, 15 residenciais 25 %).
<b>Nº de camas disponíveis (2012) por %</b>	Representa 6,7 %
<b>Nº de turistas (2012) por %</b>	7,2 %
<b>Nº de dormidas (2012) por %</b>	2,5 %

### 4. Comunidade da Ribeira Bote

Ribeira Bote é uma comunidade localizada na cidade do Mindelo, mais concretamente na sua periferia, pouco distante do centro da cidade de Mindelo. Actualmente, possui uma dimensão populacional de 3.956 habitantes, de acordo com o Censo de 2010. A sua população é maioritariamente jovem e no tempo presente vem enfrentando problemas de ordem social que têm estado a afectar a maioria ou quase na generalidade a sociedade cabo- verdiana. Problemas como pobreza, desemprego, condições de saúde limitadas, condições de habitabilidade precárias, gravidez precoce, abandono escolar, alcoolismo, violência a diferentes níveis, sendo considerada uma das zonas mais perigosas da ilha.

De entre as actividades desenvolvidas pela sua população activa, destacam-se as seguintes: vendas em lojas e mercearias, bares, peixeiras, vendedores ambulantes, artesanato, entre outros.

Ribeira Bote é, por si só, uma zona riquíssima em história e possui uma cultura exótica capaz de fascinar qualquer visitante que ali se dirige, apesar de todos os constrangimentos acima referidos, ela tem muito a oferecer o que a torna assim num importante atractivo e com grande potencial para o turismo comunitário. Seguem-se assim os factos que relatam a sua importância como produto para essa nova tipologia de turismo.

## 5. Sua História

Entretanto, é de dizer que nem sempre o crescimento populacional e económico de São Vicente teve o ritmo que hoje se verifica, isto porque, como descreve Rodrigues (2011, p. 48-53) o número dos moradores locais era ainda muito reduzido nos meados de 1900, isto porque a ilha era desabitada e com poucas condições de sobrevivência.

Mas foi concretamente a partir de 1920 que começaram a aparecer nos subúrbios, pequenos comerciantes, no meio da classe popular, que vendiam um pouco de tudo a retalho. De entre estes espaços, encontrava-se o Lombo que é dos espaços suburbanos mais antigos e um dos mais densamente povoados, onde por muitos anos moraram grandes figuras da cidade de Mindelo, nomeadamente Francisco Xavier da Cruz, mais conhecido por B. Léza, que foi, “um dos mais destacados troveiros<sup>8</sup> de mornas de Cabo Verde, fundador do grupo carnavalesco Floriano e introdutor do estilo brasileiro na música do Carnaval de São Vicente, conhecido pelos seus sambas famosos, sobre os marinheiros do Porto Grande, nos anos 20” (Rodrigues, 2011).

Ainda dentro deste contexto, ficava mais além, o bairro da Ribeira Bote, que no princípio dos anos 20, era povoado apenas na zona da ribeira e possuía para cima de 200 moradias, constituídas na maior parte por casas de telhas de cimento e por alguns funcos (casas de pedra, areia e cal) cobertos de colmo.

Habitada por gente laboriosa, o Bairro da Ribeira Bote tinha gente de todas as classes sociais, gente humilde e trabalhadora, que se entregava a *rocèga*, isto é, à apanha de carvão que caía ao mar, proveniente de descarga das lanchas das companhias inglesas sediadas no Mindelo. Decorridos alguns anos, já tinha uma população numerosa e muito

---

<sup>8</sup> Compositor de mornas (substantivação de forma feminina do adjetivo português «morno» e com ela se designa a música e dança típica do arquipélago de Cabo Verde), Baltazar Lopes (1984) Dialeto Crioulo de Cabo Verde, 2ª ed. Lisboa.

hospitaleira, oriunda das ilhas de Boa Vista e Santo Antão, que trabalhava no porto nos limites da cidade, marcando já a diferença entre os prédios novos e as casas de linha tradicionais, rasteiras, de duas águas (coberto de telhados de ambos os lados e com duas divisões), de parede de pedra, embuçadas de cal por fora e telha marselhesa contrastando com as modernas de cimento armado e terraços, com quintais na traseiras, de meninos brincando ainda na rua à porta de casa.

Nesta altura, todos viviam da baía, alguns por conta própria, na pesca, na estiva e do «negócio do bordo», uma espécie de fornecedores de artigos vários e hortaliças para os barcos, mas em pequena escala, não chegando a constituir a categoria de *shipschandlers*, isto é, empresas fornecedoras de frescos e frios aos barcos (Rodrigues, 2011).

Porém, o nome **Ribeira Bote** surgiu devido à construção de botes nesse espaço, por um grande número de construtores locais e pequenos faluchos e palhotes, que aí tinham o seu estaleiro (Lopes, 2013).

Para além da construção de botes, que na altura constituía um meio pelo qual os moradores viam como alternativas para a obtenção da renda e do sustento para as suas famílias, também no seio da comunidade viveram muitos compositores de música tradicional, mornas e coladeiras, ou mesmo de sambas e marchas carnavalescas, à moda brasileira, mas tendo por temas motivos do carnaval cabo-verdiano.

Moacyr Rodrigues afirma que, em comparação com outros bairros, Ribeira Bote tem esta característica única e singular, onde os bairros vizinhos como Fonte Filipe, Lombo de Tanque e Ribeirinha, juntam-se a ele contribuindo deste modo para a congregação carnavalesca.

Contudo, Ribeira Bote tem sofrido constantes modificações ao longo dos tempos com a progressão social e económica de São Vicente. Porém, é de dizer que, apesar do crescimento que se tem verificado na cidade de Mindelo nestes últimos anos, certas características pertinentes a Ribeira Bote permaneceram. As separações mais notáveis, são as características físicas, isto porque o espaço onde outrora era grande entre os bairros, devido às construções recentes, desapareceram, mas em contrapartida ficou a fronteira cultural na configuração mental da construção dos bairros e da pertença de cada um. Segundo o autor, as populações migrantes recentes vindas dos espaços rurais

não têm esta percepção, logicamente, sendo este um factor de desestabilização à ordem imposta pela tradição. Por outro lado, é também de notar que o personagem promotor da cultura, neste caso o carnaval, os seus actores, ao viverem em certos tipos de bairros, é-lhes conferida uma credibilidade, um valor místico/mítico cultural, que atrai ao longo do tempo de festa, e não só durante os dias específicos, outro público desejoso deste tipo de fruição.

Segundo Rodrigues, pode-se assim verificar que, em época de carnaval se revive o ciclo social trazido pelo tempo, fazendo com que estes actores sejam os garantes da manutenção dos factores que, num ciclo, vão vivificar em permanência o carnaval. Daí que se não possa dissociar o bairro dos actores. É o caso da Ribeira Bote e Monte/Craca. Todavia, é Ribeira Bote que irá continuar a fornecer a maior parte dos músicos, estivadores e pescadores; um dos bairros mais antigos onde reside grande número de moradores naturais dos de São Vicente, de nacionalistas, (com episódios como o da «Zona libertada», porque é o primeiro bairro da cidade a opor-se à entrada de tropas portuguesas logo após o 25 de Abril), e donde também saíram os artistas do Carnaval, os serralheiros mecânicos da Cabnave<sup>9</sup>, polícias de Capitania dos Portos de São Vicente e empregados de empresas que se dedicam aos trabalhos do Porto – Enapor.

No seu seio viviam compositores de música tradicional e sambas carnavalescos de sabor brasileiro e de conteúdo mindelense, que cantavam durante o carnaval e o regresso dos marinheiros da faina e da aventura.

Ainda em Ribeira Bote eram acolhidos, mantendo a tradição, os que regressavam dos trabalhos de São Tomé. Estes moradores provindos de São Tomé, construíram neste espaço, o seu bairro com material de caixote de madeira; formando assim o que até então se verifica mesmo dentro da Ribeira Bote denominado por «**Ilha de Madeira**», ou ilha de miséria, ironicamente assim chamada pelos próprios moradores, por antítese em relação à paradisíaca ilha atlântica portuguesa.

Também conservam ainda os velhos traços da zona de «fralda», isto é, zona de subúrbios, dormitórios de trabalhadores, de serralheiros mecânicos, de pescadores, de homens do mar, zona de adolescentes às esquinas que conversam ou contam piadas e «partidas» (casos) da vida quotidiana.

---

<sup>9</sup> Empresa pública de estaleiro naval.

No princípio, um dos ofícios dos moradores locais, era a construção de botes, barcos para a pesca e negócios do «meio da baía», daí a origem do topónimo.

Não obstante, as profundas modificações sofridas actualmente pelo Bairro com a construção de novas casas e moradias, bem ordenadas dentro do possível para um bairro que nasceu a esmo, Ribeira Bote não se modificou muito, mas também não deixou de ter os seus espaços obscuros, como retrata (Gonçalves, 1956) *apud* Rodrigues (2011), «nos confins da cidade» com «larguinhos contornados de muros baixos a resguardar os quintais e dos infalíveis alinhamentos de rés de chão vindos de tempos atrasados – o cal das fronteiras desfazendo – se a exaltar a pobreza e velhice». O outro aspecto, é que não mudou o ponto de vista da população solidária e dos seus velhos hábitos de vida nocturna, que continua a abrir as meias portas de botecos e das casas para receber os fregueses «finos». É ainda o refúgio dos artistas, como no passado.

Logo, o primeiro percurso, preliminar do processo ritual terá a sua largada a partir deste bairro, hoje coalhado de gente frustrada, desempregada, porque os barcos deixaram de aportar ao Porto Grande porque «Cabá vapor... caba carvom.../ restam praias vazias e botes agonizantes» (Silveira, 1958, p. 70), as companhias inglesas se foram embora com a decadência do carvão.

Ribeira Bote é assim, um dos bairros mais importantes e laboriosos do Mindelo ao lado do Monte Sossego, o bairro mais populoso dos arredores (Ramos, 2013).

Actualmente, a comunidade possui cerca de 4.000 habitantes, um número que revela o desenvolvimento desta comunidade. Embora sendo hoje um bairro mais moderno, este tem preservado muitos traços culturais do passado e o povo continua sendo trabalhador, hospitaleiro e gente boa.

## **6. Aspectos positivos de Ribeira Bote**

Para além da sua riquíssima história como descrito anteriormente, nesta comunidade pode-se encontrar ainda a grande parte dos artesãos e artistas da ilha e em quase toda as esquinas dos bairros podem-se encontrar em músicos, escultores, pintores, famosos jogares de futebol, jogadores de ténis, actores de manifestações culturais como Mandingas ou tocadores de tambores nas festas de romarias, etc. Por se situar nos



---

## TURISMO COMUNITÁRIO NO BAIRRO DA RIBEIRA BOTE: PROPOSTA PARA O SEU DESENVOLVIMENTO

---

arredores da cidade, a zona de Ribeira Bote é beneficiada de muitas infra-estruturas importantes para melhoria da qualidade de vida dos moradores, como a seguir se indica:

**Tabela 5:** Infra-estruturas e Serviços situados dentro e nos arredores da comunidade.

Lista de infra-estruturas e serviços dentro da Comunidade	Lista de infra-estruturas e serviços nos arredores que beneficiam Comunidade
Bancos (BCA)	Posto Policial (Fonte Inês)
Posto de Abastecimento (Shell)	Serviços de Telecomunicações (Cymovel)
Posto dos Correios	Mercado de Peixe da Ribeirinha
Escolas	Bancos (Caixa Económica de Cabo Verde)
Jardins Infantis	Hospital (Lombo)
Igrejas	Agência Funerária (Lombo)
Lar de Idosos	Padarias
Serviços de Comercio Geral	
Posto de abastecimento de Água Potável	
Clínica Dentária	
Associações Diversas	
Clubes Desportivos	

Como apresenta a tabela acima, Ribeira Bote não é uma comunidade isolada. Esta encontra-se rodeada de um vasto número de instituições e infra-estruturas, que a tornam numa comunidade acessível e capaz de dar resposta às eventuais demandas que poderão surgir e como tal permitirá com maior eficácia que o desenvolvimento do turismo que se pretende aí seja mais seguro.

**Tabela 6:** Lista de actividades produtivas da comunidade.

Artesanato	Construção Civil	Pescadores
Lojas/ Mercarias/ Bares	Electricistas	Estivadores
Mini Mercados	Drogarias	Advogados
Vendas ambulantes	Confeitarias	
Sapataria	Barbearias	
Alfaiataria	Pintores	
Carpintaria	Escultores	
Marcenaria	Cabeleireiros	

Ribeira Bote tem também, além das infra-estruturas que são extremamente importantes, um vasto número de actividades produtivas que vão desde uma simples mercearia local

onde todos os moradores, e não só, dirigem-se para fazerem as suas compras, como se verifica na tabela a cima.

Para além dos recursos acima apresentados, pode-se ainda encontrar o Mercado da Ribeirinha (situado frente à zona da Ribeira Bote). Nesse mercado, os visitantes/turistas ao entrar pela porta dentro, podem ter o contacto directo com os vendedores, produtos, tais como roupas, ervas para chás, argila, pimenta, milho, peixe, verduras e hortaliças provenientes da zona de Calhau e de Santo Antão, entre outros produtos. Pode-se ainda encontrar pessoas provenientes de outras ilhas de Cabo Verde como Santo Antão, São Nicolau e Fogo e também de outros países da África, como Costa do Marfim, Senegal e Guiné Bissau.

Neste capítulo, observou-se que há uma grande semelhança tanto na ilha de São Vicente como o bairro da Ribeira Bote, quanto a sua história e povoação. Contudo a comunidade de Ribeira Bote objecto de estudo desta investigação, apesar da história rica descrita acima, esta vem enfrentado problemas de ordem social como pobreza e desemprego, que nos últimos anos vem afetando esta comunidade principalmente na camada juvenil, culminando com situações como vandalismo e delinquência.

Pode-se também verificar que, para além das situações constrangedoras, há vários aspectos positivos nessa comunidade que são acessibilidades, a organizações e instituições onde se pode dirigir a fim tratar de assuntos diversos.

## **Capítulo 4. INVENTARIAÇÃO TURÍSTICA DE RIBEIRA BOTE**

Neste capítulo, o que se pretendeu fazer foi uma inventariação dos recursos turísticos<sup>10</sup> existentes na comunidade de Ribeira Bote.

Esta possuiu um variado número de recursos que são riquíssimos e que revelam a sua marcante existência ao longo dos tempos, isto porque, embora se tenham passado dezenas de anos, o povo deste bairro tem mantido a tradição como o estilo de vida do seu povo, sua hospitalidade, sua forma de viver e de se comportar.

Pode-se dizer que essas tradições têm transformado Ribeira Bote num bairro com características singulares, tendo-se diferenciado dos outros bairros no que diz respeito à sua cultura e suas ornamentações e também na salvaguarda de todos os traços e costumes, assumindo assim uma posição privilegiada e única, na preservação dos seus valores históricos e culturais.

Para melhor especificar a importância, diferenciação e os atributos que demarcam a existência deste bairro, foram identificados os seguintes, de entre muitos recursos, que são de extrema importância para o desenvolvimento do Turismo Comunitário nesta comunidade.

### **1. A história da Comunidade “Ribeira Bote”**

A história desta comunidade representa um importante recurso turístico, isto em resultado dos acontecimentos decorrentes na comunidade como:

- ✓ Surgimento do nome do bairro;
- ✓ Revolução do Capitão Ambrósio a 4 de Junho de 1934;
- ✓ Segundo os relatos, diz-se que foi a primeira zona libertada de São Vicente após o 25 de Abril 1974;
- ✓ Revolução do Capitão Ambrósio a 4 de Junho de 1934;
- ✓ Festas de Romarias - onde é celebrado por tradição o Toca tambor e Colá San Jon.

---

<sup>10</sup> Inventariação de Recursos Turísticos, é a realização de levantamentos, sistematização e disponibilização de informações sobre o conjunto de recursos turísticos de uma determinada área.

Também pelo facto de ser o bairro de onde vieram compositores de mornas, coladeiras e músicas de carnaval; tocadores; grande número de pescadores e agricultores de São Vicente.

Estes acontecimentos por si só revelam, o preponderante papel que esta zona e sua comunidade têm desempenhado, quanto ao seu contributo como um dos bairros pioneiros em São Vicente, que até ao dia de hoje tem mantido de certa forma a sua tradição e preservado seus valores histórico e cultural (Miriam Lopes, 2013).

É nesta comunidade que, para além de músicos, estivadores, existem também trabalhadores que desempenham tarefas ligadas à agricultura, pesca, os mecânicos serralheiros, o que também contribuiu para o sustento da comunidade e de São Vicente, e que desses recursos dependem (Rodrigues, 2003).

Todavia, o bairro de Ribeira Bote tem muito a oferecer como um destino turístico, isto é, para além da sua história que é riquíssima, ainda pode-se encontrar: roupas costuradas, ervas para fazerem chás, argila, pimenta, grogue, entre outros produtos.

Como referido acima, o outro aspecto marcante, é o facto da Ribeira Bote ser a primeira **Zona Libertada** de São Vicente e que constituí um marco importante e um grande atractivo desta comunidade, isto porque, foi o primeiro bairro de São Vicente a opor-se à entrada de tropas portuguesas logo após o 25 de Abril 1974 (Rodrigues, 2011).

A história de Ribeira Bote é riquíssima e verdadeiramente é um importante recurso turístico, ou seja, o fundamental para servir de atracção aos visitantes/turistas que buscam experiência genuínas.

Dadas as suas características peculiares segundo Lopes (2013), esta destaca-se pelo sentimento de pertença, ou seja, o sentir da comunidade e também é assim conhecida popularmente como o coração do Mindelo e uma das zonas mais cantadas de São Vicente.

## **2. A História da Revolução do Capitão Ambrósio**

Porém, como afirma Ramos (2003), foi concretamente no Bairro da Ribeira Bote, local onde a 4 de Junho de 1934, teve início a revolução do Capitão Ambrósio, isto porque neste exacto dia, o povo de Mindelo deu o seu primeiro grito de liberdade, já não podia

suportar a angústia, a fome e a incerteza do futuro que assolava os habitantes da ilha. Nesse sentido ela viu, assistiu e compartilhou da marcha revolucionária. Essa marcha foi comandada pelo próprio Ambrósio Lopes.

Entretanto, esta marcha que começou em Ribeira Bote, tinha chegado à cidade por volta das 11 horas da manhã, com um grupo de homens e mulheres de todas as idades, incorporando-se solidariamente no movimento. À medida que as pessoas tomavam conhecimento, a coluna das massas engrossava na certeza de que a vitória que se avistava ainda esfumada e a longo prazo e encabeçada por Nhô Ambrôze, teria repercussão um dia na liberdade do Povo sofredor de Cabo Verde. Entretanto, foi uma reunião formada por gente resoluta e confiante nos seus planos, à frente ia Nhô Ambrôze (residente da Ribeira Bote), todo altivo e firme. Na mão trazia a bandeira negra, bandeira de fome, desfraldada ao vento e caminhando de cara levantada, acompanhado pela multidão que aumentava progressivamente.

A marcha dos manifestantes tinha começado na Ribeira Bote, à beira da porta da oficina de Nhô Ambrôze, um carpinteiro muito eloquente e desembaraçado, com algum prestígio entre os vizinhos e junto das gentes a que pertencia – que os terá convencido que já era tempo de saírem à rua para fazer saber as autoridades que estavam passando toda a casta de privações por falta de trabalho.

Segundo Semedo (2010), depois de Ribeira Bote a marcha seguiu-se em direção à Praça da República (actual Pracinha da Igreja), em frente à Câmara Municipal, onde solicitaram que esta e a Administração do Concelho telegrafassem ao Governador, a fim de informar que o povo já não podia sofrer mais do que já estava passando e estavam decididos a aguardar juntos e solidários, sem dispersar, as medidas requeridas pela situação de miséria que estavam atravessando, como resposta aos seus apelos.

Depois de algum tempo da espera da resposta por parte do Governador, no dia 7 de Junho por volta das 14 horas, um numeroso grupo de manifestantes invadiu a Alfândega, saqueando alguns armazéns onde havia uma boa quantidade de géneros alimentícios, não obstante os protestos e a resistência de todo o pessoal, que acabou por chamar a atenção do Director da Alfândega que, na impossibilidade de resistir à multidão, viu-se obrigado a chamar a intervenção das forças armadas que junto com os polícias conseguiram travar o avanço da invasão e expulsar os manifestantes.

Verificou-se, no entanto, uma enorme fila de mulheres, homens e jovens que transportavam sacos, latas e demais objectos tirados da Alfândega como: açúcar, milho, feijão, farinha de trigo e de mandioca, batatas, banha, manteiga, óleos, azeite, etc., e tudo que havia dentro do armazém que se considerava útil para o consumo.

Contudo, os manifestantes expulsos da Alfândega, começaram a assaltar os diferentes armazéns das principais firmas e em vários pontos os militares abriram fogo que culminou assim com dois feridos, um homem e uma rapariga e um morto, um rapaz de 12 anos, que foi ferido com uma baioneta na ocasião em que fazia o assalto da firma Alfredo Miranda (Semedo, 2010).

Entretanto, é de salientar que Nhô Ambrôze não participou nos assaltos aos armazéns, nem beneficiou do respectivo saque.

Ao longo desta revolução, que foi muito benéfica, apesar das consequências que dela sobrevieram, Ambrósio Lopes, conhecido por Capitão Ambrôze por comandar essa revolução, continua perpetuando a memória do povo mindelense e principalmente os de Ribeira Bote, que tem-no como um herói.

Na altura da Independência Nacional, a Comissão Administrativa de São Vicente mandou afixar uma placa alusiva dando o nome do Capitão Ambrósio, à Avenida que vai desde a praça Dr. Regala, até ao fundo da Ribeira Bote, local onde começou a Revolução a 4 de Junho de 1934. A placa foi fixada com a seguinte escritura: Revolução chefiada por Nhô Ambrôze<sup>12</sup>.

### **3. Ilha de Madeira**

Ainda na comunidade de Ribeira Bote, existe um pequeno bairro que surgiu dentro desta que é denominado de Ilha de Madeira. Neste lugar eram acolhidos os trabalhadores contratados que, ao regressarem de São Tomé, refugiavam-se ali. Entretanto, estes moradores provindos, construíram neste espaço, o seu bairro com material de caixote de madeira; formando assim um novo bairro. «A ilha de madeira deve-se esse nome, porque aqui existia apenas as casas construídas de madeira na altura da sua formação» (Rodrigues, 2003).

---

<sup>12</sup> É de salientar, que informações fidedignas dizem que “Capitão” Ambrósio era natural de Santo Antão, e faleceu em São Vicente – Mindelo, no dia 25 de Outubro de 1946, pelas 11H30, na sua residência em Ribeira Bote, com a idade de 68 anos.

Este pequeno bairro é um importante recurso turístico, isto porque, contém uma história rica (o seu surgimento, os traços culturais que envolvem o seu povo) que são características ainda bem visíveis que estão vigorando através do estilo de vida que norteiam esse povo. Pode-se encontrar casas de latas, homens andando sem camisa, grande número de serralheiros, mecânicos, agricultores, pescadores, sapateiros, os artistas e artesãos, poço de águas, costureiras, vendedeiras de peixe, ou seja, a maioria dos atractivos encontram-se localizados neste pequeno bairro.

Aqui pode-se encontrar ainda conservados os velhos traços da zona de «fralda», isto é, zona de subúrbios e dormitórios de trabalhadores.

A Ilha de Madeira é um local privilegiado isto porque aqui concentra-se a maior parte dos artesãos e artistas do Mindelo (Lopes, 2013).

#### **4. Os artesãos e artistas da Ribeira Bote**

Um outro recurso muito importante que também pode servir de atracção aos visitantes, são os artesãos e artistas locais. Isto porque, em entrevista a Miriam Lopes uma das representantes do projecto turismo comunitário que está sendo desenvolvido nessa comunidade, afirma que RB sempre foi a maior produtora de artesãos e artistas da Ilha de São Vicente, o que constitui um importante Recurso Turístico, tendo em conta que, segundo ela, estes têm dado um grande contributo nesta matéria e que actualmente já recebem visitantes que entraram na comunidade só para apreciarem e comprarem os produtos fabricados por estes.

Podem-se destacar os seguintes nomes referentes a artistas e artesãos: *Djoy*<sup>13</sup>, *Manu Rasta*<sup>14</sup>, *Leopoldina*<sup>15</sup>, *Cubano*<sup>16</sup> *Nana*<sup>17</sup> *Victor Pio*<sup>18</sup>, *Di Fogo*<sup>19</sup> (Vitorino), *Albertino*<sup>20</sup>,

---

<sup>13</sup> Artesão e escultor, trabalha com barro e assim faz instrumentos diversos relacionados aos objetos e imagens de esculturas.

<sup>14</sup> Artesão da R.B que trabalha com o barro e seus derivados.

<sup>15</sup> Costureira reconhecida pelos seus trabalhos.

<sup>16</sup> Trabalha no campo da reciclagem e usa plásticos e tampas de garrafas e faz a construção de cortinados.

<sup>17</sup> Um dos maiores artesão da R.B e da ilha São Vicente.

<sup>18</sup> Carpinteiro e marceneiro.

<sup>19</sup> Sapateiro provindo da ilha do Fogo.

<sup>20</sup> Artista plástico.

*Bitu Alves*<sup>21</sup>, *Dy Body*<sup>22</sup>, *Carina Mota*<sup>23</sup>, *Charlene Graça*<sup>24</sup>, *Sidney*<sup>25</sup>, entre muitos outros. Pode-se verificar algumas das obras dos artistas aqui descrito no apêndice 2 desse trabalho.

Músicos e compositores como: *Cacóy*, *Ninaja*, *B.Léza*, *Luiz Cabelo*, que agora estão mortos, marcaram a história de Ribeira Bote e de São Vicente, através da composição de mornas e coladeiras, músicas de carnaval, ou seja, foram homens que inspiram a nova geração a prosseguir através das suas vitórias alcançadas durante os anos que viveram como músicos e compositores de São Vicente (Em entrevista a Lopes, 2013).

Faz-se ainda alusão ao desporto, isto porque, a comunidade RB tem um Club desportivo chamado de Sport Club de Ribeira Bote mais conhecido por Veteranos da Ribeira Bote, que actualmente tem 3 jogares na selecção de Cabo Verde (Ryan Mendes, Péricles Pereira e Fretson Ramos), e que também já conquistaram vários títulos a nível nacional e local.

## 5. Os Jovens da Ribeira Bote

Os jovens da Ribeira Bote e da Ilha de Madeira podem ser considerados de recursos turístico e um produto muito importante, isto porque, a maioria dos residentes dessa comunidade é jovem e como tal, estes têm um grande potencial em termos de talentos e são dinâmicos. Este é um dos factores pelo qual pode-se dizer que estes jovens são um importante recurso turístico.

Apesar de ser um bairro que por ter sempre foi conhecido de gente hospitaleira, boa e trabalhadora, nos últimos anos, este bairro tem tido significativos problemas de ordem social, relacionados ao desemprego, ao abandono dos filhos pelos pais, à pobreza, acontecimentos que alteraram significativamente o modo de vida, particularmente dos jovens que são os que mais foram afectados. Em entrevista com Lopes (2013), os jovens na tentativa de encontrar soluções para ultrapassarem os seus problemas, refugiaram-se no alcoolismo; na prostituição; nas drogas; vandalismo e violência, entre outros, que

---

<sup>21</sup> Pintor e artista plástico.

<sup>22</sup> Costureiro que faz peças de roupas diversas e também as roupas para o Carnaval.

<sup>23</sup> Trabalha no ramo da pintura e designer.

<sup>24</sup> Pintura e designer.

<sup>25</sup> Trabalha na Carpintaria e marcenaria.



usaram como forma de refúgio a fim de ultrapassarem as suas dificuldades e assim satisfazerem os seus desejos e anseios.

Pelo facto de se terem refugiado nessas práticas “que são maléficas”, não só para a saúde, o bairro em si passou a ser alvo de temor e tremor tanto para os moradores como para as pessoas que ali passam, visto que o indício de violência que ali predominava era tão grande, que acabou criando na mente das pessoas um receio por este bairro, que passou a ser conhecido por todos da cidade como o lugar um muito perigoso onde se verificavam casos de violência, consumo de drogas e prostituição que, até certo ponto, excluíram o local do círculo social de São Vicente.

Mas, a situação agora é outra, isto porque, segundo Lopes, com a intervenção da autoridade competente, nomeadamente com a criação do novo corpo de actuação denominado de “BAC”<sup>26</sup>, o índice de criminalidade e violência que era protagonizado por estes jovens conhecidos pela população local e nacional pelo nome de “*Thugs*”<sup>27</sup> que praticavam ou davam “*caçuBody*”<sup>28</sup>, diminuiu drasticamente fazendo assim deste bairro um lugar onde agora o clima é mais apaziguado de dia e de noite, excepto quando há grandes movimentações na cidade.

Entretanto, os jovens da Ribeira Bote hoje são um importante recurso turístico, visto que agora, como afirma Lopes, estes que outrora eram vândalos agora estão sendo sensibilizados e preparados para receberem os turistas na comunidade e como tal a história destes pode servir como importante recurso hoje para os turistas /visitantes e também para a comunidade, tendo em conta que o seu processo de transformação será o foco principal a ser abordado junto dos turistas.

Por esta via estes jovens, constituem agora uma atracção para os turistas, que vão à comunidade para conhecê-los e saberem da sua história de vida e conviver de perto com eles (Lopes, 2013).

## 6. Os Mandingas da Ribeira Bote

---

<sup>26</sup> Brigada de Luta Anti Crime.

<sup>27</sup> *Thugs* nome usado para classificar o grupo organizado, cujo objectivo é a prática de violência e vandalismo – os delinquentes.

<sup>28</sup> Assalto à mão armada, as pessoas nas ruas ou mesmo as casas.

Ainda se pode verificar dentro desta comunidade uma das maiores representações do Carnaval de São Vicente que anualmente, mais concretamente nos meses de Janeiro e Fevereiro saem para as ruas do Mindelo. Entretanto, este grupo é denominado de Mandingas<sup>29</sup>, que têm um papel preponderante nesta representação, tendo em conta que são estes que dão o pontapé de saída abrindo o caminho na segunda semana do mês de Janeiro de todos os anos, dando início ao Carnaval. Estes grupos exercem uma grande influência sobre a cidade de Mindelo nesta quadra festiva, nas pessoas e em todos os bairros adjacentes à cidade e são considerados por muitas pessoas, uma das atracções principais do Carnaval (Lopes, 2013). De entre estes grupos, os mais representativos são: Mandingas de Ribeira Bote, Mandingas de Espia e os Mandingas de Areia (assim chamados, porque se pintarem de areia).

De acordo com Luís, um dos representantes do grupo de, Mandingas de Ribeira Bote, o grupo terá surgido por volta de 1960 e só se tornou numa tradição para a comunidade a partir dos anos 90.

Pela presença marcante que estes têm sobre a actividade carnavalesca na ilha, estes grupos actuam como destaque e despertam nas mentes das pessoas o início do carnaval, isto porque, semanas antes dessa celebração estes saem às ruas e andam pela cidade toda ao som dos tambores trazendo a cidade o espírito de carnaval.

De acordo com Lopes, de entre os grupos de Mandingas que participam nos desfiles das celebrações carnavalescas, o mais importante e reconhecido por toda a ilha é o *Mandingas da Ribeira Bote*, pelo facto de ser o maior grupo, o mais animador e por isso conquistaram maior número de seguidores (fãs) pela qualidade de espectáculo que têm na sua actuação.

Posto isto, é de salientar que, em grande parte, este bairro (Ribeira Bote), é conhecido e identificado pela forte presença que estes Mandingas representam todos os anos e sempre que forem solicitados para alguma actuação de grande envergadura.

O grupo possui um estaleiro onde são guardados os seus utensílios e vestimentas e onde também fazem os preparativos antes de saírem as ruas para as celebrações (Lopes, Graça e Silvino, 2012).

---

<sup>29</sup>Mandingas (em São Vicente) são grupos que se mascaram com uma mistura de óleo e pólvora e saias de sacos e saem à rua na época de carnaval para animarem as zonas do Mindelo acompanhados de muita música e euforia. Essas figuras têm-se destacado no Carnaval Mindelense principalmente aos Domingos que precedem o carnaval movimentando centenas de pessoas pelas ruas do Mindelo.

Mas antes de fazerem a volta à cidade, os mandingas da RB realizam com antecedência, um ritual onde o grupo se reúne no estaleiro para saber em que parte da ilha começará o desfiles, e também fazer o ensaio do toque dos tambores que, segundo estes, os sons estão repletos de simbologias e para isso é necessário o ensaio. O ritual termina então com o passeio que esses fazem todos os domingos antes do Carnaval em São Vicente (Graça, 2013).

Este grupo já ganhou e tem ganho vários prémios, quanto à sua participação nas actividades deste género.

Por possuir um leque variado de recursos e atractivos, Ribeira Bote é um bairro com potencial e características propícias para servir e ser um destino turístico de mérito, baseado no estilo de vida e no passado do seu povo que hoje carece de um meio pelo qual as suas vidas venham a ter um sentido diferente relembrando e trazendo à memória a vida que um dia já teve este bairro, que foi um dos dinâmicos e movimentados de São Vicente. Posto isto, a apresentação da proposta contida neste trabalho para a comunidade de Ribeira Bote, permitirá assim que se suscite uma nova visão desta comunidade, através das novas práticas e princípios defendidos no turismo comunitário, que será útil para a dinamização e crescimento desta comunidade que um dia foi um dos bairros de renome em São Vicente.

## **Capítulo 5. BOAS PRÁTICAS NO TURISMO COMUNITÁRIO**

Previamente foi feita uma revisão da literatura, realçando a importância que investigadores e organizações reconheceram no processo de planeamento e desenvolvimento deste tipo de turismo, nomeadamente, no âmbito da participação da população neste processo, das redes colaborativas, da informação, do conhecimento/capacitação, das tecnologias, entre outros.

Assim, o teor do presente capítulo centra-se na discussão de casos que foram considerados sucessos ao nível dos produtos turísticos em estudo. É objectivo último, no presente estudo apresentar um conjunto de linhas orientadoras que impulsionaram o desenvolvimento do turismo nas regiões estudadas, de forma a permitir-nos desenvolver uma *framework* eficiente e eficaz que possa ser aplicada no caso em estudo, mais concretamente na Comunidade da Ribeira Bote.

### **1. Boas práticas: Selecção e análise**

Como já foi anteriormente referido, esse tipo de turismo assenta numa filosofia de sustentabilidade, apontando para o desenvolvimento integrado dos locais afectos a essa prática. São vários os casos considerados de boas práticas que se podem encontrar a este nível, como por exemplo o Turismo Comunitário em Santiago de Okola; Turismo comunitário na Micro bacia do Rio Sagrado no Brasil; Redes de Turismo Comunitário na América Latina e Brasil; Projecto de turismo comunitário da Prainha de Canto Verde; O caso da Reserva de Desenvolvimento Sustentável do Tupé (AM); Turismo, Sensibilização e Cidadania na Comunidade da Praia de Penha e o Turismo de Favelas X Turismo Comunitário.

Casos que, sempre na óptica da promoção do desenvolvimento sustentável, fomentaram aspectos inovadores no sector do turismo, mais especificamente, nesse tipo de turismo, como por exemplo, as Redes colaborativas, informação turística, capacitação, promoção, participação e sensibilização.

## **2 Turismo Comunitário: Santiago de Okola – Parcerias e Promoção**

Este projecto de turismo comunitário foi desenvolvido em Santiago de Okola na Bolívia, um vilarejo típico com grande potencial turístico. A comunidade mantém muitas práticas agrícolas tradicionais, que conjuntamente com as suas paisagens exuberantes faz com que esta localidade seja reconhecida como um destino turístico.

### **a) Acções e estratégias desenvolvidas**

- Desenvolvimento a nível das parcerias, numa estreita colaboração entre as entidades governamentais, a população local e entidades privadas e ainda ao nível da promoção do destino.
- Garantiram o envolvimento e o comprometimento da comunidade local em todos os projectos direccionados para o desenvolvimento turístico da região e crescimento de renda das famílias, nomeadamente no incentivo às famílias no sentido de investirem em recursos, como por exemplo, em pequenas melhorias nas suas casas, tais como pintura dos quartos, compra de louças e utensílios para o uso dos turistas, recolha de lixo, entre outros.
- Conseguiram envolver muitas outras organizações neste projecto, nomeadamente a Fundação Proinpa que se dedica à pesquisa e conservação de agro-biodiversidade, com o objectivo de criar alternativas comerciais para os agricultores da região.
- Parceria realizada com a Ucodep (União e Cooperação para o Desenvolvimento dos Povos), que trabalhou em diversos projectos de desenvolvimento sustentável, incluindo iniciativas turísticas que beneficiaram as comunidades locais, nomeadamente a reintrodução de diversas culturas nativas, contribuindo para conservar as tradições agrícolas regionais.
- Parceria com a empresa “La Paz a Pé”, que através de um projecto de agroturismo e educação ambiental, desenvolveram e ministraram cursos, organizaram pacotes turísticos, tendo como foco principal a história natural e cultural da região.
- Foram ainda desenvolvidas estratégias de promoção onde foi realizada uma parceria com a cadeia de restaurantes de Alexander Coffee, que tinha como

objectivo a conservação da herança agrícola da comunidade, através de uma série de campanhas de consciencialização, sobre o valor nutricional, cultural e económico dos três grãos andino (Quinoa, Canihua e Amaranto), que eram muito pouco consumidos, por serem considerados comida de pobre.

#### **b) Resultados**

A principal característica deste projecto reside no facto de os seus promotores acreditarem ser importante para o seu sucesso, que as comunidades locais se sentissem parte integrante deste projecto, e que o trabalho em estreita colaboração com esta, iria fomentar a continuidade das suas tradições culturais, que, no fundo, foram as razões que promoveram este destino (Taranto e Padulosi, 2009). Para além disso, identificou-se a principal actividade económica, desenvolvendo actividades e identificando práticas produtos únicos que se tornaram numa das particularidades da região.

### **3 Turismo comunitário – Micro bacia do Rio Sagrado – Fortalecimento das lideranças e empreendedorismo.**

O estudo realizado por Talita C. Zechner; Flávia K. Alves; Carlos Alberto C. Sampaio, tem com título “O Papel do Turismo no Arranjo Socio produtivo de Base Comunitária da Micro-Bacia do Rio Sagrado (APL.Com)” no ano de 2008.

Pretendeu-se com este estudo apresentar a importância do fortalecimento da liderança comunitária no desenvolvimento do turismo comunitário e o preponderante papel do empreendedorismo nesse processo.

#### **c) Acções e estratégias desenvolvidas**

- Agrupamento das empresas de forma a torná-las mais fortes e competitivas.
- Organização composta por pequenas empresas concentradas na manufactura de produtos específicos como o têxtil.

- Envolvimento e comprometimento dos indivíduos na cultura de empresa para assegurarem a conquista de bons resultados.
- Concentração dos indivíduos e instituições, públicas e privadas, que buscam juntos gerir a APL (Arranjo Produto Local).
- Definição de papéis, funções e regras de relacionamento entre os actores.
- Articulação das esferas de Estado, mercado e sociedade civil.
- Prover apoio e fomento na distribuição equitativa dos resultados com os bens e serviços oferecidos.
- Aglomeração de empresas e o aproveitamento das sinergias colectivas e destas com o meio ambiente.
- Criação de novas organizações do tipo associativistas autogestionárias.

#### **d) Resultados**

Houve um fortalecimento das lideranças comunitárias que participaram dos processos de tomada de decisão colectiva no âmbito comunitário, pois passaram a compreender que a participação traz benefícios para todos.

Foram realizadas 11 vivências de turismo comunitário, nas quais as principais actividades oferecidas aos turistas foram a agro-industrialização da mandioca, em que os turistas são levados para verem um antigo engenho de farinha, construído aproximadamente há 150 anos, onde participam da demonstração do processo de transformação.

Apresentação da agro-industrialização da cana-de-açúcar que ocorre a partir de uma unidade de destilação e produção artesanal de licores em uma propriedade que adota princípios da permacultura (os resíduos de um processo produtivo servem como insumo para outro processo produtivo). Onde os visitantes recebem informações a respeito da fabricação da cachaça, desde a extracção da cana até ao engarrafamento do produto. Os visitantes têm a oportunidade de experimentar diferentes tipos de licores e cachaças, como a tradicional cachaça de banana de Morretes e o licor de canela.

Os itens fabricados nestas propriedades são vendidos em feiras artesanais, no centro da cidade de Morretes e no próprio local.

A agro-industrialização de frutas e verduras é outro atractivo para os turistas, sendo que o processo acontece numa cozinha industrial comunitária. Neste espaço, são preparadas compotas e conservas de frutas típicas do local, e os chips de mandioca e de banana. Incluem-se ainda as actividades de agro-ecologia: os turistas são levados para conhecer cultivos de horta numa propriedade particular, que se baseia na agro-ecologia, sem o uso de agro-tóxico e com adubação orgânica.

Promoveu-se a extracção da fibra da bananeira a produção de artesanato a partir da mesma.

A observação de pássaros é outra possibilidade. Primeiramente, os visitantes recebem informações sobre as principais características dos pássaros encontrados no local, objectivando facilitar a identificação dos mesmos.

É possível também contemplar a extracção de ervas e fabricação artesanal de essências fitoterápicas, sendo que o visitante conhece um pequeno laboratório onde se trabalha com ervas medicinais, no qual são preparados cremes, pomadas, travesseiros aromáticos e repelentes.

Nesta vivência, as pessoas também recebem orientações referentes ao uso de chás. Participar da roda de viola ao redor da fogueira é outra alternativa para os turistas. Nesta actividade, são tocadas músicas tradicionais e as pessoas são motivadas a participarem da cantoria.

Os visitantes ficam hospedados em instalações rústicas e aconchegantes: os hóspedes têm a opção de dormir na sede da pousada central, em quartos privativos, onde também são servidas as refeições.

Além disso, há a possibilidade de dormir em alojamentos (quartos colectivos equipados com beliches). Os turistas experimentam ao longo de sua estadia a alimentação caseira e natural, com alimentos livres de agro-tóxicos e preparados na hora. Muitas vezes, alguns alimentos são colhidos do jardim no momento do preparo, tais como alguns temperos, verduras e legumes (abóbora, palmito, cebolinha e salsa, bem como fruta-do-conde, mamão, entre outros).

São promovidos “Encontro de Trocas de experiências entre os turistas e a comunidade”.



Pode-se verificar que a comunidade da Micro Bacia do Rio Sagrado, apostou fortemente na promoção de parcerias com diversos sectores de actividades o que proporcionou o alcance dos objectivos pretendidos com a implementação do turismo na região que culminou com uma troca eficaz de experiências entre os visitantes e esta comunidade. A comunidade investiu essencialmente no autêntico e com isso conseguiu cativar os visitantes.

#### **4 Projecto de turismo comunitário da Prainha de Canto Verde: a busca pelo controlo do próprio destino.**

Este projecto de turismo comunitário foi desenvolvido na comunidade da Prainha de Canto Verde localizada no município de Beberibe situada a 26 km de Fortaleza, no litoral do Ceará.

Esta comunidade é caracterizada por ter um grande potencial turístico, pelos inúmeros recursos naturais e beleza cénica fazendo com que ela seja reconhecida internacionalmente por esses grandes atractivos.

Para esta comunidade, adoptou-se um conjunto de estratégias que passam desde a sensibilização até à criação das parcerias e o envolvimento dos “nativo mudo” ou aquele que é pouco ouvido, negligenciado, excluído da tomada de decisão dos projectos turísticos.

##### **e) Acções e estratégias desenvolvidas**

- Criação da Associação de Moradores e dos conselhos comunitários - Com o objectivo de melhor atender às demandas da comunidade: educação, pesca, saúde, cidadania e ética
- Criação da Cooperativa de Turismo e Artesanato – COOPECANTUR.
- Criação dos Projectos – Escolas dos povos do mar - criados para trabalhar conteúdos variados relativos à pesca.
- Criança construindo - que resultou na sugestão de alternativas para a melhoria da qualidade do ensino local.

- Criação do Projecto Turismo Socialmente Responsável – Onde se procurou trabalhar valores partilhados, espírito público, cooperação, solidariedade, confiança, saber acumulado, expectativa de comportamento recíproco. Este projecto também tinha como pontos de relevância a garantia da posse da terra, à gestão dos empreendimentos que são em sua totalidade de propriedade dos “nativos” e administrados por eles, a premissa básica de que o turismo surge para agregar valor à principal actividade económica, a pesca, e não com o objectivo de substituí-la.
- Criação do Concelho de Turismo – Para melhor organizar e coordenar as actividades ligadas ao turismo.
- Criação do Fundo Social e do Fundo de Reserva - Ao final de cada gestão anual, um percentual (20%) do saldo das operações ligadas ao turismo é destinado à comunidade, representada pela Associação de Moradores, que decide quais são os investimentos prioritários para a aplicação dos recursos. Outra parcela (80%) do resultado das operações é destinada ao Fundo de Reserva.

O Fundo de Reserva é utilizado para investimento em diversos projectos, com o objectivo de prover as melhorias necessárias para o turismo (infra-estruturas, equipamentos e capacitação de mão-de-obra). O fundo também é destinado para a realização de pequenos empréstimos aos membros da COOPECANTUR (Criação Cooperativa do Turismo e Artesanato), para melhoria do empreendimento e abertura de novos negócios. (Mendonça, 2004).

#### **f) Resultados**

O projecto turístico comunitário, a Prainha do Canto Verde passou a ser referência para a construção de um modelo que viabiliza a inclusão das comunidades do litoral cearense no desenvolvimento do turismo e que contribui para a melhoria dos padrões socioeconómicos, respeitando as tradições e a cultura das populações.

A Prainha do Canto Verde lidera a criação da Rede Cearense de Turismo Comunitário

## **5 Turismo, Sensibilização e Cidadania na Comunidade da Praia da Penha.**

O presente projecto desenvolvido na Comunidade da Praia da Penha- Brasil, pretende envolver a comunidade local no turismo, com o objectivo de esclarecer e conscientizar sobre os impactos nessa comunidade que é formada principalmente por pescadores e pequenos comerciantes.

### **g) Acções e estratégias desenvolvidas**

Começou-se por fazer primeiramente uma campanha de sensibilização comunitária que tinha como um tripé fundamental a educação ambiental, patrimonial e turística.

Foi desenvolvido o chamado Projecto Radio Escola, que consistia em passar informações referentes à comunidade com o objectivo de educar e sensibilizar a população sobre a importância de prepararem a comunidade para o turismo comunitário.

Promoção de eventos: Dia mundial de limpeza de rios e praias.

Montagem de um mini-posto de informações turísticas para a semana dos festejos de Nossa Senhora da Penha.

Foi usado como atracção principal o modo de vida primitivo, que levou à constante visitas de grupos para assistir às danças e rituais.

### **h) Resultados**

Os turistas limitam-se a observar o ritual e o contacto de maior intensidade acontece no momento da compra do artesanato e dança de integração onde se juntam ao grupo de índios como protagonistas do ritual.

A presença dos índios na celebração dessas festividades, foi uma das maiores representações e que mais atraíram os turistas para esta comunidade.

A sensibilização para o turismo deu-se então pelo esforço de se ouvir primeiramente a comunidade.

## **6 América Latina (Rede de turismo comunitário) e Brasil – Redes, formação, parcerias e infra-estruturas**

### **b) Acções Desenvolvidas**

- Capacidade de organização de redes e associações como espaços de encontro, auto-gestão e organização, apresentando soluções adequadas às necessidades dos associados.
- Realização de Investimentos na formação dos recursos humanos de forma integral e permanente, dando respostas às necessidades sentidas ao nível do atendimento ao cliente e operação de serviços turísticos, da gestão de negócios, da diversificação dos produtos, da promoção e comercialização, da legislação turística, entre outras.
- Parcerias com as instituições de ensino, nomeadamente, as universidades, com o objectivo de obter apoio ao nível da elaboração de um plano de promoção, da assessoria e da formação.
- Relativamente às infra-estruturas, apostaram na criação de postos de saúde, através da cooperação entre as empresas privadas, na canalização de água para as comunidades, na criação de esgotos, entre outras (Silva *et. al*, (s.d.)) e Furtunato e Silva, 2011).

Com este projecto, pode-se verificar que através do trabalho em redes em parcerias com outros organismos bem como investimentos em infra-estruturas, possibilitou um grande avanço no que diz respeito a recepção dos visitantes, isto porque estavam preparados e prontos para servirem com condições satisfatórias.

## **7 O caso da Reserva de Desenvolvimento Sustentável do Tupé (AM)**

Na Reserva de Desenvolvimento Sustentável do Tupé-Brasil (Amazonas) funcionam dois centros culturais criados pelos próprios indígenas com a intenção de preservar e resgatar o património dessa população, e um destes centros é composto por cinco famílias sendo elas de etnias como: Dessana, Tukana, Tuyuca, Wanana, Tatuia.

### **a) Acções**

- Inclusão da comunidade residente nesta actividade;
- Criação de postos de saúde, como fruto de cooperação entre as empresas privadas que apoiaram no crescimento e fortalecimento do turismo nessa região;
- Canalização de água na comunidade;
- Criação de esgotos;
- Capacitação dos guias para acompanhar os turistas, nas visitas aos campos, e as florestas aí existentes;
- Foram criados os mecanismos para a valorização dos patrimónios naturais e culturais através da inclusão dos índios que outrora eram vistos como escória desta sociedade. (Fortunato e silva, 2011).

### **b) Resultados**

Esta comunidade já adoptou esse modelo de turismo como forma de subsistência e já representa motor de crescimento económico local;

Os índios da comunidade já são considerados como um atractivo turístico;

A população dá o seu contributo participando activamente em todas as actividades desenvolvidas no que diz respeito ao atendimento aos turistas; vendas de artigos diversos de base artesanal;

Verifica-se cada vez a presença dos turistas nessa localidade devido a promoção da boa imagem.

A inclusão dos índios nas actividades veio proporcionar uma grande revolução, no que diz respeito à cultura uma vez que estes demonstravam quase que diariamente as suas

danças aos visitantes, e ao mesmo tempo permitiu uma maior divulgação da imagem positiva de Tupé, o que possibilitou uma maior procura deste destino sendo que ofereciam o que aos olhos dos turistas eram autêntico.

## **8 Turismo de Favelas x Turismo Comunitário**

Este projecto que está sendo desenvolvido no Rio de Janeiro, concretamente na Rocinha uma favela local, tem como objectivo proporcionar aos turistas um novo modelo de turismo baseado no modo de vida dos moradores local e os meios por esses utilizados para sobreviverem.

Este tipo de turismo que está sendo desenvolvido nesta comunidade é chamado de turismo de favela ou turismo de miséria, é um fenómeno que se encontra em expansão.

### **a) Acções e estratégias desenvolvidas**

- A violência existente nessa comunidade é a principal atracção para os turistas/visitantes. Segundo Maia, para esse tipo de turismo, a violência é realmente um atractivo.
- Um dos instrumentos usados como ferramenta para a progressão deste tipo de turismo nas favelas do Rio de Janeiro, foi o filme “*Cidade de Deus* “que vende a imagem de que a favela é um lugar extremamente violento, de alto risco: os turistas vão a esse lugar motivados por isso.
- Promoveram a convivência de perto entre os turistas e os moradores.
- As construções da favela de forma desalinhada e o modo são agrupadas as casas foram outros dos atractivos para os turistas.
- Os turistas que visitam esta favela, gostam também de fotografar tudo que aí existe desde as construções das habitações, até aos moradores.
- A outra grande atracção para os turistas, são os diferentes tipos de pessoas que moram na favela, mas o que mais lhes atraí são os negros, visto que são os eleitos por estes. (fonte)

**b) Resultados**

A favela de Rochinha no Rio de Janeiro, recebe cerca de 3500 turistas por mês e a sua maioria vem da Europa e dos Estados Unidos.

Existem também sete agências especializadas e inúmeros guias que exploram este negócio.

Com esses casos acima representados, e pela experiência enriquecedora aí ressaltada, estes casos contém linhas que podem ser seguidas e que serão de extrema importância para a proposta do turismo comunitário para Ribeira Bote, que serão apresentadas mais à frente no capítulo 6 quadro 1 deste trabalho.

Através dele serão traçadas algumas linhas orientadoras para a comunidade de Ribeira Bote, tendo em conta que estes possuem características e seguiram caminhos que são profícuos e de possível execução para essa comunidade.

## **Capítulo 6. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS**

Neste capítulo, apresentam-se a análise e discussão dos dados e dos resultados da pesquisa de campo aplicada, pretendendo fazer o levantamento de todos os recursos materiais e imateriais bem como os produtos aí existentes, descrevendo também o grau de envolvimento da comunidade no processo de desenvolvimento turístico e tentar perceber o seu conhecimento sobre o turismo comunitário.

O instrumento de pesquisa usado para esta fase do trabalho, teve como objetivo responder e confirmar, de uma forma clara e sucinta, as hipóteses e objectivos estabelecidos no início da pesquisa.

Realizou-se um trabalho de campo dentro da comunidade de Ribeira Bote com o objectivo de recolher informações exaustivas referentes a recursos e produtos através do questionário aplicado aos moradores.

A comunidade RB tem um universo 3952 habitantes. Para esse universo foi seleccionada uma amostra de 182 habitantes, com indivíduos de 18 anos ou mais, que foram inquiridos para esta amostra.

O questionário teve como objectivo, como referido acima, analisar e conhecer de perto o grau de envolvimento da comunidade no processo de desenvolvimento turístico e tentar perceber o conhecimento que estes têm sobre o turismo comunitário e ao mesmo tempo fazer uma recolha dos potenciais recursos ali existentes.

Os gráficos que se seguem demonstrarão mais detalhadamente os resultados das análises feitas após a recolha e tratamento das informações recolhidas. É de salientar que, esta amostra encontra-se dividida basicamente em três partes, onde foi-nos possível destacar as seguintes: caracterização da amostra, ofertas e atrativos e caracterização turística.



## 6.1 Caracterização socio-demográfica da amostra

### 6.1.1 Tempo de residência na comunidade Ribeira Bote

No que concerne a esta variável, verifica-se uma maior uma percentagem de inquiridos com o tempo de permanência entre 19 a 24 anos correspondente a 21,43%, seguido de 17,58% referentes a moradores com aproximadamente 25 a 30 anos e 16,48% dos moradores com 31 a 39 anos de residência. Verifica-se, no entanto, que os residentes com mais anos de permanência (pessoas com 40 e mais anos), representam a menor percentagem abaixo de 14% dos inquiridos. A maioria dos moradores inquiridos, são indivíduos naturais dessa comunidade, o que leva-nos a dizer que conhecem bem a realidade local.

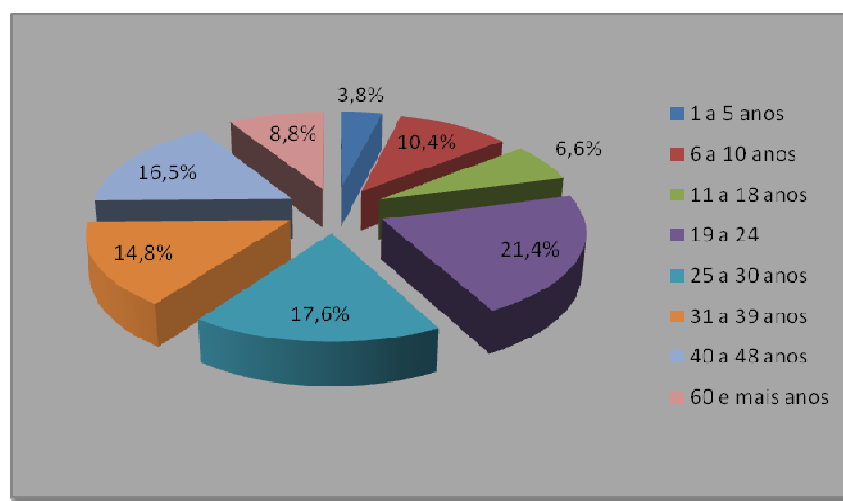


Grafico 1 - Tempo de permanência na comunidade

### 6.1.1 Idade

Em relação à faixa etária, este gráfico a baixo demonstra-nos que muito dos inquiridos têm idade compreendida entre os 18 a 24 anos representando 23,9%; seguidamente estão os de 31 a 39 anos, também 23,3%. As outras idades representam percentagens

inferiores a 20%, o que leva-nos a afirmar que a maioria dos inquiridos, são jovens e que a comunidade em si também é muito jovem.

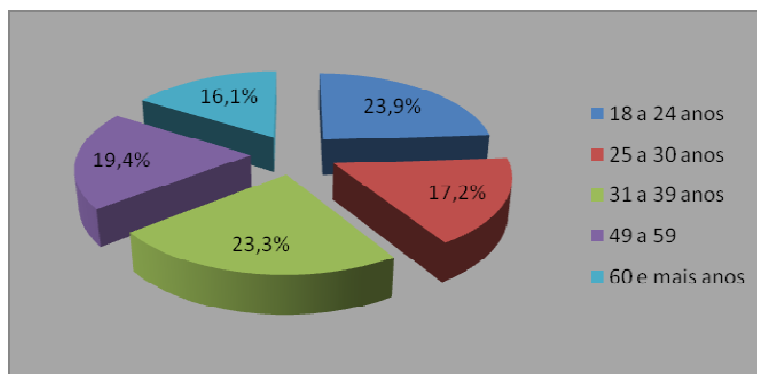


Gráfico 2: Idade

#### **6.1.2 Sexo**

Pelo variável sexo, podemos constatar que a amostra é constituída por mais elementos do sexo masculino (58%).<sup>30</sup>

#### **6.1.3 Estado Civil**

Quanto ao estado civil a maioria dos inquiridos na comunidade de R.B é solteiro com uma taxa de 87%. Quanto aos outros estados, estes estão abaixo de 10%, onde temos casado com 7%, união de facto com 3% e viúvo com 3%.<sup>31</sup>

#### **6.1.4 Habilitações literárias**

Relativamente a ahabilitação literária, percebe-se que grande parte dos inquiridos, 49% têm o ensino secundário, ao passo que 32% só têm ensino básico, já com o curso superior temos 9%. No entanto, pode-se ainda verificar que há uma percentagem significativa de inquiridos sem nível de escolaridade constituindo 8% e de entre estes estão sobretudo indivíduos da terceira idade. Pelo que, se pode concluir que R.B tem

---

<sup>30</sup> Consultar o gráfico 7 sexo em apêndice 1.

<sup>31</sup> Consultar o gráfico 8 estado civil em apêndice 1.

uma população alfabetizada, que de certa forma pode constituir um factor importante para o desenvolvimento desta comunidade.

Comparativamente à Ilha de São Vicente, Ribeira Bote encontra-se em condições precárias no que diz respeito ao desemprego visto que verifica-se um grande número de jovens formados desempregados, situação essa que se encontra alastrada por todo o arquipélago.

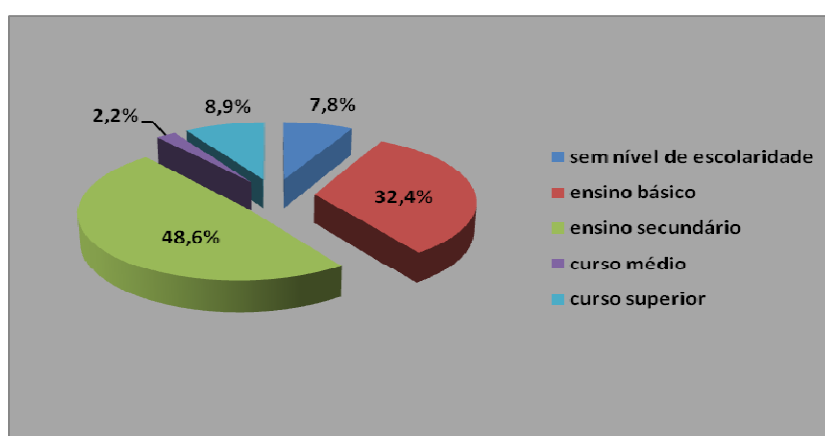


Gráfico 3: Habilitação literária

#### 6.1.5 Situação perante o trabalho

No gráfico 21 percebe-se que muitos dos inquiridos são desempregados com uma taxa de 36%, bem próximo a estes estão os empregados com 28% e os que trabalham por conta própria com a taxa de 16%. Pode-se ainda verificar outras situações como estudantes, reformados, entre outros, com menos de 10% cada. Os inquiridos desempregados demonstraram a sua inquietude tendo em conta que muitos disseram ter filhos para sustentar, filhos a estudar e muitos afirmaram terem que se “desenrascar” (buscar vias alternativas) para poder dar aos filhos pão para se alimentarem. É de salientar que a maioria dos desempregados é do sexo masculino e de entre estes, os jovens.

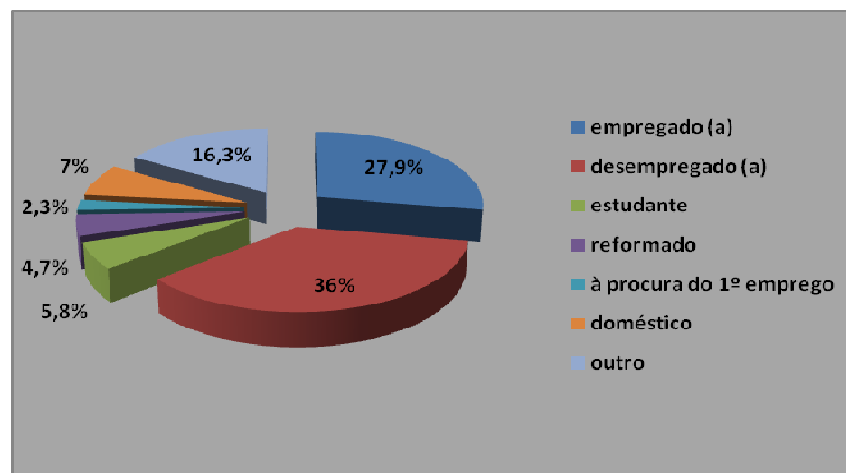


Gráfico 4: Situação perante o trabalho

#### 6.1.6 Profissões dos inquiridos empregados

Entretanto daqueles que disseram que estão empregados, 62% são trabalhadores laborais (trabalha no sector secundário) e 31% são operários. Outras profissões como directores e gerentes têm uma percentagem inferior a 5%. Grande parte dos inquiridos empregados (62%) são moradores com um nível de escolaridade baixo.



Gráfico 5: Profissão dos inquiridos empregados

### 6.1.7 Organizações empregadoras

De entre os 182 inquiridos, 74% não responderam a esta questão e de entre os que responderam, as empresas de serviços absorvem 13% dos inquiridos que trabalham; 8% trabalham em empresas industriais e na hotelaria; 3,3% trabalha em instituições educativas e as empresas públicas e as do comércio e venda. Verifica-se então que, grande parte dos inquiridos desempenha funções de serviços básicos ou secundários o que aponta para um nível de rendimento baixo.

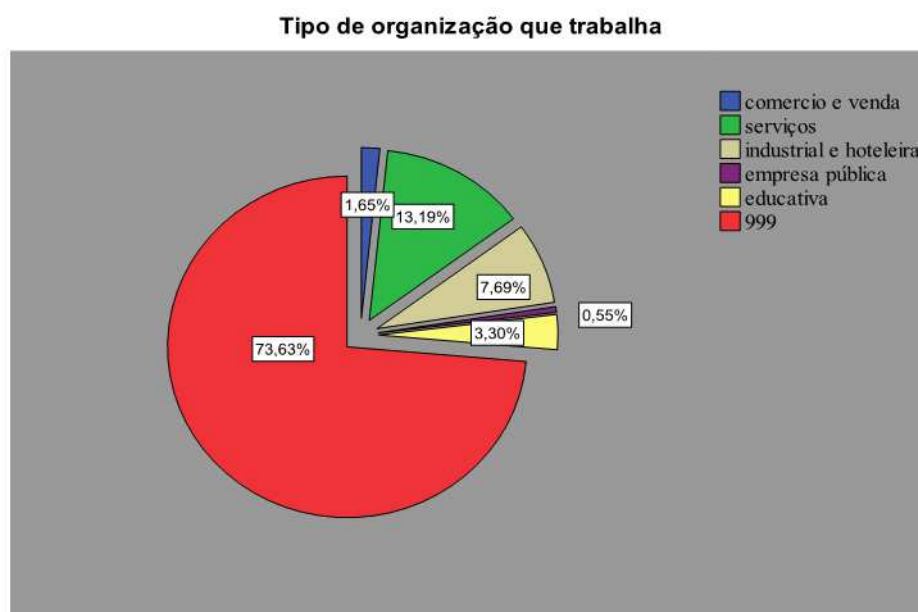


Gráfico 6: Organizações empregadoras

### 6.1.8 Família no sector turístico

A maioria dos inquiridos (67,8%) não têm familiar empregado no sector turístico e 32,2% têm familiares que trabalham neste sector de actividade<sup>32</sup>. Poucos são os familiares dos inquiridos que trabalham no sector turístico, o que poderá explicar a ausência do conhecimento dos inquiridos em relação ao turismo.

---

<sup>32</sup> Consultar gráfico 3em apêndice 1

### 6.1.9 Profissão do familiar no sector turístico

Sobre esta variável, percebe-se que para muitos dos inquiridos que responderam que têm um familiar que trabalha no sector turístico, maioritariamente desempenham a função de garçom representando 28%, já os que trabalham como funcionários do aeroporto com 20%, surgem também os dizem ter familiares que desempenham a função de gerente de hotel e restaurante com 16%, seguido a esta os de Agências de viagens com 11%. As outras funções referentes a esta variável como cozinheiro, recepcionista, guia turístico, entre outros, têm um valor inferior a 10%.

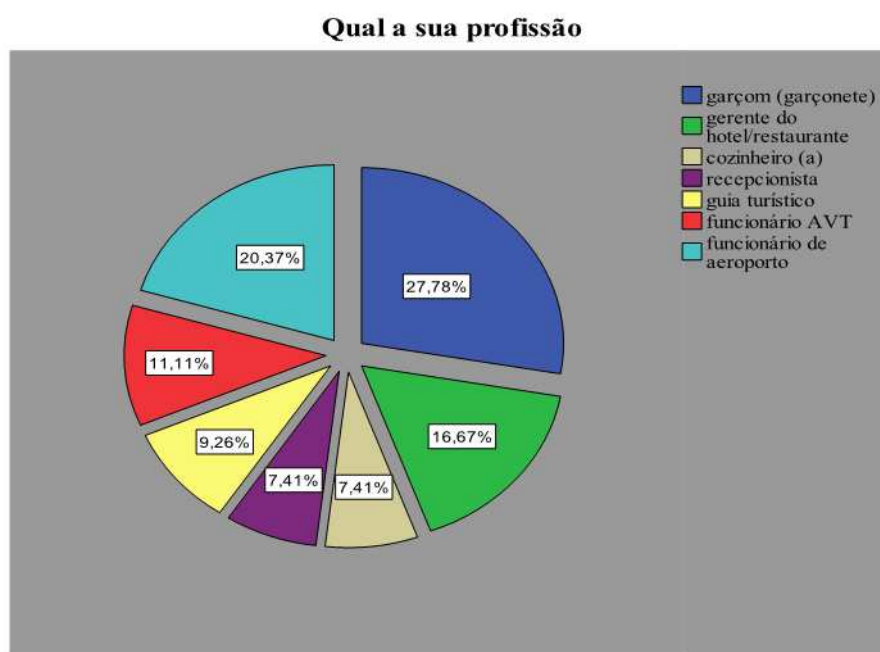


Gráfico 7: Profissão do familiar no sector turístico

### 6.1.10 Rendimento líquido mensal

Quanto a esta última variável da caracterização sócio-demográfica da amostra, verifica-se que de entre os inquiridos, 31,1% responderam que têm um rendimento líquido mensal de 10 – 20 (mil escudos), 30% têm um rendimento líquido mensal de 0 – 10 (mil

escudos) e 25,6% têm um rendimento de 20 – 40 (mil escudos). Com esta variável percebe-se que a maioria dos inquiridos têm um nível de rendimento muito baixo não chegando a 50 mil escudos, o que revela que há um baixo nível de rendimento monetário da população deste bairro.

Ainda em relação a esta variável, a maioria dos inquiridos hesitaram em responder dizendo que é uma questão muito pessoal, o que só foi ultrapassado com muita paciência e boas conversações.

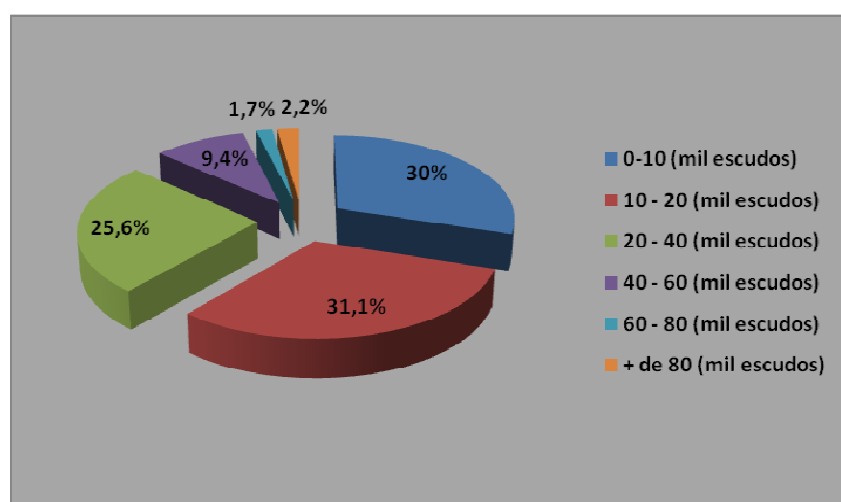


Gráfico 8: Rendimento líquido mensal

## 7. Ofertas e atrativos da comunidade

### 7.1. Ofertas aos turistas

Em conformidade com este gráfico, 37%, encontra-se representados as festas de romaria e Mandinga da Ribeira Bote como sendo a maior oferta aos turistas, com 23%, segue-se a simpatia (morabeza) e simplicidade do povo da Ribeira Bote, já as obras de artes e gastronomia representam 15%. As outras ofertas estão abaixo de como 10% e as paisagens, a história da comunidade e fotografias do local.

Os Mandingas de Ribeira Bote representam assim, para a nossa amostra, a maior oferta aos turistas pelo facto de atrair grande multidão e por ser uma das actividades mais dinâmicas deste bairro e também da cidade de Mindelo.

Este gráfico mostra-nos que Ribeira Bote tem uma oferta muito diversificada, o que constitui uma boa atracção para os visitantes que ali se dirigem.

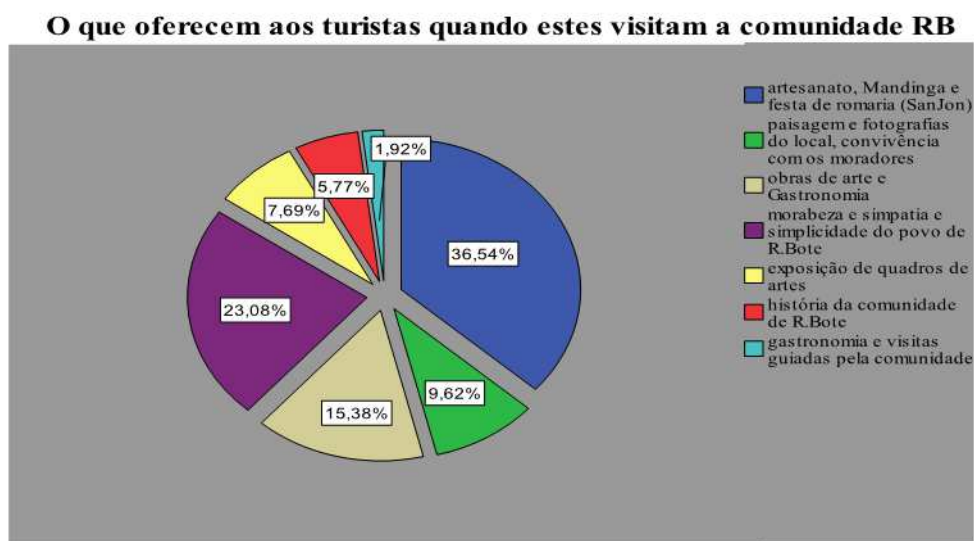


Gráfico 9: Ofertas aos turistas

## 7.2. Turismo comunitário

Este gráfico mostra-nos que 51% dos inquiridos nunca ouviram falar do turismo comunitário dizendo que desconhecem o termo, já 46% responderam que conhecem e já ouviram falar desse tipo de turismo e numa percentagem mais baixa estão os que mostraram indiferentes com cerca de 2%, sendo os inquiridos que não sabiam responder.

Embora exista na comunidade de Ribeira Bote um projecto sobre o turismo comunitário, o que se verifica é que o resultado do seu desenvolvimento é pouco visível, isto porque a maioria dos moradores ainda não o conhecem. O outro motivo que pode estar na origem do desconhecimento deste modelo de turismo deve-se ao facto do turismo comunitário ser um produto recente que está na sua fase de crescimento e a sua propagação ainda é pouco conhecida.



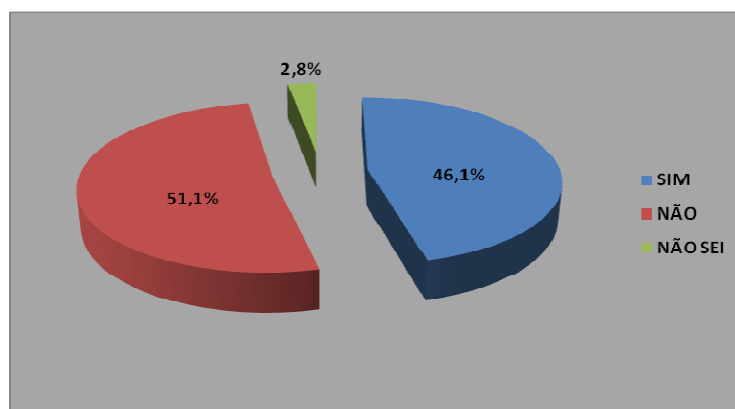


Gráfico 10: Turismo Comunitário

### 7.3. Actividade (turismo comunitário)

No gráfico que se segue, estão presentes os dados dos inquiridos que responderam sim no gráfico anterior, considerando que a actividade cultural e social está mais relacionada com o turismo comunitário com 29% a seguir vem o Mandinga da Ribeira Bote (convívios com os turistas) com 23% já a gastronomia a actividades lúdicas estão representadas com 11%, quanto a outras actividades ligadas a essa prática do turismo respondida pelos inquiridos estes representam um valor de 10% ou inferiores a este como convivência entre os turistas e moradores, visitas guiadas dentro da comunidade, Pode-se contudo observar, que há grande possibilidade do desenvolvimento do turismo comunitário nesta comunidade se as actividades aqui descrita pelos inquiridos forem tratados e trabalhados a fim de ser uma oferta aos turistas.



Gráfico 11: Actividades relacionada com o turismo comunitário

#### 7.4. Benefício Turismo Comunitário

Pela variável benefício do turismo comunitário, percebe-se que há um ligeiro acréscimo com 79% dos inquiridos que disseram que o turismo comunitário não tem beneficiado a comunidade ao passo que 21% com uma minoria significativa afirma que este tem beneficiado a comunidade.

Conclui-se, que o turismo comunitário desenvolvido nesta não tem representado resultados satisfatório, de acordo com os princípios estabelecidos para a prática deste tipo de turismo, tendo em conta que este diz, que a comunidade deve ser o principal beneficiário desta indústria e o seu autor principal.

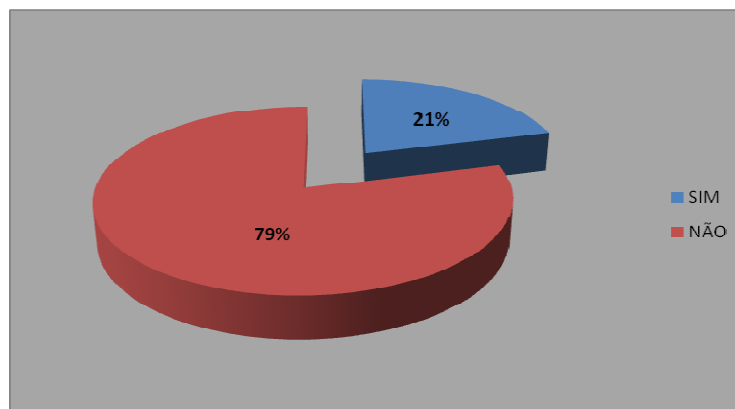


Gráfico 12: Benefício do turismo comunitário

### **7.5. Avaliação de satisfação**

Em relação a esta variável, a maioria dos inquiridos responderam com um valor de 73% estarem satisfeitos com esse tipo de turismo representando assim uma maioria absoluta face aos 12% que disseram estarem insatisfeito e os 10% que estão muito insatisfeito e 3% que estão muito satisfeito.

Observou-se que os inquiridos satisfeitos, grande parte afirmaram que estão satisfeitos por terem dentro da comunidade mais uma instituição comunitária, e não por estarem beneficiando literalmente desta indústria.

### **7.6. Existência e tipo de associação da comunidade**

No primeiro gráfico, percebe-se que 84% dos inquiridos responderam sim, que na comunidade existe uma associação. Alguns dos inquiridos afirmaram não existir qualquer tipo de associação na comunidade, demonstraram um grande descontentamento face à situação de pobreza em que se encontra a comunidade dizendo que a comunidade está esquecida em relação a outros bairros da cidade de Mindelo e outros, por sua vez, disseram que não se vê fruto nenhum das associações e pouco ou nada fazem para o benefício da comunidade.

---

## TURISMO COMUNITÁRIO NO BAIRRO DA RIBEIRA BOTE: PROPOSTA PARA O SEU DESENVOLVIMENTO

---

Quando se solicitou que fossem identificados os tipos de associação existentes na comunidade, cerca de 23% apontaram a associação cultural desportiva e recreativa, 14% indicaram a associação Nho Djunga, Lar de Idosos e 13% assinalaram a associação desportiva e religiosa. Quanto às outras associações aqui representadas, é-lhes atribuída uma percentagem inferior a 11%, são elas: Associação Capitão Ambrósio, CAPS (centro de apoios a pessoas seropositivas), Mandinga de Ribeira Bote e Aldeia SOS. Contudo, este bairro tem um número considerável de associações que, se bem planeadas e articuladas entre si, poderão ser de grande utilidade para o desenvolvimento local.

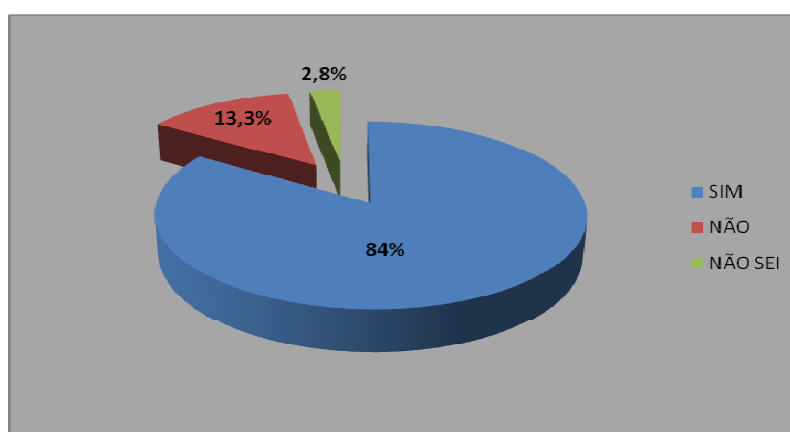


Gráfico 13: existência de associação na comunidade

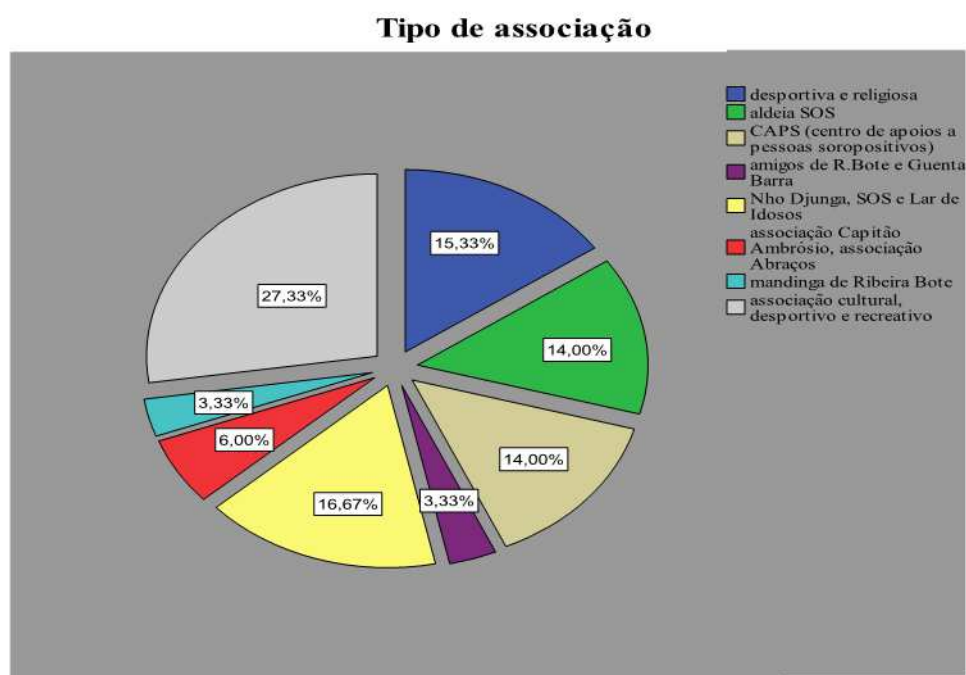


Gráfico 14: Tipo de associações existentes

### **7.7. Avaliação do desempenho das associações existentes**

Relativamente à avaliação do desempenho das associações, (87,3%+6%) valor final dos inquiridos deram uma avaliação positiva, ou seja, estão satisfeitos ou muito satisfeitos com o desempenho destas associações, afirmando que estas têm contribuído, ajudado e beneficiado os idosos e jovens da comunidade e por terem sido beneficiados directa e indirectamente com o seu desempenho.

Entretanto, 6% estão insatisfeitos dizendo não terem visto nenhum benefício destas associações.<sup>33</sup>

### **7.8. Meios de diversão**

Sobre esta variável, estes dados relatam que 43% dos inquiridos, afirmam que desportos diversos são o meio de diversão mais usado na comunidade e grande parte dessas diversões é praticado no poli-desportivo ali existente como é o caso de Futebol, Basquetebol, Voleibol, Box, Ring entre outros.

As actividades culturais representam também um importante meio de diversão para a comunidade com 27%. Já o Polivalente juntamente com os desportos diversos se encontra apresentados com 22%. Os Mandingas de Ribeira Bote surgem com 7%, mas mesmo através do impacto que este meio de diversão tem causado na comunidade, os inquiridos afirmam que embora tenha trazido esta euforia toda, só se verifica em tempos de algumas festas ou um grande evento na ilha. Entretanto, esta actividade representa a menor percentagem.

Segundo alguns inquiridos, nunca é de mais a diversão e quanto mais houver é melhor porque as coisas andam um pouco paradas, salientam alguns.

---

<sup>33</sup> Consultar o gráfico 2 em apêndice 1

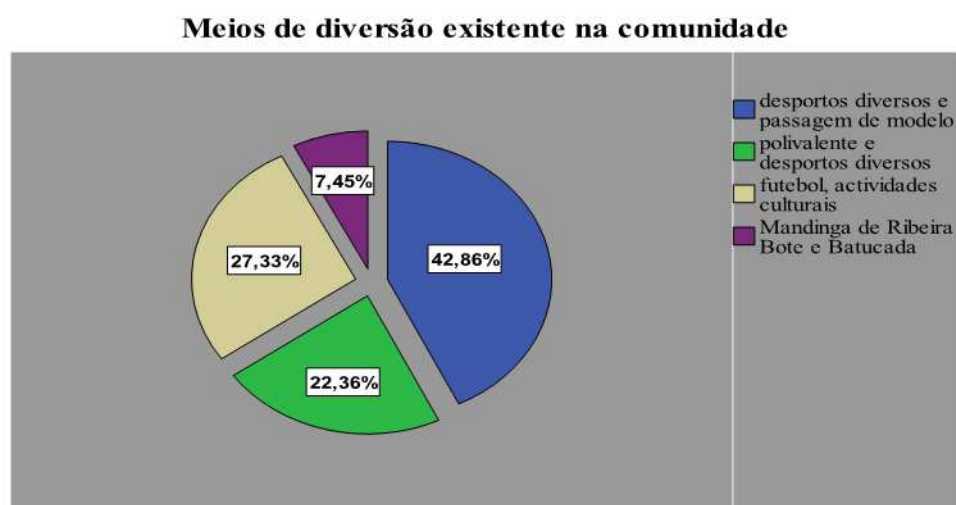


Gráfico 15: Meios de diversão existente na comunidade

### 7.9. Festas e tipos de festas tradicionais

Para 68% dos inquiridos existem festas tradicionais na comunidade de Ribeira Bote. Sendo que, com 45% surgem os Mandingas da Ribeira Bote, considerados como o motor de dinamismo desta comunidade. Já 40% consideram que o 23 de Setembro (data em que se celebra a libertação da Ribeira Bote) é um grande evento para esta comunidade, alguns inquiridos chegaram a classificar o dia como o dia da Independência da Ribeira Bote. E quanto à festa de Sanjon e Ribeira de Julião 12% também a considera um grande motor de dinamismo.

Dos que responderam dizendo que não existem festas tradicionais (32%), explica-se por serem novos moradores e por isso não têm conhecimento aprofundado sobre a comunidade. As outras festas indicadas foram dia das Mulheres de Ribeira Bote, Matança de Galo, 12 de Setembro e Sanjon e Ribeira de Julião.<sup>34</sup>

---

<sup>34</sup> Consultar o gráfico 11 em apêndice 1.

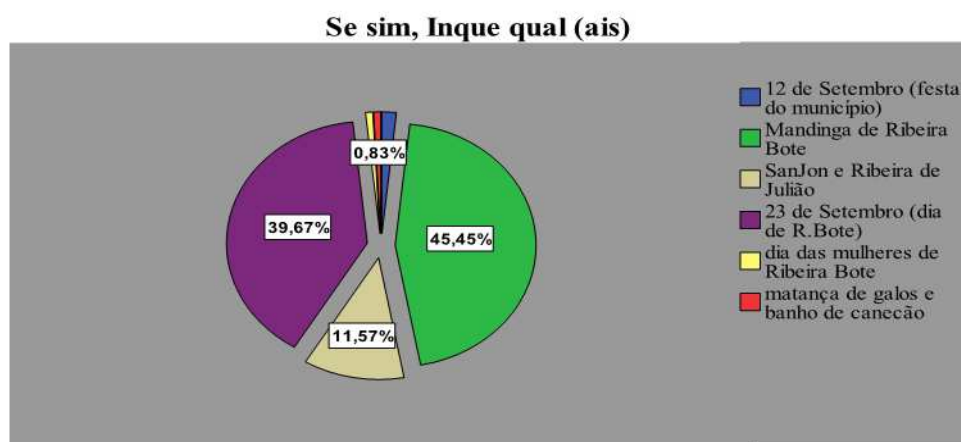


Gráfico 16: Festas tradicionais existentes

#### 7.10. Organização das festas

Verifica-se contudo, que há uma grande percentagem, com 88% dos inquiridos que afirmam conhecerem os organizadores das festas tradicionais, já 12,3% desconhecem os seus organizadores.<sup>35</sup>

#### 7.11. Participação nas festas

Quanto a variável participação nas festas, constata-se que a maioria dos inquiridos 93%, declarou que todos moradores participam das festas tradicionais. O que constitui uma elevada percentagem face aos 4,1% que desconhecem a participação destes e 3,3% que responderam que os moradores não participam.<sup>36</sup>

---

<sup>35</sup> Consultar o gráfico 4 em apêndice 1.

<sup>36</sup> Consultar o gráfico 5 em apêndice 1.

### **7.12. Recepção dos visitantes/turistas**

No gráfico que se segue, verifica-se que todos os inquiridos atribuíram à variável recepção dos visitantes um valor de 100%, todos afirmaram querer receber visitantes na comunidade, considerando-os como uma mais-valia para a dinamização e desenvolvimento da comunidade, dizendo que quando entram turistas na comunidade entra também o dinheiro e há convivência em povos.<sup>37</sup>

## **8. Caracterização turística da amostra**

### **8.1 Existência de Actividades e tipo de actividades relacionadas ao turismo**

Em relação aos gráficos abaixo referidos, 56% dos inquiridos na comunidade responderam que nesta não há nenhuma actividade ligada ao turismo, ao passo que 33,15% responderam que sim, 10% responderam que não sabiam da existência deste género de actividades.

Dos que responderam haver actividades ligadas ao turismo, 38% respondeu que o Turismo Comunitário é a actividade mais predominante, 31% responderam que são os Mandingas de Ribeira Bote e com cerca de 17% temos os que indicaram o turismo de Massa. Pode-se ainda encontrar outras actividades, mas com uma percentagem menos significativa como é o caso de visitas guiadas dentro da comunidade com 7% e visitas aos ateliers também com 7%.

A percepção que se teve com esta variável, é que a maioria dos inquiridos não conhecem e nem têm noção alguma sobre a indústria turística e das actividades que estão relacionadas a esta.

Portanto, este poderá ser um indicador de que as actividades ligadas à área do turismo que vêm sendo desenvolvidas não estão a ser bem divulgadas/conhecidas no seio da comunidade onde decorrem.

---

<sup>37</sup> Consultar o gráfico 9 em apêndice 1.



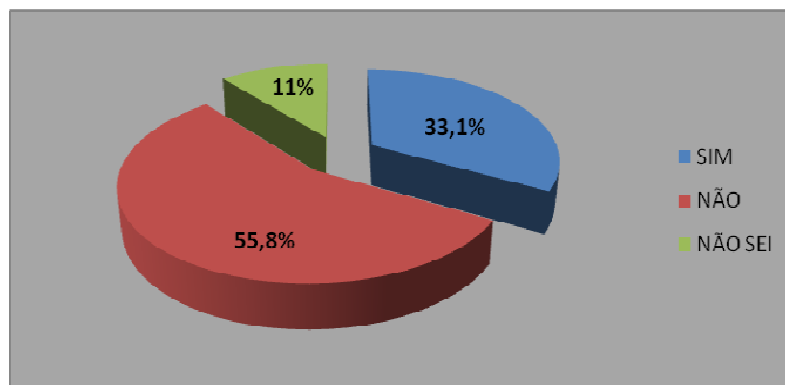


Gráfico 17: conhecimento de actividade relacionada com o turismo



Gráfico 18: Actividades relacionada com o turismo identificadas

## 8.2 Benefícios do turismo para a comunidade

No que diz respeito aos benefícios do turismo, 71% responderam sim, que o tipo de turismo ali praticado tem beneficiado a comunidade, 20% responderam que não tem beneficiado, 8% responderam que não sabem dos benefícios do turismo.

Pode-se concluir com os dados acima referidos, que a comunidade tem sido beneficiada com o tipo de turismo ali praticado visto que a maioria dos inquiridos responderam positivamente a esta questão.

Apesar da conclusão chegada nesta variável, esta não corresponde a veracidade de informações recolhidas, isto porque de acordo com os dados do gráfico 18, 58% dos inquiridos afirmam não existir actividades ligadas ao turismo e nesta variável 71%

disseram que tem sido beneficiada, o que leva-nos a dizer que há um desconhecimento do que realmente significa a indústria turística.

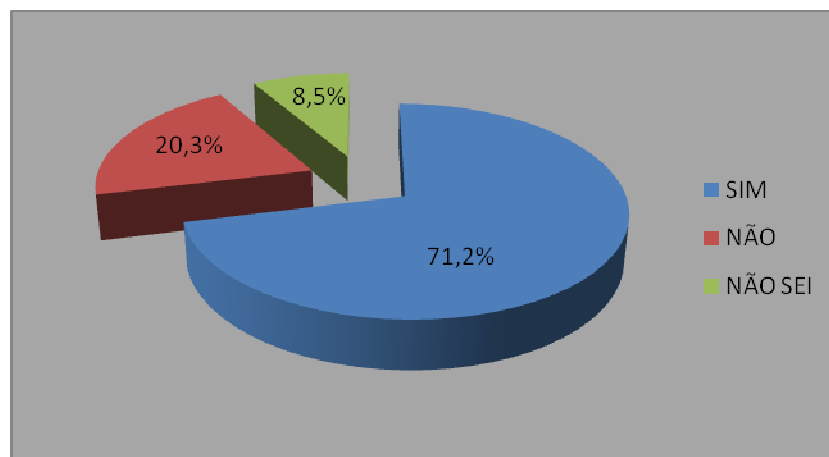


Gráfico 19: Benefícios do turismo para a comunidade

### 8.3 Participação em actividades ligadas ao turismo

O gráfico que se segue, mostra-nos que em relação à participação em actividades ligadas ao turismo, 50% dos inquiridos nunca participaram de nenhuma dessas actividades. Porém dos que já participaram em alguma actividade, 39% responderam palestras, 8% reuniões e 1% em outras actividades. Portanto, o nível das participações em turismo é pouco frequente o que mostra-nos que os moradores têm pouco conhecimento sobre esta indústria.

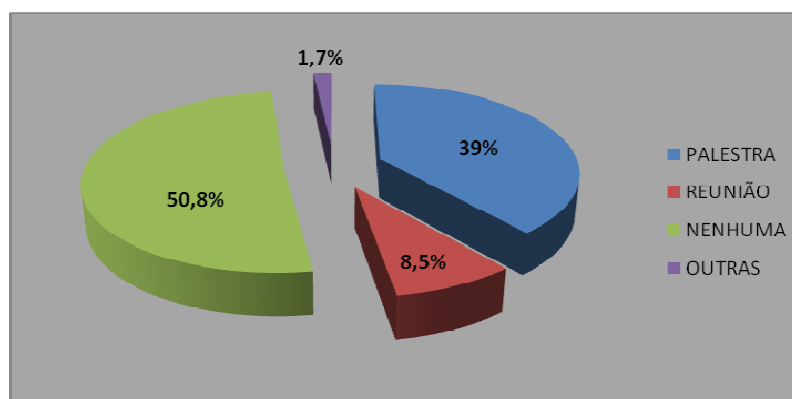


Gráfico 20: Participação em actividades ligadas ao turismo

#### 8.4 Trabalho em equipa

Por esta variável percebe-se que 69% dos inquiridos já trabalharam em equipa face aos 31% que responderam não terem nunca trabalhado em equipa.

Sendo o turismo comunitário uma indústria que visa essencialmente a participação comunitária, torna-se necessário que a comunidade una os esforços no sentido de promover a habilidade de trabalho em grupo e de acordo com esta variável, a comunidade tem um forte potencial e terá grande êxito quanto a este aspecto, devido a percentagem de inquiridos que já têm experiência de trabalho em equipa o que constitui uma mais-valia.<sup>38</sup>

#### 8.5 Trabalho em equipa e o desenvolvimento do turismo

Nesta variável percebe-se que, de entre os inquiridos, a maioria (97%) respondeu que acredita que trabalhando em equipa poder-se-á desenvolver a comunidade a nível do turismo e 2% acha que não; não gostam de trabalhar em equipa e mesmo quando querem fazer algo do género sempre acaba em confusão devido à falta de concordância e ao indício de vandalismo existente na camada jovem da comunidade.

Dentre os que responderam sim, afirmam que trabalhando unidos é sempre possível alcançar o objectivo pretendido que é desenvolver esta comunidade.

---

<sup>38</sup> Consultar o gráfico 10 em apêndice1.

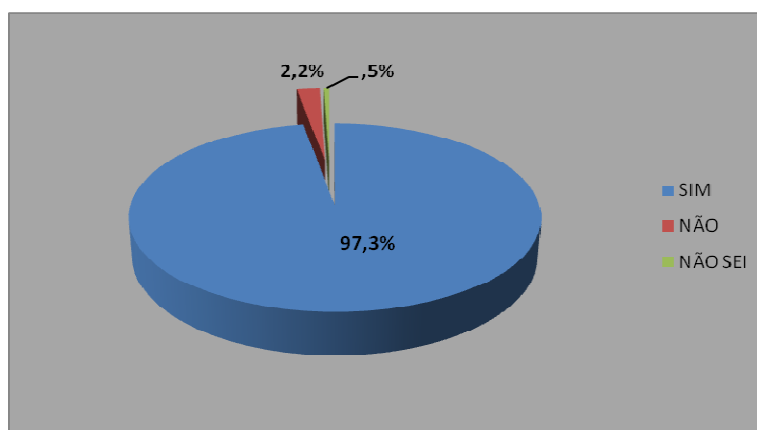


Gráfico 21: Trabalho em equipa e desenvolvimento do turismo

## 8.6 Opinião sobre o turismo

Quanto a esta variável, constata-se que desportos e a criação de um museu para Mandingas é a opinião que a maioria dos inquiridos defenderam, constituindo 28,4% dos resultados salientam ainda a importância de investir mais nos desportos tendo em conta que o mesmo dinamiza a comunidade e o grupo mandinga de Ribeira Bote precisa urgente de um museu para guardarem os seus artefactos, em segundo lugar está a história da Ribeira Bote com 18,2% considerando-o como um fator primordial para o desenvolvimento do turismo nesta comunidade tendo em conta que os acontecimentos históricos são ricos e merecem atenção especial nesta indústria e num nível mais baixo com 16,9% a reabertura de um centro de artesanato na comunidade. A criação deste centro defendido por estes, deve-se ao facto de haver muitos jovens com potencial talentos mais que no entanto estão sendo desperdiçado devido a falta de mais atenção a esses jovens que muito pode fazer para esta comunidade que carece de um centro de artesanato onde estes poderão exprimir os seus sentimentos através das artes.<sup>39</sup>

## 8.7 Recursos e produtos existentes na comunidade

No que concerne a esta variável, verificou-se que a cultura e artesanato são recursos que mais os inquiridos apontaram, com 38%. Seguido está o modo de vida do povo de

---

<sup>39</sup> Consultar o gráfico 1 em apêndice 1.

---

## TURISMO COMUNITÁRIO NO BAIRRO DA RIBEIRA BOTE: PROPOSTA PARA O SEU DESENVOLVIMENTO

---

Ribeira Bote que pode culminar com interação entre os turistas e visitantes com 16%, já 14% apontaram o Mandingas da Ribeira Bote como sendo um importante recurso, um produto de qualidade. Na visão dos inquiridos, são esses os recursos que, constituem uma ponte de desenvolvimento do turismo para esta comunidade, que se tratados poderão trazer um impacto positivo para a comunidade.

Quanto a outros recursos, estes estão para abaixo de 10% e são elas: desportos diversos, Ilha de Madeira como sendo considerada uma favela de São Vicente, músicas e aspectos culturais, pessoas que falam línguas estrangeiras como francês e inglês.



Gráfico 22: Recursos e produtos existentes na comunidade

Resumindo, a aplicação dos questionários no bairro da Ribeira Bote decorreu no período compreendido entre Julho a Setembro de 2013, sendo estes realizados nos horários específicos consoante a estadia dos moradores e para o efeito, aplicou-se questionários de manhã e à tarde e de segunda a sábado.

Durante a aplicação dos questionários, a primeira impressão que os inquiridos tiveram em relação aos questionários, foi de hesitar em responder às perguntas devido ao tamanho do questionário e por pensarem que era algum tipo de investigação sobre suas vidas, até serem informados que eram questionários para a realização do trabalho

escolar. A maioria, à primeira vista pensava que se tratava de algum tipo de agente Judicial.

Percebeu-se também, a ausência de conhecimento por parte dos moradores inquiridos no que concerne à indústria turística, seu conceito, as actividades e atractivos que lhe estão associados, e até mesmo as informações básicas sobre a comunidade Foi detectado durante a aplicação dos questionários, um excessivo número de desempregados – grande número de inquiridos hesitaram a responder devido à pressão do desemprego, a maioria dos inquiridos eram desempregados e por isso faziam perguntas do tipo: esse trabalho vai-me dar emprego? Você pode-me arranjar um trabalho? E muitos queixavam-se o facto de terem filhos sem a possibilidade de voltar a estudar devido às condições precárias em que vivem e outros por não terem comida para os filhos.

Percebeu-se ainda que, apesar das circunstâncias difíceis que os moradores têm enfrentado no seu quotidiano, verificou-se que existem muitos jovens talentos (jogadores de futebol, artesãos, artistas, músicos, dançarinos), jovens com grandes potenciais a ser aproveitados e muito deles querem praticar aquilo que sabem fazer, mas não têm como dar o primeiro passo, devido às condições e segundo esses, ninguém se importa com os jovens, nem com Ribeira Bote.

Houve moradores que disseram que Ribeira Bote está muito aquém do desenvolvimento de São Vicente, devido à má imagem que as pessoas têm da zona. Disseram ainda que R.B tem muita coisa boa, mas que ninguém vê, as pessoas só vêem coisas más, o aspecto negativo da comunidade.

Verificou-se ainda que os moradores possuem um baixo nível de renda, isto porque, para além de ter muitos desempregados, a renda familiar mensal da maioria das famílias não ultrapassa os 20 mil Escudos.

Todos os inquiridos acreditam que unindo esforços podem vir a desenvolver o turismo na comunidade.

Também manifestaram um grande interesse em ver crescer a sua comunidade e ver melhorias quanto à imagem que se tem tido da comunidade.

Quanto à caracterização demográfica do inquérito, estes aspectos causaram um certo impacto nos moradores pelo que muitos consideraram de perguntas muito íntimas, mas depois de muita explicação todos acabaram por responder.

Com a realização deste inquérito foi possível levantar os recursos e produtos necessários previstos nos objectivos deste trabalho e foi constatado que Ribeira Bote possui um leque variado de recursos propícios para um bom aproveitamento quanto à implementação do turismo comunitário, tendo em conta que têm patrimónios ricos como: as festas de romaria (SanJon, Ribeira de Julião) e outras festas culturais como (Mandinga de Ribeira Bote, 23 de Setembro – dia de libertação de Ribeira Bote, 12 de Setembro – dia das mulheres de Ribeira Bote e matança de galos<sup>40</sup> e banho de canecão<sup>41</sup>).

Foram identificados pelos moradores inquiridos alguns atractivos que podem contribuir para o desenvolvimento do turismo na comunidade tais como: desportos diversos; interacção entre os turistas e moradores; músicas e outros aspectos culturais; artesanato e a criação de micro-negócios, gastronomia; morabeza; pessoas que falam línguas estrangeiras e história de R.B.

Puderam ainda dar as suas opiniões sobre o que achariam importante ser desenvolvido na comunidade no ramo de turismo. De entre os que deram as suas opiniões destacam-se as seguintes: criação de um centro artesanal, abrir a porta para a formação dos jovens talentos, fazer mais palestras e campanhas de sensibilização comunitária, reabertura do centro social de R.B, usar o Polivalente como centro de diversão e acolhimento, combater a violência e luta contra drogas, apostar no turismo comunitário – na convivência com os turistas.

---

<sup>40</sup> Manança de Galo – é uma tradição existente na comunidade de Ribeira Bote onde todos os anos os moradores locais colocam num Ringue dois galos onde estes lutarão até a morte.

<sup>41</sup> Banho de Canecão – também é uma tradição ribeirabotina onde os residentes se reúnem na rua a fim de tomar banho, mas de canecão através de um balde de água grande que é colocada no centro e também atiram-na as pessoas que circulam por perto.

## **Capítulo 7. PROPOSTAS E LINHAS ORIENTADORAS, PARA TFC EM RIBEIRA BOTE**

Nesta etapa, o que se pretende é, retirar através das informações recolhidas no terreno e da análise de casos de sucesso recolhidos e analisados ao longo desta investigação, os subsídios que servirão de alavanca para a criação de propostas relevantes para o desenvolvimento do turismo comunitário no Bairro da Ribeira Bote.

De entre os 10 (dez) casos de boas práticas recolhidos, estudados e analisados, foram seleccionados 7 (sete) desses casos que melhor se adequam ao perfil da comunidade de RB, e que permitissem melhor alicerçar e nortear de forma consistente a proposta de linhas orientadoras que se apresenta nesta secção. Entretanto, as linhas orientadoras para a comunidade de RB extraídas destes casos serão apresentadas através dos quadros mais abaixo, que pretendem refletir uma filosofia muito ligada aos pilares da sustentabilidade e, portanto, aos princípios do turismo comunitário. Efectuou-se um exercício extremamente forte de desenvolvimento de medidas que possam, igualmente, incorrer numa aplicação integrada das recompensas que norteiam esse tipo de turismo: sustentabilidade (ambiental, social, cultural e económica) e inclusão activa e participativa da população local em todo o processo de planeamento e desenvolvimento do turismo.

A metodologia utilizada para a elaboração do quadro 1 tem, na sua base, modelos, abordagens e conceitos, de diversos autores internacionais, que permitem pensar no desenvolvimento do turismo de forma inovadora e transversal. Assim, a proposta apresentada divide-se em duas grandes perspectivas, o lado da oferta e o lado da procura. Cada uma é composta por domínios, dentro dos quais se definiram linhas orientadoras para a criação da proposta do turismo comunitário na comunidade de Ribeira Bote. Deste modo, o lado da oferta é composto pelo Papel do Poder Local (Câmara Municipal de São Vicente), a Governança, a População Local, os Equipamentos e infra-estruturas e os Produtos, sendo que o domínio que compõe a perspectiva da procura é o marketing. Como se pode observar pelo quadro 1, várias estratégias foram delineadas para cada domínio, assim como definidas acções orientadoras para cada estratégia.



---

## TURISMO COMUNITÁRIO NO BAIRRO DA RIBEIRA BOTE: PROPOSTA PARA O SEU DESENVOLVIMENTO

---

A escolha da comunidade de Ribeira Bote, prende-se com o facto de ser uma comunidade com grande potencial para o desenvolvimento desse tipo de turismo e, como tal, propícia à implementação de estratégias que visem evitar alguns erros do planeamento, assegurando assim, a sustentabilidade da actividade turística e, simultaneamente, contribuir para o desenvolvimento socioeconómico da comunidade local.

**Quadro 1: Linhas orientadoras para a criação da proposta para o desenvolvimento do turismo comunitário na comunidade da Ribeira Bote**

	Domínio	Estratégia	Acções
<b>OFERTA</b>	<b>Papel do Poder Local - Câmara Municipal De São Vicente, e a própria comunidade de R.B</b>	Elaboração do Plano Municipal de desenvolvimento do turismo (Turismo Comunitário)	<b>Visão:</b> Desenvolver uma política para o sector assente nas estratégias da sustentabilidade e tendo por base as directivas do Plano estratégico do Governo (curto, médio e longo prazo).
		Legislação sobre a recolha e tratamento de resíduos	Criar legislação, instituições e locais com o intuito de fazer a recolha, selecção e reciclagem de resíduos sólidos, bem como de tratamentos alternativos baseados em processos biológicos; Adaptação da legislação ao Turismo Comunitário e à realidade local, garantindo a qualidade do mesmo.
		Segurança	Desenvolver sinergias com todos os intervenientes (publico/privado) no sentido de garantir a segurança dos visitantes e da população local. Reduzir as barreiras de entradas às micro e pequenas empresas, facilitando assim a criação e o desenvolvimento das mesmas.
		Incentivo ao empreendedorismo local	Criar uma incubadora de tecnologia Social, com sistema de incubação não presencial, de forma a evitar grandes custos com as infra-estruturas. Esta incubadora inicialmente teria quatro pilares de actuação: Empreendedorismo, Formação, Consultoria e Emprego, objectivando a formação a capacitação e assessoria a população para a gestão de pequenos negócios e na localização de postos de trabalho para a população.

---

TURISMO COMUNITÁRIO NO BAIRRO DA RIBEIRA BOTE: PROPOSTA PARA O SEU DESENVOLVIMENTO

---

	<b>Governança</b>	Desenvolver parcerias	Desenvolver parcerias com organizações Públicas e privadas nacionais e internacionais: Governo, Câmaras Municipais, ADEI, Agências de viagens e Operadores Turísticos, Instituições de ensino, incubadoras de negócio, entre outros.
		Criação de redes colaborativas	Consciencializar a população local para os benefícios do trabalho em rede. Criar medidas de incentivo ao associativismo e cooperativismo. Constituir as redes.
	<b>População Local</b>	<i>Empowerment</i>	Potenciar o conhecimento que a população local (com especial atenção para as mulheres e jovens) possui e canalizá-lo para a tomada de decisão e para o empreendedorismo. Nesse caso, dá-se uma especial atenção aos jovens de R.B devido ao grande potencial destes.
		Organização de programas educacionais	Promover fóruns públicos para sensibilização da importância da actividade turística para a comunidade local e do interesse da comunidade local para o desenvolvimento da actividade turística.
		Providência das infra-estruturas básicas	Implementar um sistema de tratamentos de efluentes para Ribeira Bote.
		Recolha e tratamento de resíduos sólidos	Promover campanhas de sensibilização visando a selecção dos resíduos recicláveis. Criar parcerias para a reciclagem dos resíduos.

---

TURISMO COMUNITÁRIO NO BAIRRO DA RIBEIRA BOTE: PROPOSTA PARA O SEU DESENVOLVIMENTO

---

		Sensibilização da População Local	<p>Desenvolver campanhas de sensibilização para a importância do envolvimento nos projectos comunitários, do desenvolvimento dos próprios negócios, da preservação e conservação dos patrimónios da comunidade, através de:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Palestras, Seminários, Formações, Fóruns públicos, Brainstorming com a comunidade local, Distribuição de panfletos, Documentários, Sensibilização porta a porta;</li> <li>✓ O incentivo ao desenvolvimento de programas pedagógicos para alunos das escolas primárias e secundárias para o compromisso com a preservação do meio ambiente com base no desenvolvimento de programas de saneamento básico e ambiental, coleta de lixo, limpeza, pinturas na comunidade e Educação Ambiental.</li> </ul> <p>Para isso pretende-se a criação da Associação de Moradores e dos concelhos comunitários com o objectivo de melhor atender às demandas da comunidade: educação, pesca, saúde, cidadania e ética. Pretende-se com isto incluir os moradores que são pouco ouvidos, negligenciados, excluídos da tomada de decisão dos projectos turísticos.</p>
		Processo de organização da comunidade de R.B	<p>Criação de projectos – Escolas dos povos do mar – com o intuito de trabalhar conteúdos variados relativos à pesca. Esta proposta prende-se com o facto de R.B ser a comunidade de São Vivente onde está centralizada a maioria dos pescadores desta ilha e por ser pioneira e sempre esteve ligada a este sector.</p>
		Criação do fundo social e do fundo de reserva	<p>Ao final de cada gestão anual, um percentual (20%) do saldo das operações ligadas ao turismo é destinado à comunidade, representada pela Associação de Moradores, que decide quais são os investimentos prioritários para a aplicação dos recursos. Outra parcela (80%) do resultado das operações é destinada ao fundo de reserva.</p>

---

TURISMO COMUNITÁRIO NO BAIRRO DA RIBEIRA BOTE: PROPOSTA PARA O SEU DESENVOLVIMENTO

---

			<p>O Fundo de Reserva é utilizado para investimento em diversos projectos, com o objectivo de prover as melhorias necessárias para o turismo (infra-estrutura, equipamento e capacitação de mão-de-obra).</p> <p>Criação de um filme que retrata a história e a situação real e actual desta comunidade, tendo em conta que é uma comunidade onde se verifica pobreza em uma elevada escala, violência devido aos indícios recentes de <i>Caçu body</i> (assalto à mão armada), visto que os turistas contemporâneos buscam experiências únicas e R.B possui meios propícios para desenvolver o turismo através da criação e passagem deste filme.</p>
		Criação de um filme sobre a comunidade de R.B	
		Ilha de Madeira	<p>Por ser considerado como uma favela da ilha de São Vicente, pretende-se promover actividades como:</p> <p>Convivência de perto com os moradores desta favela; manter as construções da favela de forma desalinhas e da forma como as casas se encontram agrupadas, permitir os turistas fotografarem tudo que existe na favela desde as construções das habitações, os moradores, e também, permitir-lhes fotografarem as armas usadas pelos chamados gangs da de Ribeira Bote em particular as da ilha de Madeira</p>
		Providência das infra-estruturas básicas	Implementar um sistema de tratamentos de efluentes para Ribeira Bote.
		Recolha e tratamento de resíduos sólidos	Promover campanhas de sensibilização visando a selecção dos resíduos recicláveis.
	<b>Equipamentos e Infra-estruturas</b>	Criação de uma boa rede de acessibilidades respeitante das características locais	Implementar uma rede viária que assegure a ligação entre as diferentes povoações. A sua construção deverá respeitar o ambiente local, sobretudo no que diz respeito aos impactes ambientais e paisagísticos;

---

## TURISMO COMUNITÁRIO NO BAIRRO DA RIBEIRA BOTE: PROPOSTA PARA O SEU DESENVOLVIMENTO

---

		<p>Criação de placas de localização dos locais de interesse turístico como alojamento, restauração, recreação, centros de artesanatos e outros; rua dos libertados, Rua Capitão Ambrósio.</p> <p>Definir trilhas e mapeamento dos pontos de interesse turístico;</p> <p>Dotar a comunidade de sinalização direccional, informativa e interpretativa.</p> <p>Criação e expansão dos postos de informação.</p>
	Respeito pela traça e materiais locais	Criar incentivos para a manutenção das características típicas das construções locais (utilização da pedra, pintura a cal, edifícios de um piso, casas de latas no bairro da Ilha de Madeira).
	Criação de dias/festividades temáticas	<p>Realizar um festival de gastronomia com representação da gastronomia local. Esta actividade tem como objectivo promover a gastronomia e os produtos tradicionais da Ribeira Bote, bem como a inter-relação entre os ribeirabotinos e os visitantes;</p> <p>Aproveitar os dias em que se comemoram os festivais da Ribeira Bote (23 de Setembro, 12 de Setembro, festival de Mandingas, Ribeira de Julião e SanJon) e desenvolver actividades diversas e incentivar os moradores desta comunidade a venderem os seus produtos e serviços aos visitantes envolvendo um conjunto de serviços nestes eventos;</p>
	Valorização dos produtos local	<p>Criar roteiros turísticos integrados (como a rota Mercado de Ribeirinha, Rua Capitão Ambrósio, Rua dos libertados, passar por todos os centros de artesanatos de R.B, Polivalente de R.B, Ilha de Madeira e outros pontos de interesse)<sup>42</sup>;</p> <p>Criação de um selo de qualificação e garantia dos Produtos locais.</p>

---

<sup>42</sup> Consultar o mapa do roteiro no anexo.

---

TURISMO COMUNITÁRIO NO BAIRRO DA RIBEIRA BOTE: PROPOSTA PARA O SEU DESENVOLVIMENTO

---

<b>PROCURA</b>	<b>Produto</b>	Definição das atracções turísticas	Identificação e Definição das atracções de interesse turístico.
		Segmentação do mercado	Elaboração de estudos para identificar os potenciais segmentos de mercado, tendo Cabo Verde (as Ilhas) como um mercado importante para a comunidade. Identificar o perfil dos visitantes que visitam Ribeira Bote, tanto ao nível da sua satisfação como das despesas efectuadas na comunidade. Elaboração de um marketing mix para cada segmento.
		Criação de marca /Posicionamento	Criar um logótipo e um slogan que revelem os elementos identificativos da comunidade (História de R.B, Festa de romarias (SanJon, Ribeira de Julião, 23 de Setembro, Mandinga e outros), a vivência local.
	<b>Marketing</b>	Divulgação do destino Ribeira Bote	Criação de um Site informativo sobre o turismo na comunidade de Ribeira Bote, retratando as suas potencialidades e as ofertas turísticas; Utilização de todos os recursos online para fazer a divulgação ( <i>facebook, Twitter, Badoo</i> , entre outros). Criar Pontos informativos dentro e fora da comunidade; Divulgação do destino Ribeira Bote através da Televisão online, fazendo uso do site para divulgação dos programas; Participação frequente na Feira de Turismo de Cabo Verde, bem como a criação da Feira de turismo da Ribeira Bote; Investir em materiais promocionais e publicidade (panfletos, dvd's, guias turísticos, agências de viagens e operadores turísticos, tanto nacionais como internacionais). Aproveitar a Comunidade Ribeirabotina emigrada para fazer a divulgação do Município nos países de acolhimento, através de parcerias com as associações de emigrantes; Incentivar a população a ser o principal meio de divulgação do destino população.

## CONCLUSÕES

Os resultados do presente estudo oferecem um conjunto de informações, que permitiu-nos observar que o turismo comunitário apresenta-se como sendo uma forte alternativa, um novo eixo da actividade turística que visa essencialmente remeter a essência do turismo onde as viagens têm como propósito principal de conhecer outros povos, sua cultura e seus hábitos e, não somente o consumismo e vivências temáticas.

Para além de proporcionar um contacto directo entre os visitantes e o local visitado, que se traduz na troca de experiências entre estes, este novo modelo de desenvolvimento, sustentado por alguns pilares é capaz, assim como outros, de explorar o turismo de forma justa preservando patrimónios naturais e culturais, inserindo indivíduos à sociedade e sociedades ao mercado em busca da tão esperada sustentabilidade.

Como qualquer outra indústria ou sector de actividade, o turismo comunitário, não pode ser tratado de forma utópica ou como meio de expressão revolucionário contra os padrões económicos actuais e sim como uma oportunidade de desenvolvimento para uma comunidade organizada.

Todavia, para que o desenvolvimento do turismo de base comunitária se concretize, torna-se necessário a interferência de outros sectores, garantindo que a actividade turística não possa ser desenvolvida isoladamente pela comunidade, porém a comunidade consciente pode ser a base para o desenvolvimento desse turismo.

Em relação à pergunta de partida cuja atenção era saber, como desenvolver a comunidade de Ribeira Bote, de forma a que esta seja capaz de exercer o desenvolvimento comunitário, a resposta a essa questão só se tornou possível mediante a validação das hipóteses levantadas nesse trabalho, onde concluímos que, para desenvolver a comunidade de Ribeira Bote ao ponto que ela seja capaz de exercer o desenvolvimento comunitário, é necessário de acordo com essas hipóteses, que os intervenientes locais, preparem e capacitem a população local para melhor receberem os visitantes, reaproveitando e fazer também, bom uso dos recursos ali existentes e criar incentivos entre os intervenientes locais em fazer parcerias estratégicas com outros sectores, seja público ou privado.



Após os levantamentos e análises realizadas acredita-se que conhecer de perto a comunidade de R.B, o seu povo, a sua história, seu estilo de vida, os seus recursos e de entre tantos outros atributos referentes a esta comunidade, permitiu-nos observar as potencialidades que esta comunidade possui e como o turismo comunitário poderá dinamizar e promover o desenvolvimento da mesma.

Quanto aos objectivos gerais e específicos foram atingidos com os estudos colectados e na análise qualitativa e quantitativa dos mesmos. Ou seja, os objectivos gerais, desenvolver e apresentar uma proposta para um novo modelo da actividade turística denominado Turismo Comunitário, visando a sua possibilidade de aplicação prática para a comunidade de Ribeira Bote – Mindelo e os específicos: Apresentar um conjunto de conceitos e ferramentas sobre a temática do estudo em questão; Proceder ao levantamento de todos os recursos materiais e imateriais existentes na comunidade da Ribeira Bote através do inquérito por questionário e realização de entrevistas a alguns representantes locais; Analisar os documentos que relatam a história do povo da Ribeira Bote, tirando assim os subsídios que podem servir de atracção para os turistas e visitantes; Melhorar o conhecimento que se tem do Bairro da Ribeira Bote, como destino turístico; Identificar a percepção dos residentes da comunidade de RB sobre o turismo e o turismo comunitário; Definir uma proposta orientadora para futuros estudos.

Em síntese, as linhas orientadoras para criação da proposta para o desenvolvimento do turismo comunitário na comunidade de Ribeira Bote apresentadas neste trabalho, implicam o conhecimento e a utilização de novas formas e metodologias de pensar o turismo, com recurso a redes colaborativas, gerando uma grande sinergia entre diferentes actores oriundos do sector público, do sector privado e das comunidades locais. Essas reflexões implicam o envolvimento de todos os *stakeholders* no processo de criação de estratégias de desenvolvimento do turismo, de forma a gerar a responsabilização e sentimento de pertença nas mesmas, essencialmente, no que diz respeito às populações locais.

No plano institucional, dever-se-á primar pela estratégia de descentralização das decisões, de forma a promover acções locais, não obstante a perfeita harmonia com as diretrizes gerais das políticas governamentais. Para além disso, será importante

privilegiar o desenvolvimento turístico baseado na identificação e definição de *clusters*<sup>43</sup> da oferta e, assim, dar origem a uma marca identificadora e diferenciadora da área-destino.

Concluindo, as linhas orientadoras definidas actuam sobre diferentes domínios, desde o nível nacional ao nível local, e pretendem dirigir acções para o desenvolvimento de um turismo sustentável.

Contudo, a aplicação dessas propostas devem sempre estar atenta às dinâmicas e às características do território.

Com esta proposta para a Comunidade de Ribeira Bote objectiva-se o desenvolvimento do turismo com benefícios visíveis para a população local, elemento activo e integrante de todo o processo, uma vez que o desenvolvimento de destinos turísticos só é assegurado com repercussões a nível económico e social. Nesse sentido, o Estado assume um papel importante na regulamentação das diversas actividades, bem como na disponibilização de financiamento e na promoção do destino, com estratégias de marketing direccionadas e planeadas de acordo os segmentos mais interessantes. É necessário investir nos processos de formação e comercialização de produtos visando, sobretudo, a qualificação da experiência do turista, proporcionando a sua máxima satisfação e, conseqüente, fidelização e/ou promoção positiva do destino, através do passa-palavra. Para além desses aspectos, deverão desenvolver-se mecanismos de coordenação dos diferentes *stakeholders*<sup>44</sup>, dotar as áreas turísticas de equipamento e infra-estruturas de qualidade, criar sinergias entre as potencialidades dos diferentes produtos turísticos, com base no equilíbrio entre três importantes pilares de desenvolvimento de destinos turísticos: a comunidade local, a área-destino e o turista.

#### **i) Recomendações**

Ribeira Bote é um dos bairros mais antigos da ilha de São Vicente, e como tal este reveste-se de inúmeras qualidades que o tornam numa comunidade destacada em comparação com os demais bairros que são considerados recentes. Porém, esta

---

<sup>43</sup> Clusters – agrupamento ou grupos de empresas de um determinado território que apresentam especialização produtiva e mantêm vínculos de articulação, cooperação e aprendizagem entre si e com outros agentes locais.

<sup>44</sup> Parte interessada ou interveniente (em turismo, são actores sociais interessados em participar no desenvolvimento de um determinado projecto).

comunidade apesar de muito rica em termos históricos e culturais bem como as riquezas artísticas que a compõem, encontra-se em condições desfavorecidas e carece de uma intervenção, de uma solução para se desenvolver, e que através do turismo (turismo comunitário), poderá ser possível o tão esperado desenvolvimento.

A proposta do desenvolvimento do turismo comunitário para esta comunidade irá proporcionar o alcance de uma nova meta e uma nova dinâmica no contributo para mudança de vida do povo da R.B, bem como dos bairros circundantes, quando se tornar realidade.

Para que a proposta contida nesse trabalho se torne realidade, recomenda-se contudo fazer investimento nos seguintes domínios:

- **Capacitação da população** - Preparar a população local, e criar incentivos para que sinta o ânimo de desenvolver, preservar os patrimónios comunitários, que são os recursos e riquezas que possuem.
- **Criação de parcerias entre a comunidade e outros sectores** - Que a comunidade e seus interveientes se sintam confortáveis em fazer parcerias com outros sectores de actividade que também podem contribuir para o seu desenvolvimento.
- **Maior atenção a essa comunidade** - As autarquias e governos precisam dar uma maior atenção a esse bairro, que carece de uma forte intervenção.
- **Reformulação do PDTCV** - Desenvolver algumas acções a ser tomadas, no que diz respeito ao PDTCV em enquadrar nesse plano, as leis que fazem referência ao turismo comunitário e o seu desenvolvimento e garantir que essa legislação se adapte às necessidades das comunidades.
- **Estudos dos impactos** - Fazer futuros estudos da viabilidade dos projectos desenvolvidos nessa comunidade e dos impactos que os mesmos têm gerado.
- **Valorização do Património Natural e Cultural** – que pode ser implementado através da valorização da cultura da comunidade local, do autêntico, como as danças, as tradições os costumes e a gastronomia.
- **Criação de Posto de Saúde, de esgotos e de águas canalizadas** – através da cooperação entre a comunidade de Ribeira Bote e as empresas públicas privadas ou

para o bem-estar da comunidade e de certa forma proporcionar aos visitantes uma melhor estadia e conforto.

- **Criação e capacitação de Guias** - guias intérpretes capacitados com o intuito de levar os turistas a conhecer melhor os pontos históricos aí existentes e proporcionar-lhes um maior proveito do local.
- **Formação da associação comunitária de Ribeira Bote** – através da sensibilização da população local para uma boa gestão dos recursos naturais, culturais e patrimoniais aí existentes tendo em conta a proteção e salvaguarda do meio ambiente.
- **Inclusão da comunidade residente nesta actividade** – através da participação activa destes nos eventos culturais como: dança, gastronomia, participação destes na elaboração dos planos para o bom funcionamento das actividades na comunidade em si, a fim de que todos tenham uma opinião a dar sobre como funcionar o turismo para que todos tirem o proveito deste.
- **Criação de parcerias com os institutos e universidades** - criação de parcerias entre a comunidade e as universidades ligadas ao turismo e ciências sociais como o ISCEE, Uni-Mindelo e LUSÓFONA, a fim de recolher informações e capacitação de profissionais qualificados para funcionamento do turismo nesta comunidade. Assim como elaboração de estudos e avaliações a diversos níveis.

#### j) **Limitações**

Verificaram algumas limitações na realização desta monografia principalmente na sua aplicação prática, no que diz respeito à aplicação dos questionários e entrevistas, que muito dificultou a recolha de informações, visto que o tempo era muito limitado e a falta de conhecimento dos inquiridos sobre as questões a serem expostas constituiu um obstáculo no cumprimento do tempo estabelecido.

A ausência de obras escritas sobre a comunidade constituiu um grande entrave na recolha de informações exatas sobre esta.

Por ser o turismo comunitário um produto novo que se encontra na sua fase de crescimento, verifica-se contudo algumas limitações quanto às informações disponíveis em lugares como a África onde ainda é pouco desenvolvido.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

*A experiência do Ministério de Turismo.* In Bartholo, R., Sansolo, D. e Bursztyn, I. (2009) (Eds.), *Turismo de Base Comunitária: Diversidade de olhares e experiências brasileiras.* Nova Letra Gráfica e Editora. Pág. 362.

Cardoso, Lima, & Antunes (2010). *O Turismo Comunitário no Nordeste do Brasil.*

Costa, J e Melo, A (s/d). *Dicionário da Língua Portuguesa.* 7ª Edição, Revista e ampliada. Porto Editora.

Cunha, L. (2009) “*Introdução ao turismo*” 4ª Edição, Nº 2665, Lisboa – São Paulo.

Dias, R. *Introdução ao Turismo*, 1ª Edição – São Paulo: Atlas, 2008. Pág.107.

Ferreira, V. (2010). *Património Cultural e Natural.* Design instrucional. Palhoça Universal, 2010.

Friedmann, John (1992). *Empowerment: uma política de desenvolvimento alternativo,* Oeiras: Celta.

Ghiglione, R. e Matalon, B (1995). *O Inquérito: Teoria e Prática.*

Lopes, M. e Graça, C (2012). *Projecto Turismo Comunitário no Bairro da Ribera Bote.* Mindelo.

Marques, Joana (2009). *Para além da filantropia: contributo do Turismo Solidário para o Desenvolvimento Comunitário, uma análise comparada cabo Verde – São Tomé e Príncipe.*

Medina,. (2012). *Entre a Terra e o Mar: Grau de satisfação dos cruzeiristas na ilha de São Vicente.* Mindelo, 2012. Monografia.

Maldonado, C. (s/d). *O Turismo Rural Comunitário na América Latina: gênese, características e políticas.* In Bartholo, R. Sansolo, D. Bursztyn, I. (2009). (Eds.), Plano

Estratégico para o Desenvolvimento Turístico em Cabo Verde (2010/2013). Ministério de Economia, Crescimento e Competitividade. Direção Geral do Turismo.

Ramos, M. (2003). *Mindelo d'Outrora*. Mindelo. Pág.35-36.

Rodrigues, M (2011). *Carnaval do Mindelo: formas de Reinvenção da Festa e da Sociedade, Representações mentais e materiais da cultural mindelence*.

Silvino, K., Ramiro, R., e Teixeira, B. (s/d). *Fomento ao turismo de base comunitária*.

Turismo de Base Comunitária: Diversidade de olhares e experiência brasileiras. Nova letra gráfica e editora.

Vicente, P. Reis, E. e Ferão, F (2001). *Sondagens – A amostragem como factor decisivo de qualidade*. 2 Edição. Lisboa, Janeiro, 2001.

Batholo, R. Sansolo, D. Bursztyn, I. (2009). *Turismo de Base Comunitária: diversidade de olhares e experiência brasileira*. Nova letra Gráfica e Editora, Junho. Pa.21.

Bartholo Roberto; Sansolo, Davis Gruber; Bursztyn Ivan. (2010). *Turismo de Base Comunitária, diversidades de olhares e experiências brasileiras*. Brasil.

Fortunato, Rafael Angelo e Silva, Lucas Siqueira. (2011). *Os significados do turismo comunitário indígena sob a perspectiva do desenvolvimento local: o caso de reserva de desenvolvimento sustentável do Tupé*. Revista de Cultura (CULTUR), 02, 85-100.

Grimm, I., Sampaio, C. (2011). *Turismo de Base Comunitária convivencialidade e conservação ambiental*. Revista Brasileir de ciências ambientais – Nº 19.

Macedo, R., Medeiros, V., Azevedo, F., e Alves, M (2011). *Ecoturismo de base comunitária: uma realidade ou um autopia*. Revista de Turismo y Património Cultural. Universidade Federal do Rio Grande do Norte – Brasil.

Moraes, W., Ribeiro, G. & Emmendoerfer, M (2013). *Ensaio de uma metodologia com indicadores para o turismo de base comunitária: o caso do território de Serra do*

*Brigadeiro – Brasil. Revista de Turismo Y Patrimônio Cultural* Vol. 11 N.º 2 Pág. 297-312.

Sampaio, C e Zamignan, G (2012). *Estudos da demanda turística: experiência de Turismo comunitário da Microbacia do Rio Sagrado, Morretos (PR)*. Revista da Cultura e Turismo. CULTUR, ano 06-Nº01.Fev/2012.

Santos, I (2010). *Manual de Métodos e Técnicas de Pesquisa Científicas*. (7ª Edição) Revista e Atualizada, Niterói.

Stephen, Taranto e Stefano Padulosi. (2009). *Saboreando os resultados de uma iniciativa coletiva*. In Agriculturas. Bolívia.

Zechner, Talita C., Flávia K., Carlos Alberto C. (2008). “*O papel do Turismo no Arranjo Sócio produtivo de Base Comunitária da Micro-Bacia do Rio Sagrado*. Dynamis revista tecno-científica. Brasil.”

Araujo, Suelene (2010). *Desenvolvimento Endógeno e turismo Comunitário: A comunidade Cachoeira – Nova Xavantina – MT como Cwn´RIO*. Disponível em: <http://monografias.brasilecola.com/turismo/desenvolvimento-endogeno-turismo-comunitario-comunidade-cachoeira-nova.htm>. Acedido em 25 de Julho de 2013.

Coriolano, Luzia Neide M.T. (2006). *Reflexões sobre o Turismo Comunitário*. Acedido em 14 de Abril de 2013 em:

<http://www.etur.com.br/conteudocompleto.asp?idconteudo=11164>.

Equipa EcoViagem (2009), *Turismo de Base Comunitária*. Acedido em 22 de Abril de 2013 em: <http://ecoviagem.uol.com.br/noticias/turismo/turismo-sustentavel/turismo-de-base-comunitaria-9834.asp>.

Informação Turística (2008). *Impactos do turismo*, acedido em 13 de Maio de 2013 em: <https://sites.google.com/site/informacaoturistica11/turismo-sustentavel>.

Informação Turística (2008). *Impactos do turismo*, acedido em 13 de Maio de 2013 em: <https://sites.google.com/site/informacaoturistica11/6-impacto-do-turismo>.

Guia Virtual de Pernambuco (s/d). *Bens materiais e imateriais*. Disponível em:

[http://www.inrecife.com.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=23&Itemid=10](http://www.inrecife.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=23&Itemid=10). Acedido em 23 de Julho de 2013.

Henn, Gustavo (2007). *Método impressionista ou Observação Directa*. Disponível em: <http://biblioteconomiaparaconcursos.com/2007/06/11/metodo-impressionista-ou-observacao-direta/>. Acedido em 23 de Julho de 2013.

Mendonça, Teresa, Irving Marta (s/d). *Turismo de Base Comunitária: A participação como prática no desenvolvimento de projectos turísticos no Brasil – Praínha do Canto Verde, Beberibe (CE)*. Acedido em 30 de Maio de 2013 em: [http://www.prac.ufpb.br/anais/xenex\\_xienid/x\\_enex/ANAIS/Area8/8CCHLADECOMP EX01.pd](http://www.prac.ufpb.br/anais/xenex_xienid/x_enex/ANAIS/Area8/8CCHLADECOMP EX01.pd)

Ministério do Turismo do Brasil (2008). *Projectos de turismo de base comunitário*. Acedido em 26 de Abril de 2013, em: [http://www.turismo.gov.br/turismo/noticias/todas\\_noticias/20080811.html](http://www.turismo.gov.br/turismo/noticias/todas_noticias/20080811.html).

Moraes, Wallquíria de Jesus, (2007). *Turismo comunitário como instrumento de desenvolvimento sustentável*. Publicada pela Editora: Vininha Carvalho. Acedido em 14 de Fevereiro de 2013 em: <http://www.revistaecotour.com.br/novo/home/?tipo=noticia&id=1759>.

Orpheo, C. e Cambel, M. (2007-2010). *Plano Nacional de Turismo: Uma análise crítica do Plano Nacional do Turismo sob a óptica da participação e de um turismo sustentável de base comunitária*. Acedido em 14 de Abril de 2013 em: <http://www.google.com.br/#output=search&sclient=psy-ab&q=como+surgiu+o+turismo+comunit%C3%A1rio&oq=como+surgiu+o+turismo+comunit%C3%A1rio>.

Panosso & Gaeta (2010). *Turismo Experiência*. Acedido em 24 de fevereiro de 2013 em: <http://books.google.com.br/books?id=MXpI9TkRk38C&pg=PA122&lpg=PA122&>



[dq=Ribeiro+Marcelo,+E2%80%9Cturismo+comunit%C3%A1rio:+rela%C3%A7%C3%B5es+entre+anfitri%C3%B5es+e+convidados.](#)

Produtos e Recursos Turísticos (s/d). *Inventariação dos Recursos Turísticos*. Acedido em 24 de Abril de 2013. Disponível em: <http://www.sistemicosprojectos.com/servicos/entidades/15.htm>.

Ramos, Ana Paula, Barbosa e Ângela (2005). *Análise Documental*. Carapicuíba, 21 de Novembro de 2005. Disponível, em: <http://metodologia119.pbworks.com/w/page/20812264/An%C3%A1lise%20Documental>.

Rede cearense de Turismo Comunitário (2010). *Turismo Comunitário*. Acedido em 25 de Abril de 2013 em. [www.tucum.org/oktiva.net/2313/secao/18703](http://www.tucum.org/oktiva.net/2313/secao/18703).

Rede JcNavegar (2008). *Impactos do Turismo*. Disponível em: <http://jcnavegatur.blogspot.com.br/2008/01/impactos-do-turismo.html>.

Ribeiro, G. (2008). *Turismo de Base Comunitária*. Revista Global Tourism, Vol. 4 – Nº.2.

Santos, Carlos (s/d) *Metodologia Científica*. Acedido em 27 de Dezembro de 2013. Disponível em:

[http://www.oficinadapesquisa.com.br/APOSTILAS/PROJETO\\_RH/\\_OF.TIPOS\\_PESQUISA.PDF](http://www.oficinadapesquisa.com.br/APOSTILAS/PROJETO_RH/_OF.TIPOS_PESQUISA.PDF).

Semedo, Brito (2010). *Revolta de Nhô Ambrôze*. Acedido em 29 de Dezembro de 2013. Disponível em:

<http://brito-semedo.blogs.sapo.cv/14219.html>.

*Significado de SWOT*. Acedido em 10 de Fevereiro de 2014, em: <http://www.significados.com.br/swot/>

---

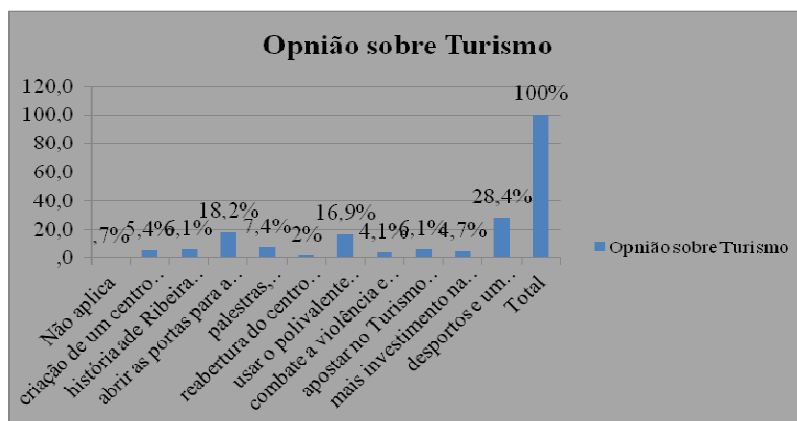
## TURISMO COMUNITÁRIO NO BAIRRO DA RIBEIRA BOTE: PROPOSTA PARA O SEU DESENVOLVIMENTO

---

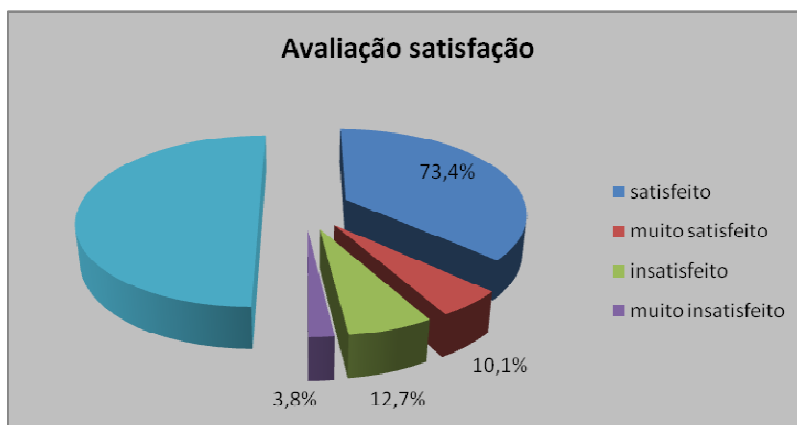
Turismo Comunitário (s/d). Turismo *Comunitário – Roteiros de Maranhão*. Acedido em 24 de Junho de 2013, em: <http://turismocomunitario.wordpress.com/turismo-comunitario/>.

**APÊNDICES 1** – Dados de algumas variáveis referentes a caracterização demográfica, as ofertas e caracterização turística da amostra descrito no trabalho.

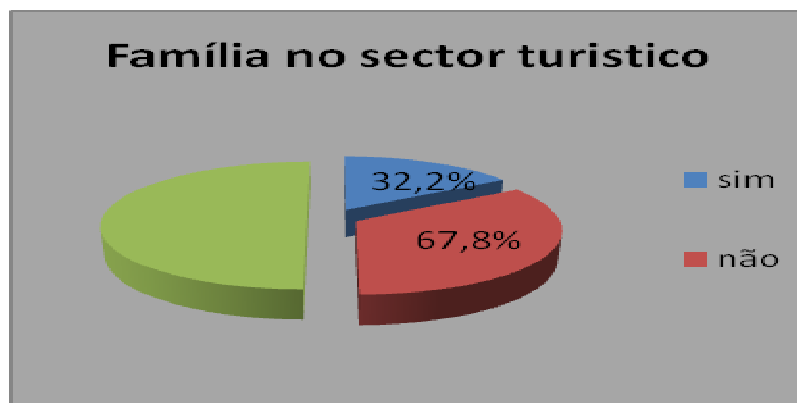
### 1- Gráfico



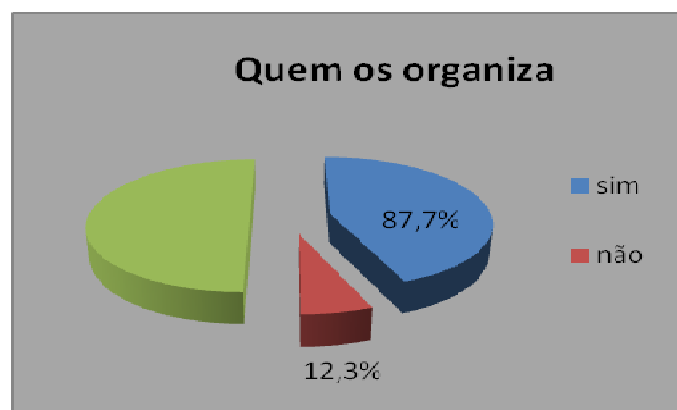
### 2- Gráfico



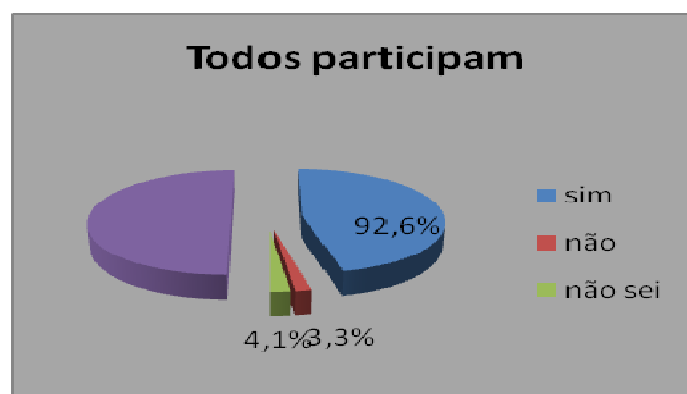
### 3- Gráfico



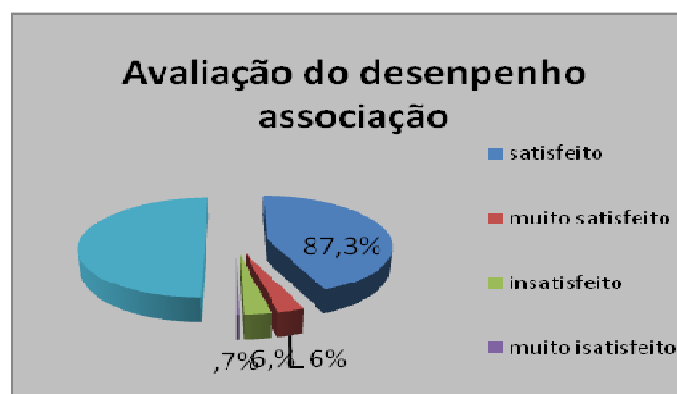
#### 4- Gráfico



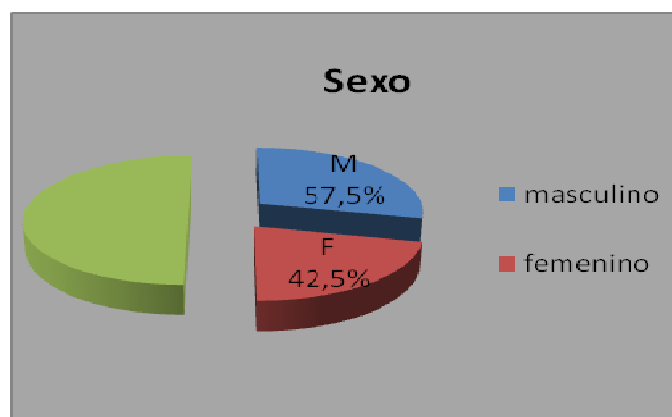
#### 5- Gráfico



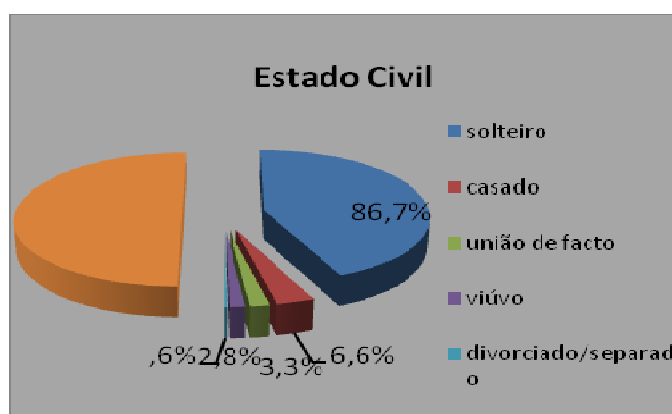
#### 6- Gráfico



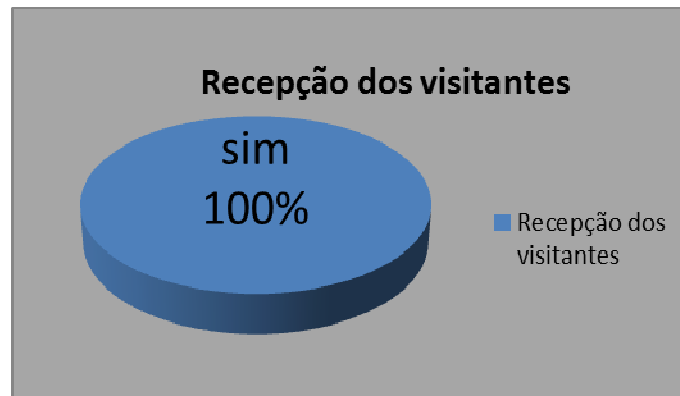
7- Gráfico



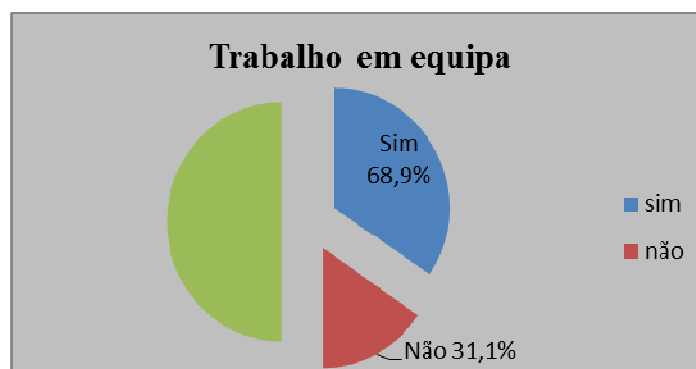
8- Gráfico



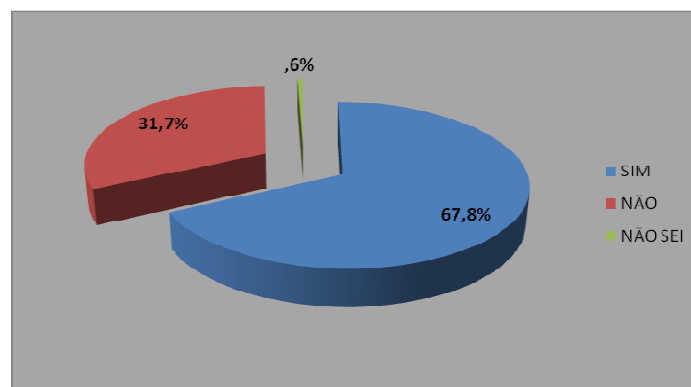
9- Gráfico



10- Gráfico



11- Gráfico – Avaliação do desenpenho da associação



**APENDÊNCES 2** – Imagens fornecidas pelos líderes do Projecto Turismo Comunitário no bairro da B.B

**1- Imagem**



Anexo 1: Limpeza comunitária  
Fonte: PRB-TC

**2- Imagem**



**3- Imagem**



Anexo 3: Pintor Bitú Alves com algumas das suas pinturas  
Fonte: PRB-TC

#### 4- Imagem



Anexo 4: Cestos feitos com garrafa plastica da artesã Charlene Graça  
Fonte: Charle Graça

#### 5- Imagem



Anexo 5: Artesão "Cubano" uma demonstração e  
uma peça já confeccionado  
Fonte: Charle Graça





## 6- Imagem



Anexo 6: O artesão e escultor "Djoy" e alguns dos seus trabalhos  
Fonte: PRB-TC

---

**TURISMO COMUNITÁRIO NO BAIRRO DA RIBEIRA BOTE: PROPOSTA PARA  
O SEU DESENVOLVIMENTO**

---

**ANEXO**

Este Questionário enquadra-se no projecto de Monografia que está a ser realizado no Instituto Superior de Ciências Económicas e Empresarias – ISCEE (São Vicente) sobre Turismo Comunitário no Bairro da Ribeira Bote. O mesmo tem por objectivo analisar e conhecer de perto o grau de envolvimento da comunidade no processo de desenvolvimento turístico e tentar perceber o conhecimento que esta tem sobre o turismo comunitário.  
A sua participação é fundamental e esta será inteiramente anónima.

**Quem deverá preencher este questionário?**

Pessoas com idade igual ou superior a 18 anos residentes na comunidade de Ribeira Bote

**A - Sobre o Turismo**

**1-** Há quanto tempo mora na comunidade Ribeira Bote? \_\_\_\_\_

**2-** Na comunidade existe alguma actividade relacionada ao turismo?

Sim \_\_\_\_ Não \_\_\_\_ Não Sei \_\_\_\_

**3-** Se sim, qual (ais)? \_\_\_\_\_

**Se respondeu “não” ou “não sei”, passar para a pergunta 7.**

**4-** O tipo de turismo que é praticado beneficia a comunidade?

Sim \_\_\_\_ Não \_\_\_\_ Não Sei \_\_\_\_

**5-** Já participou em alguma actividade voltada para o turismo?

Palestra \_\_\_\_ Reunião \_\_\_\_ Nenhuma \_\_\_\_  
Outra(s) \_\_\_\_\_

**6-** O que oferecem aos turistas quando estes visitam a comunidade? \_\_\_\_\_

**B – Sobre o Turismo Comunitário**

**7-** Já ouviu falar do turismo comunitário?

Sim \_\_\_\_ Não \_\_\_\_ Não sei \_\_\_\_

**Se respondeu “não” ou “não sei”, passar para a pergunta 12.**

**8-** Indique algumas actividades relacionadas com o Turismo Comunitário.  
\_\_\_\_\_

**9-** Já foi beneficiado alguma vez ou não pelas actividades promovidas no âmbito desse tipo de turismo?

Sim \_\_\_\_ Não \_\_\_\_

**10-** Como avalia a sua satisfação relativamente ao desenvolvimento deste tipo de turismo?

Satisfeito \_\_\_\_ Muito satisfeito \_\_\_\_  
Insatisfeito \_\_\_\_ Muito Insatisfeito \_\_\_\_

**11-** Já trabalhou alguma vez em equipa?

Sim \_\_\_\_ Não \_\_\_\_

**12-** Acredita que trabalhando em equipa pode-se desenvolver o turismo na comunidade?

---

**TURISMO COMUNITÁRIO NO BAIRRO DA RIBEIRA BOTE: PROPOSTA PARA O SEU DESENVOLVIMENTO**

---

Sim \_\_\_\_ Não \_\_\_\_ Não Sei \_\_\_\_

**13-** Na comunidade existe alguma associação?

Sim \_\_\_\_ Não \_\_\_\_ Não Sei \_\_\_\_

**14-** De que tipo? \_\_\_\_\_

**15-** Como avalia o desempenho da associação para comunidade?

Satisfeito \_\_\_\_ Muito Satisfeito \_\_\_\_

Insatisfeito \_\_\_\_ Muito Insatisfeito \_\_\_\_

**16-** Indique alguns meios de diversão existentes na comunidade

\_\_\_\_\_

**17-** Existe ou não alguma festa tradicional na comunidade?  
Sim \_\_\_\_ Não \_\_\_\_

**18-** Todos participam?

Sim \_\_\_\_ Não \_\_\_\_ Não Sei \_\_\_\_

**19-** Gostaria ou não de receber visitantes na comunidade?

Sim \_\_\_\_ Não \_\_\_\_ Não Sei \_\_\_\_

**20-** O que a comunidade possui e que pode fazer parte do desenvolvimento do turismo? \_\_\_\_\_

**21-** Quais as actividades relacionadas ao turismo que, na sua opinião, acha importante desenvolverem na comunidade? \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

---

TURISMO COMUNITÁRIO NO BAIRRO DA RIBEIRA BOTE: PROPOSTA PARA O SEU  
DESENVOLVIMENTO

---

**Caracterização socio demográfica da amostra**

**1. Idade:**

18 a 24 \_\_\_\_ 25 a 30 \_\_\_\_ 31 a 39 \_\_\_\_  
40 a 48 \_\_\_\_ 60 e mais anos \_\_\_\_

**2. Sexo:**

M \_\_\_\_ F \_\_\_\_

**3. Estado civil:**

Solteiro \_\_\_\_ Casado \_\_\_\_ União de facto \_\_\_\_  
Viúvo \_\_\_\_ Divorciado/separado \_\_\_\_

**4. Habilitações literárias:**

Sem nível de escolaridade \_\_\_\_ Ensino básico \_\_\_\_  
Ensino secundário \_\_\_\_ Curso médio \_\_\_\_ Ensino superior \_\_\_\_

**5. Situação perante o trabalho:**

Empregado(a) \_\_\_\_ Desempregado (a) \_\_\_\_  
Estudante \_\_\_\_ Reformado \_\_\_\_  
À procura de 1º Emprego \_\_\_\_ Doméstico \_\_\_\_  
Outro \_\_\_\_  
Qual? \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

**6. Se assinalou a resposta empregado, indique: por favor a sua profissão?** \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

**7. Em que tipo de organização trabalha?** (Ex: Hotel, banco, estabelecimento comercial de vendas de artes tradicionais, restaurante, outro): \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

**8. Algum membro da família é empregado no sector turístico?** (Ex: Hotel, Restaurante, transporte de passageiros, Agência de viagem, Centro culturais e de recreio):

Sim \_\_\_\_ Não \_\_\_\_ (se respondeu não passe à 10)

**9. Se sim qual é a profissão?** \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

**10. Qual é o valor médio de rendimento líquido mensal do agregado familiar?**

0 -10 (Mil Escudos) \_\_\_\_  
10- 20 (Mil Escudos) \_\_\_\_  
20-40 (Mil Escudo) \_\_\_\_  
40-60 (Mil Escudo) \_\_\_\_  
60-80 (Mil Escudos) \_\_\_\_  
+ De 80 (Mil Escudos) \_\_\_\_

**Muito obrigada pela sua colaboração!**





